



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KHÉZIA CRISTINA DE SOUZA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE
TIPO 4 E DAS MARCAS DE USO DO ESTADO DE GOIÁS NO DICIONÁRIO
DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA**

CATALÃO (GO)

2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

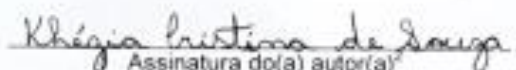
Nome completo do(a) autor(a): Khézia Cristina de Souza

Título do trabalho: Estudo da variação diatópica em dicionários escolares de tipo 4 e das marcas de uso do Estado de Goiás no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

Shib de P. G. Gonalves
Assinatura do(a) orientador(a)

Data: 16 / 03 / 2020

KHÉZIA CRISTINA DE SOUZA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE
TIPO 4 E DAS MARCAS DE USO DO ESTADO DE GOIÁS NO DICIONÁRIO
DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem - nível de Mestrado - da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem, Cultura e Identidade.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura.

Orientador/a: Profa. Dra. Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves.

CATALÃO (GO)

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Souza, Khézia Cristina de
Estudo da variação diatópica em dicionários escolares de tipo 4 e das marcas de uso do Estado de Goiás no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara [manuscrito] / Khézia Cristina de Souza. - 2020.
128 f.: il.

Orientador: Profa. Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2020.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, símbolos, gráfico, tabelas, lista de figuras.

1. Lexicografia. 2. Dicionários escolares. 3. Variação diatópica. 4. Regionalismo. 5. Goiás. I. Gonçalves, Sheila de Carvalho Pereira, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

ATA UAELL-RC 002/2020

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 1202020

Às 14 horas do dia dezessete de fevereiro de dois mil e vinte, no Laboratório LADFFON, bloco E, Sala 01, Campus I da UFG - Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, composta pelos docentes: Profa. Dr.ª Sheila de Carvalho Pereira Gonçalves - [Orientadora], da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Kínia Mara de Freitas Siqueira, da Universidade Federal de Goiás - UFG/RC; Profa. Dra. Lucimara Alves da Conceição Costa, da Universidade de São Paulo - USP (por webconferência); para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada "ESTUDO DA VARIACÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE TIPO 4 E DAS MARCAS DE USO DO ESTADO DE GOIÁS NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA", de autoria da mestranda Khézia Cristina de Souza, matrícula 2018100796. Iniciando os trabalhos, o Presidente da sessão apresentou a Banca e o candidato ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra ao mestrando para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o candidato: aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo discente. Regional Catalão, UFG, aos dezessete dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Observações (se for o caso):



Documento assinado eletronicamente por Sheila De Carvalho Pereira Gonçalves, Professora do Magistério Superior, em 17/02/2020, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Lucimara Alves da Conceição Costa, Usuário Externo, em 19/02/2020, às 08:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Kínia Mara de Freitas Siqueira, Usuário Externo, em 19/02/2020, às 11:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&codigo_documento=0, informando o código verificador 1139611 e o código CRC 53B56314.

*Ao meu pai, Marco Aurélio:
Por sempre me proteger e ser a minha inspiração de vida.*

*À minha mãe, Vera Lúcia:
Por me mostrar o verdadeiro amor e ser meu porto seguro.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus, por toda saúde e sabedoria necessárias.

Agradeço aos meus pais, Marco Aurélio e Vera Lúcia, que me deram apoio e fizeram de mim o que sou hoje. Meu coração se enche de orgulho quando falo de vocês. Ao meu irmão, Maiquel, por todo o carinho e conversas que me fazem muito bem.

Ao Frederico, por todo o companheirismo, amor e paciência em todos os momentos, por segurar minha mão e enfrentar tudo ao meu lado. À família dele, por me divertirem e me tratarem tão bem.

Aos meus familiares, que caminham sempre ao meu lado e estão presentes em todas as etapas da minha vida.

Aos meus amigos, pelas conversas, pelo carinho e por todos os momentos de alegria. Em especial à Gabriela, por ter um coração maravilhoso. À Larice, por ser minha companheira para qualquer momento. À Mariane, por ser tão divertida e apoiar cada conquista minha. À Paula, por ser minha amiga desde que nasci e acompanhar cada etapa ao meu lado. À Thayná, por ser minha amiga desde o primeiro ano de escola, sempre presente na minha vida, mesmo distante fisicamente. Amo muito vocês!

Aos colegas de mestrado, que dividiram todas as conquistas e lutas nessa etapa tão sonhada. Especialmente à Priscila, pela companhia nas disciplinas e pelo companheirismo.

À minha orientadora Sheila, por estar presente em toda a minha trajetória como pesquisadora, desde o terceiro período de graduação em Letras. Obrigada por acreditar em mim e na minha pesquisa. Obrigada por todas as orientações, sempre tão presente e cuidadosa. Foram 5 anos que me ensinaram muito e tenho muito orgulho de você. Só conquistei este sonho porque você esteve comigo!

À minha banca de qualificação, Prof^a. Dr^a. Lucimara Alves da Conceição Costa e Prof^a. Dr^a. Kênia Mara de Freitas Siqueira, por fazerem importantes contribuições para esta pesquisa.

À FAPEG, pela bolsa de estudos concedida durante o Mestrado, sendo fundamental para a realização deste sonho.

À todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu mais sincero carinho e agradecimento!

RESUMO

A variação diatópica é um conteúdo que deve ser contemplado nos dicionários escolares de tipo 4. Diante disso, nosso objetivo geral é proceder a um estudo comparado acerca dos critérios lexicográficos adotados para o registro da variação diatópica em dicionários escolares de tipo 4 e um levantamento das marcas de Goiás no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara. As obras que compõem o nosso *corpus* são: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara; Dicionário Unesp do Português Contemporâneo; Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa; Dicionário Houaiss Conciso. A Metodologia encontra-se organizada da seguinte forma: elencamos o acervo de dicionários de tipo 4 para um estudo comparado sobre os critérios lexicográficos acerca da variação diatópica. Em seguida, selecionamos o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara para coletarmos as entradas de verbetes com marcas diatópicas a fim de verificar como se dá o registro dessas marcas. Logo após, fizemos um levantamento dos verbetes que registraram, especialmente, a marca de Goiás para, então, tecermos nossas comparações com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil e, finalmente, discutirmos as contribuições do ALiB para a confecção de dicionários. Nossos resultados mostram que o estado de Goiás teve 16 marcas diatópicas ao longo do Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara e que, ainda, nenhum desses verbetes foi encontrado no Projeto ALiB com a marca de Goiás.

Palavras-chave: Lexicografia. Dicionários escolares. Variação diatópica. Regionalismo. Goiás.

ABSTRACT

The diatopic variation is a subject that must be contemplated in school dictionaries type 4. In view of that, our general goal is to perform a study comparing the lexicographic criteria used for registering the diatopic variation in school dictionaries type 4 and a survey of the diatopic marks from Goiás in Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara; Dicionário Unesp do Português Contemporâneo; Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa; Dicionário Houaiss Conciso. The methodology we used was to catalogue the collections of dictionaries type 4 for a compared study about lexicographic criteria on diatopic variation. Then, we selected the Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara to collect the entries with diatopic marks with the purpose of checking how the record of these marks is done. After that, we did a survey of entries that registered, especially, marks from Goiás for, then, write our comparisons with the Projeto Atlas Linguístico do Brasil e, finally, discuss the contributions from ALiB for making dictionaries. Our results show that de state of Goiás had 16 diatopic marks over the Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara and still none of these entries was found in ALiB project as a mark from Goiás.

Keywords: Lexicography. School dictionaries. Diatopic variation. Regionalism. Goiás.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DEB – Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011)

DHC – Dicionário Houaiss Conciso (2011)

DUP – Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2011)

NALP – Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011)

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2012

Quadro 2 – Modelo de ficha com as marcas diatópicas

Figura 1 – Capa do NALP

Figura 2 – Capa do DHC

Figura 3 – Capa do DUP

Figura 4 – Capa do DEB

Figura 5 – Exemplo do NALP

Figura 6 – Lista de abreviaturas do NALP

Figura 7 – Exemplo do DHC

Figura 8 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 9 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 10 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 11 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 12 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 13 – Lista de abreviaturas do DHC

Figura 14 – Exemplo do DUP

Figura 15 – Lista de abreviaturas do DUP

Figura 16 – Lista de abreviaturas do DUP

Figura 17 – Lista de abreviaturas do DUP

Figura 18 – Exemplo do DEB

Figura 19 – Exemplo do DEB

Figura 20 – Lista de abreviaturas do DEB

Figura 21 – Verbetes do NALP

Figura 22 – Verbetes do NALP

Figura 23 – Verbetes do DHC

Figura 24 – Verbetes do DUP

Figura 25 – Verbetes do DEB

Figura 26 – Quantidade de marcas diatópicas nacionais no DEB

Figura 27 – Quantidade de marcas diatópicas de regiões brasileiras no DEB

Figura 28 – Quantidade de marcas diatópicas de estados brasileiros no DEB

Figura 29 – Lista de abreviaturas do DEB

Figura 30 – Verbete do DEB
Figura 31 – Verbete do DEB
Figura 32 – Verbete do DEB
Figura 33 – Verbete do DEB
Figura 34 – Verbete do DEB
Figura 35 – Verbete do DEB
Figura 36 – Verbete do DEB
Figura 37 – Verbete do DEB
Figura 38 – Verbete do DEB
Figura 39 – Verbete do DEB
Figura 40 – Verbete do DEB
Figura 41 – Verbete do DEB
Figura 42 – Verbete do DEB
Figura 43 – Verbete do DEB
Figura 44 – Verbete do DEB
Figura 45 – Verbete do DEB
Figura 46 – Carta semântico-lexical L19 do ALiB
Figura 47 – Verbete do DEB
Figura 48 – Verbete do DEB

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E CULTURA	20
1.2 LEXICOGRAFIA E LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA.....	21
1.3 DICIONÁRIOS ESCOLARES E O PNLD	24
1.4 AS MARCAS LEXICOGRÁFICAS EM UM DICIONÁRIO ESCOLAR	27
1.5 SOCIOLINGUÍSTICA.....	30
1.6 REGIONALISMOS E BRASILEIRISMOS	34
1.7 CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTADO DE GOIÁS	38
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DE PESQUISA	42
CAPÍTULO 3: RESULTADOS DE NOSSAS PESQUISAS	45
3.1 BREVE EXPOSIÇÃO DOS TEXTOS INICIAIS DOS DICIONÁRIOS DE TIPO 4... 45	
3.1.1 NOVÍSSIMO AULETE DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2011)	45
3.1.2 DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO (2011).....	49
3.1.3 DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (2011)	53
3.1.4 DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)..	55
3.2 CRITÉRIOS LEXICOGRÁFICOS ADOTADOS PELOS AUTORES PARA O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO DIATÓPICA NOS DICIONÁRIOS DE TIPO 4.....	59
3.2.1 NOVÍSSIMO AULETE DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2011)	59
3.2.2 DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO (2011).....	61
3.2.3 DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (2011)	67

3.2.4 DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)..	71
3.3 ANÁLISE COMPARADA DOS CRITÉRIOS LEXICOGRÁFICOS SOBRE A VARIÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS DE TIPO 4.....	73
3.4 ABRANGÊNCIA DAS MARCAS DIATÓPICAS DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)	80
3.5 VERBETES COM MARCA DIATÓPICA DE GOIÁS.....	83
3.6 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALIB PARA OS DICIONÁRIOS	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE.....	97
APÊNDICE 1: MARCAS DIATÓPICAS NO DEB.....	98
ANEXOS.....	121
ANEXO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS ACERVOS DE DICIONÁRIOS – PNLD/2012	122
ANEXO 2: COMPOSIÇÃO DOS ACERVOS DE DICIONÁRIOS – PNLD/2012	123
ANEXO 3: CRITÉRIOS QUE SELECIONARAM OS DICIONÁRIOS – PNLD/2012...	125

ESTUDO DA VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS ESCOLARES DE TIPO 4 E DAS MARCAS DE USO DO ESTADO DE GOIÁS NO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA

INTRODUÇÃO

Biderman (1984, p. 1) reconhece que “a antiguidade não produziu obras lexicográficas no sentido que hoje damos a esse termo”. Para a autora (BIDERMAN, 1984, p. 2), a verdadeira Lexicografia só teve início nos tempos modernos. A Lexicografia monolíngue surgiu e se desenvolveu no século XVII e foi sendo, aos poucos, aperfeiçoada ao que conhecemos hoje.

Antigamente, os trabalhos de teor vagamente lexicográficos eram os glossários produzidos pela escola grega e dos latinos que, na verdade, eram feitos por filólogos ou gramáticos que estavam “preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de ‘erros’ linguísticos” (BIDERMAN, 1984, p. 1).

A definição de dicionário, mesmo nos dias de hoje, é muito questionada. Segundo Coroa (2011), “o dicionário seria um acervo de nomes para ‘coisas’ do mundo” e é “mais do que uma forma de nomear e classificar as coisas do mundo: é um apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos” (COROA, 2011, p. 62).

Porto Dapena (2002) discute o conceito de dicionário e suas características. Para ele, essa obra possui uma “finalidade pedagógico-prática”¹, sendo caracterizada por uma obra que:

de fato, responde a necessidades específicas, a saber: resolver, em primeiro lugar, as dúvidas que acerca das palavras concretas podem ser apresentadas ao usuário da língua e, em segundo lugar, fazer com que essa resolução seja a mais rápida, eficaz e precisa possível² (PORTO DAPENA, 2002, p. 35, tradução nossa).

Atualmente, no Brasil, os dicionários fazem parte do material didático distribuído nas escolas por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação (MEC). Além da avaliação e distribuição das obras, importantes publicações surgiram sobre esse tema, que contribuíram para dar mais notoriedade aos dicionários escolares no cenário brasileiro como ferramenta no contexto escolar.

¹ “finalidad pedagógico-práctica” (PORTO DAPENA, 2002, p. 35).

² El diccionario, efectivamente, responde a unas necesidades concretas, a saber: resolver, en primer lugar, las dudas que acerca de las palabras concretas puedan presentársele al usuario de la lengua, y, en segundo término, tratar de que esa resolución sea lo más rápida, eficaz y precisa posible (PORTO DAPENA, 2002, p. 35).

No ano de 2012, um edital propôs a divisão dos dicionários que compõem o acervo escolar em 4 tipos, sendo cada um deles desenvolvido obedecendo a critérios específicos e direcionados para um determinado público-alvo, conforme a seguinte divisão:

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de tipo 1	1º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de tipo 3	6º ao 9º ano do ensino Fundamental	Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino Fundamental.
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do ensino Médio	Mínimo de 40.000 e máximo 100.000 verbetes; Proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, porém adequada às demandas escolares do ensino Médio, inclusive o profissionalizante.

Quadro 1: Distribuição dos acervos propostos pelo PNLD/MEC 2012³

³ Informação retirada do texto: “Com direito à palavra: dicionários em sala de aula”, divulgado pelo PNLD/2012 (BRASIL, 2012, p. 19).

Os motivos que nos levaram a trabalhar com os dicionários escolares foram, em primeiro lugar, porque são obras que nos interessam desde a graduação, quando desenvolvemos dois relatórios de Iniciação Científica com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), fazendo parte do projeto “O dicionário como material didático: reflexões e possibilidades” e um artigo de Trabalho de Conclusão de Curso, ambos voltados para a Lexicografia.

Em segundo lugar, pela importância do caráter didático, como é exposto por Gonçalves (2013, p. 170) ao apontar que o dicionário é utilizado para ensinar e é uma ferramenta útil no processo de ensino e aprendizagem. Por essa característica, são materiais que passaram por análise e aprovação do Programa Nacional do Livro Didático, doravante PNLD, sendo distribuídos às escolas de forma gratuita para uso de professores e alunos.

Além disso, a Lexicografia permite um diálogo com outras áreas da linguagem. Uma delas, por exemplo, é a Sociolinguística, disciplina que, segundo Alkmin (2012), lida com a língua falada em seu contexto de uso.

Dessa forma, esta pesquisa insere-se no âmbito da Lexicografia, entendida aqui como aquela que elabora dicionários de língua ou especiais (BARROS, 2004, p. 133) e da Sociolinguística, por propormos reflexões acerca da variação diatópica nos dicionários escolares. Faz-se necessário esclarecer que variação diatópica se refere à variação geográfica, como está descrito no conceito adotado por Alkmin (2012, p. 36): “a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática)”.

Nosso trabalho tem como *corpus* os seguintes dicionários de tipo 4: Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara; Dicionário Unesp do Português Contemporâneo; Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa; Dicionário Houaiss Conciso.

Tivemos como objetivo geral proceder a um estudo comparado acerca dos critérios lexicográficos adotados para o registro da variação diatópica em dicionários escolares de tipo 4 e realizar um levantamento das marcas de Goiás no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara.

Como objetivos específicos, apresentamos: identificar os critérios de variação diatópica utilizados pelos autores nas quatro obras do nosso *corpus*; fazer uma análise comparativa dos critérios utilizados pelos autores dos dicionários de tipo 4; identificar e elencar, de forma manual, as entradas de verbetes com marcas diatópicas no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011); discutir a abrangência das marcas diatópicas no Dicionário da Língua

Portuguesa Evanildo Bechara (2011); fazer um levantamento dos verbetes que registraram, especialmente, a marca de Goiás; discutir as contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil para a confecção de dicionários.

Vale acrescentar que o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011) foi selecionado para a identificação dos verbetes com marca diatópica pelos seguintes motivos: inicialmente, porque não haveria tempo de trabalhar com mais obras no Mestrado, já que se trata de um curto prazo e nossa análise foi feita considerando as 51.210 entradas. Além disso, selecionamos por meio de uma leitura nas páginas introdutórias do dicionário, constatamos que essa obra apresenta os critérios para abordar a variação diatópica e um quadro para regionalismos contendo um grande número de regiões brasileiras, o que nos levou a selecioná-lo.

Nossa pesquisa encontra-se organizada da seguinte forma:

O **capítulo 1** apresenta os subsídios teóricos e está subdividido em sete partes, com discussões sobre língua, linguagem e cultura; Lexicografia; dicionários escolares e o PNLD; as marcas de uso em um dicionário escolar; Sociolinguística e variação linguística; regionalismos e brasileirismos; e, por fim, o contexto histórico do estado de Goiás.

O **capítulo 2** detalha o *corpus* e a metodologia adotada para a confecção deste trabalho.

O **capítulo 3** apresenta os resultados de pesquisa, sendo composto pelas análises e discussão dos dados.

Em seguida, apresentaremos as **Considerações finais, Referências, Apêndice e Anexos**. A seguir, nossa Fundamentação teórica.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E CULTURA

Conceitos acerca de língua, linguagem e cultura serão apresentados objetivando evidenciar a intrínseca relação existente entre eles. De acordo com Mollica (2003, p. 142), a língua:

consiste num sistema organizado de relações entre processamento verbal e significado. Ela constitui a base cognitiva dos seres humanos, que justamente lhe faculta as habilidades de construir, transmitir, receber e interpretar mensagens com conteúdos de sentido, de modo a capacitar os ouvintes e surdos a pensar, raciocinar, sentir, sonhar, lembrar, projetar metas, assim como processar outras ações sócio-interacionais.

Essas ações “sócio-interacionais” são expressadas em Pilla (2002), quando trata do caráter social da língua, apontando a interação entre língua e sociedade. Para a autora, “a interação entre língua e sociedade, ao tempo em que faz da primeira um reflexo da segunda, torna-a, por isso mesmo, um índice para estudos sociológicos e antropológicos da cultura” (PILLA, 2002, p. 14).

Ainda estabelecendo o conceito de língua, Câmara Jr. (2004, p. 53-54), reconhece que a língua não tem finalidade em si mesma e sua função é de expressar a cultura, permitindo a comunicação social. Assim, dentre as funções que a língua exerce, ela expressa a cultura de um povo. O autor (CÂMARA JR., 2004, p. 53) aponta que “a língua depende de toda a cultura, pois tem de expressá-la a cada momento”. Já para Fiorin (2015), a língua serve para que possamos interpretar a realidade, perceber o mundo e, também, é um instrumento de interação social.

Nesse sentido, acreditamos que a língua expressa a cultura, pois percebemos que a principal importância da língua está ligada à nossa interação social e comunicação, servindo como um meio de propagarmos nossa cultura.

A cultura, por sua vez, é apontada por Câmara Jr (2004, p. 51) como “o conjunto do que o homem criou na base das suas faculdades humanas: abrange o mundo humano em contraste com o mundo físico e o mundo biológico”.

Já para Capucho (2009, p. 2), ela (a cultura) está relacionada com o resultado da herança social e aprendizagem:

A cultura será, assim, simultaneamente uma herança social e um constructo individual, resultado de aprendizagem (experencial, na grande maioria dos

casos), que corresponde ao conjunto de representações que os grupos sociais (e os indivíduos neles inseridos) constroem sobre o mundo.

Durante a aquisição de língua materna, aprendemos, também, a cultura e o léxico daquele lugar em questão, portanto, a relação de língua e cultura influencia nas nossas escolhas lexicais. No contexto em que vive o Brasil, é notável a existência de várias culturas, já que fomos influenciados por europeus, africanos, asiáticos, dentre outros imigrantes – além dos indígenas – nos dias de hoje, é muito fácil se comunicar e receber influência de outros povos.

A linguagem, para Benveniste (1976, p. 20), é uma “faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza”. Butti (2007, p. 78), citando Newcombe (1999), coloca que, sendo a linguagem uma faculdade humana, ela permite ao homem representar simbolicamente o mundo.

Além dessas concepções, Fiorin (2015) aponta que, naturalmente, já nascemos aptos para desenvolver a fala e a principal função da linguagem é a comunicação. Assim, reconhecemos que a linguagem é um instrumento que permite a comunicação, sendo uma prática humana que faz parte da nossa vida em sociedade.

De acordo com Biderman (1987, p. 82), “as categorias léxicas variam de língua para língua”. Durante a interação social, o falante dispõe de uma escolha lexical e, muitas vezes, busca suporte em outras línguas. Sendo assim, o léxico de uma língua não está composto apenas pelo acervo já existente, pois, além dele, utilizamos diversas expressões de outras línguas. O léxico, por sua vez, conforme Biderman (2001, p. 203) é “um sistema aberto e em expansão”. Justamente por esse caráter, ou seja, “aberto e em expansão”, ele sempre se expande e está em constante variação, portanto, a língua também muda e varia o tempo todo.

Diante desses apontamentos, fica evidente a relação entre língua, linguagem e cultura, uma vez que a língua expressa a cultura e, a linguagem, sendo uma faculdade humana, estabelece papel fundamental nessa relação. Finalmente, não há uma cultura melhor que a outra, uma língua melhor que a outra e assim por diante, não devendo, assim, serem motivos para a exclusão dos falantes.

1.2 LEXICOGRAFIA E LEXICOGRAFIA PEDAGÓGICA

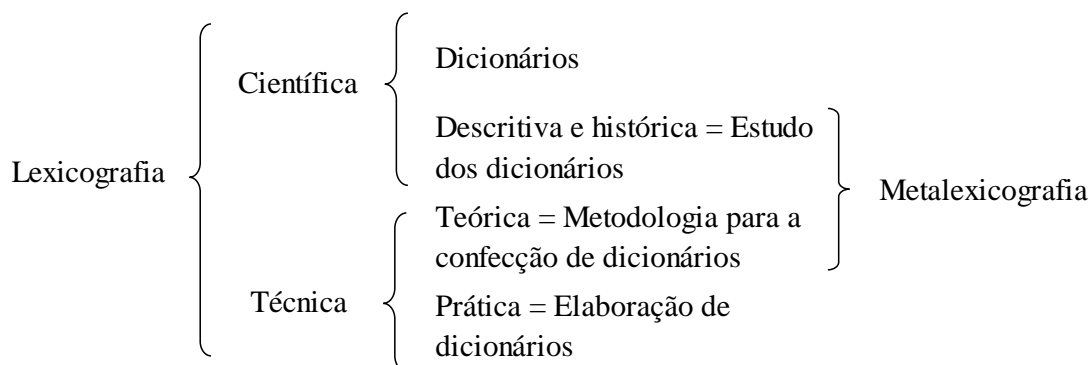
A Lexicografia faz parte de um ramo da Linguística que se ocupa do estudo do léxico, assim como a Lexicologia e a Terminologia. Para Welker (2004), a Lexicografia tem dois sentidos: Lexicografia prática e Lexicografia teórica ou metalexicografia. A Lexicografia

prática é entendida como a “‘ciência’, ‘técnica’, ‘prática’ ou mesmo ‘arte’ de elaborar dicionários”. Já a Lexicografia teórica é “o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da Lexicografia, a pesquisa do uso de dicionários [...] e ainda a tipologia” (WELKER, 2004, p. 11).

O autor ainda cita que essa mesma distinção ocorre na Lexicografia pedagógica: a Lexicografia pedagógica prática é responsável por elaborar dicionários pedagógicos, já a Lexicografia pedagógica teórica (ou metalexigrafia pedagógica) estuda os dicionários pedagógicos (WELKER, 2004, p. 104).

Segundo Porto Dapena (2002, p. 24), a Lexicografia é “a disciplina que se ocupa de todas questões relativas aos dicionários, tanto no que diz respeito a seu conteúdo científico (estudo do léxico), quanto à sua elaboração material e as técnicas adotadas em sua realização”⁴. Já para Fernández (2003, p. 34), ela tem sido definida como a “arte de fazer dicionários”⁵ e, mais modernamente, como “a técnica de fazer dicionários”⁶.

Porto Dapena (2002, p. 23) esquematiza a Lexicografia entre científica e técnica da seguinte forma:



Hwang (2010), por sua vez, mostra que o fazer lexicográfico é uma prática antiga:

a prática lexicográfica de produção de dicionários é, no entanto, muito anterior à sua consolidação enquanto ciência. Enquanto técnica de produção de dicionários, a Lexicografia é, portanto, bem mais antiga e goza de uma longa tradição (HWANG, 2010, p. 33).

⁴ “la disciplina que se ocupa de todo lo concernente a los diccionarios, tanto en lo que se refiere a su contenido científico (estudio del léxico) como a su elaboración material y a las técnicas adoptadas em su realización”. (PORTO DAPENA, 2002, p. 24)

⁵ “El arte de hacer diccionarios” (FERNÁNDEZ, 2003, p. 34, grifo do autor).

⁶ “La técnica de hacer diccionarios” (FERNÁNDEZ, 2003, p. 34, grifo do autor).

Sobre a metalexigrafia, Welker (2004, p. 21) cita que Wiegand (1984) a subdividiu em 4 subáreas: história da Lexicografia, teoria geral da Lexicografia, pesquisa sobre o uso de dicionários e crítica de dicionários.

Pontes (2009, p. 20) pontua a importância da prática metalexigráfica, afirmando que os trabalhos nessa área servem como fundamentos sólidos tanto para o fazer lexicográfico quanto para discussões da Lexicografia.

Já a Lexicografia pedagógica ou didática, que chamaremos aqui por Lexicografia pedagógica, é, de acordo com Pontes (2009), definida a partir de duas características fundamentais: “a escolha de um público definido e de um fim específico” (PONTES, 2009, p. 21).

Acerca da composição de dicionários, sabemos que há uma grande diversidade de tipologia dessas obras, conteúdo, dentre outros. Para Welker (2004, p. 12), isso pode ser justificado pelos seguintes fatos: “a) elas foram redigidas em diversas línguas; b) a Lexicografia evoluiu; c) cada um dos autores tem seu próprio ponto de vista, quer ressaltar fenômenos específicos ou apresentá-los de determinada maneira”.

Uma das questões que apresentam discussão entre os estudiosos da Lexicografia ao elaborar um dicionário é a nomenclatura que deve compor essas obras. Duran e Xatara (2006) pontuam que a maneira mais lógica parece ser feita pela frequência, mas, determinar essa frequência é um desafio. Para elas, embora que a Linguística de *Corpus* auxilie os lexicógrafos nessa tarefa, é necessário ter um *corpus* tanto da língua escrita quanto da língua falada.

As autoras (DURAN; XATARA, 2006) afirmam que os dicionários para aprendizes, que é como chamam os dicionários pedagógicos, possuem, em média, 25.000 verbetes. Esse número, no entanto, pode variar se o dicionário traz os derivados em entradas distintas, por exemplo. Por esse motivo, para elas (DURAN; XATARA, 2006, p. 45) é arriscado tratar de números ideais para a composição da nomenclatura desses dicionários.

Para Welker (2004, p. 83) o número de verbetes varia por decisões que o lexicógrafo toma a respeito da inclusão ou não de diversos tipos de lexemas e da preferência pela homonímia ou polissemia. Para o autor, o fator mais importante para definir o tamanho da nomenclatura diz respeito ao tipo de dicionário que quer produzir (WELKER, 2004, p. 84).

A seguir, em seção específica, trataremos dos dicionários escolares desde a sua criação por parte do PNLD e suas respectivas características. Apresentaremos alguns conceitos de dicionário para diferentes autores, além de, especialmente, sustentar a importância do dicionário para o contexto escolar, uma vez que nosso *corpus* é composto por dicionários

escolares que, ao lado do livro didático, servem de suporte ao professor e aluno durante o ensino de língua, especialmente a materna.

Vale, ainda, esclarecer que volveremos o nosso olhar para um ponto específico na construção dessas obras e que diz respeito especialmente as suas marcas diatópicas. Desta maneira, esta seção abordará, além da importância dos dicionários escolares, o tratamento das marcas diatópicas.

1.3 DICIONÁRIOS ESCOLARES E O PNLD

Muitos autores percebem a importância de distinguir um dicionário de uma enciclopédia. Welker (2004) explica a diferença entre eles. Para o autor, “o dicionário trata, em cada verbete, de um determinado lexema; se o lema é, por exemplo, *dizer*, ele não vai tratar de *falar*. Na enciclopédia, ao contrário, o mesmo assunto pode ter diversas entradas” (WELKER, 2004, p. 45, grifos do autor).

Vilela (1995, p. 217) pontua que os dicionários têm prestígio social e prestigiam quem os possui. Já Pontes (2009) aborda as informações que esse tipo de obra contempla, motivo que faz com que os dicionários sejam ferramentas tão úteis para a aprendizagem de língua:

Como repertório de palavras, organiza-se, na maioria das vezes, por ordem alfabética, para facilitar a consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas, discursivas e socioculturais. Desse modo, encontram-se no dicionário aspectos das palavras relativos a: gênero gramatical, forma gráfica e sonora, etimologia, significação, valores expressivos, modo de emprego, grau de especialização em função dos diferentes níveis da língua (PONTES, 2009, p. 24).

Para nós, fica evidente que o dicionário é um instrumento de apoio para a aprendizagem de língua, não só a materna, carregando consigo aspectos muito além de gramaticais, como, por exemplo, a cultura de um país. No entanto, consideramos ser de fundamental importância que os textos iniciais dos dicionários sejam apresentados para o consulente de forma clara, objetivando um melhor manuseio da obra.

Quando se fala em dicionário, Welker (2004, p. 78) indica que o que vem à cabeça é a “lista de palavras com informações sobre elas”, mas, na grande maioria das obras, outros elementos podem fazer parte da composição. É o que o autor denomina de textos externos:

prefácio, introdução, lista de abreviaturas usadas no dicionário, informações sobre a pronúncia, resumo da gramática, lista de siglas e/ou abreviaturas, lista de verbos irregulares, lista de nomes próprios, lista de provérbios, bibliografia, fontes, às vezes, certas curiosidades. (WELKER, 2004, p. 78-79)

Miranda (2007) aponta que os especialistas entraram em consenso desde a década de 80 de que os dicionários não seguem dando conta de todo o léxico de uma língua, mas devem ser concebidos de acordo com objetivos e público-alvo específicos.

Dessa forma, Duran e Xatara (2006, p. 42) afirmam que dicionários específicos podem ser mais fáceis para a consulta, por conterem informações necessárias para um determinado público e função. Além disso, para as autoras, o lexicógrafo deve tomar várias decisões ao planejar um dicionário e todas elas devem considerar o usuário a que se destina a obra. Nesse caso, o dicionário pedagógico deverá levar em conta o aprendiz (DURAN; XATARA, 2006, p. 42).

A característica do dicionário pedagógico ou escolar “é que eles pretendem levar em conta as habilidades (e, portanto, também as dificuldades) e as necessidades de consulta dos aprendizes de línguas” (WELKER, 2011, p. 105).

Pontes (2009, p. 14) relata que os estudantes de todas as áreas do conhecimento aprendem, com o dicionário, não só a língua, mas também conhecimentos enciclopédicos, científicos, ideológicos. Para ele (PONTES, 2009, p. 25), o caráter didático do dicionário: “faz que este seja um instrumento pedagógico da maior importância, desde que cumpra convenientemente suas funções, entre tantas, a de auxiliar o aluno no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e comunicação oral”.

Complementando essa opinião, Coroa (2011), enfatiza a importância dessas obras e salienta que, como participante da sala de aula, o dicionário serve de apoio para o professor: “A busca ao dicionário propicia oportunidades para o professor contemplar questões gramaticais, textuais e discursivas nas práticas de sala de aula” (COROA, 2011, p. 70).

Como afirmamos anteriormente, no que diz respeito ao Brasil, os dicionários escolares passaram a fazer parte do contexto de sala de aula a partir de 2000 por parte do PNLD. Antigamente, esse Programa avaliava apenas os livros didáticos a serem entregues às escolas, mas, a partir dessa data, passou a incluir os dicionários em sua avaliação.

Em 2006, os dicionários escolares foram divididos em tipo 1, tipo 2 e tipo 3, apresentando as características:

Dicionários de tipo 1: número de verbetes: mínimo de 1.000 e máximo de 3.000 e proposta lexicográfica adequada à introdução do alfabetizando ao gênero dicionário; *Dicionários de tipo 2*: número de verbetes: mínimo de 3.500, máximo de 10.000 e proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita; *Dicionários de tipo 3*: número de

verbetes: mínimo de 19.000 e máximo de 35.000. Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão, porém adequada a alunos das últimas séries do primeiro segmento do ensino fundamental (KRIEGER, 2011, p. 137, grifos da autora)

No ano de 2012, um edital coordenado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) propôs a divisão desse material em 4 tipos, sendo cada um deles desenvolvidos sob critérios específicos para o público-alvo de cada etapa de ensino. Nesse caso, houve a inclusão de dicionários para as turmas do 1º ao 3º ano do ensino Médio, sendo denominados por *Dicionários de tipo 4*: número de verbetes: mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes e proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante (BRASIL, 2012, p. 19).

As características dos 4 tipos selecionados pelo PNLD/2012 estão expostas no Anexo 1. Nesse edital, que atualmente contempla as escolas públicas, 19 dicionários compõem os acervos do PNLD/2012: tipo 1 – 3; tipo – 7; tipo 3 – 5; tipo 4 – 4. A lista com o nome das obras e as respectivas editoras constam no Anexo 2. Já os critérios que nortearam a seleção dos dicionários estão no Anexo 3.

Para o PNLD, essa divisão se encontra da seguinte forma: o tipo 1 possui o objetivo de introduzir, o tipo 2 de familiarizar, o tipo 3 é um minidicionário e o tipo 4 um dicionário padrão (BRASIL, 2012, p. 21), dessa forma, todas as etapas de ensino recebem obras específicas, proporcionando um melhor uso e aproveitamento destes materiais.

Para Humblé (2011, p. 10) distribuir dicionários nas escolas significa uma intenção, por parte dos governantes, de melhorar a qualidade do ensino. Nesse mesmo sentido, Pontes (2009, p. 13) afirma que a ênfase dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa proporcionou um apoio fundamental ao dicionário escolar. Além disso, a distribuição gratuita desses materiais por parte do MEC contribuiu para que as editoras lançassem novas obras de referência.

Concordamos com o autor, pois, com atenção por parte do PNLD/MEC voltada especialmente para estes materiais, os dicionários escolares passaram pela avaliação de especialistas, sendo destinados a um público-alvo específico e, portanto, atendendo melhor as demandas daquela determinada etapa de ensino.

Outro aspecto envolvendo os dicionários trata sobre a organização adotada ao confeccionar a obra. Nesse caso, é importante esclarecermos que os dicionários podem adotar, para a sua organização, a semasiologia ou a onomasiologia. Diante disso, apresentaremos

alguns aspectos referentes a essas organizações. A distinção entre dicionário onomasiológico e semasiológico para Souto e Pascual (2003, p. 58, tradução nossa)⁷ apresenta que [o dicionário]:

se organiza, portanto, sobre uma armação que facilita a busca dos dados requeridos pelos usuários. Evidentemente, a ordem alfabética contribui em grande medida para agilizar essa operação; entretanto, a confusão entre esse ordenamento e o próprio dicionário se torna insustentável ao examinar as prateleiras de bibliotecas e livrarias, onde há dicionários organizados por temas ou ideias.

Já Pontes (2009, p. 42) caracteriza o dicionário onomasiológico como:

Este tipo de dicionário parte de conceitos ou de determinados temas para indicar os significantes linguísticos que a eles correspondem [...]. O dicionário onomasiológico organiza os conceitos em campos conceituais, ao invés de ordená-los alfabeticamente.

Para o autor, o dicionário semasiológico “parte do significante léxico para indicar conteúdos realizados [...]. Contém, ainda, uma série de indicações complementares: pronúncia, grafia, regência, contextos, que se organizam em ordem alfabética” (PONTES, 2009, p. 43).

Dessa forma, os dicionários onomasiológicos partem do conceito e apresenta campos conceituais, já os dicionários semasiológicos partem da ordem alfabética para a sua organização. Em nosso estudo, utilizamos somente obras semasiológicas, pois todos os dicionários escolares de tipo 4 adotam esse tipo de organização.

A construção das marcas de uso nos dicionários é outro conceito que integra a nossa pesquisa, portanto, abriremos, a seguir, uma parte do nosso trabalho para apresentar esses conceitos que, mesmo fazendo parte da prática lexicográfica, envolvem complexidade na confecção de uma obra.

1.4 AS MARCAS LEXICOGRÁFICAS EM UM DICIONÁRIO ESCOLAR

As marcas de uso são, no âmbito deste trabalho, o recurso microestrutural mais explorado por ser a parte que trata da variação linguística dentro de um dicionário.

⁷ el inventario, al que llamamos diccionario, se organiza, por tanto, sobre un armazón que facilita una búsqueda rápida de los datos requeridos por los usuarios. Evidentemente, el orden alfabético contribuye en gran medida a agilizar esa operación; sin embargo, la confusión entre este ordenamiento y el diccionario mismo se torna insostenible al repasar los anaqueles de bibliotecas y librerías, en los que se suceden diccionarios organizados por temas o ideas, sin olvidar los nuevos diccionarios electrónicos, dotados de múltiples modos de consulta y acceso al inventario (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 58).

Welker (2004) afirma que lidar com essas marcas se trata de uma tarefa difícil. Para Garriga Escribano (2003, p. 115) “as marcas são utilizadas para assinalar as restrições de uso de uma palavra. Sua presença nos dicionários é fundamental⁸”. Porto Dapena (2002, p. 250), por sua vez, cita que elas podem utilizar certos recursos gráficos, como, por exemplo, um tipo ou tamanho de letra em especial para marcar ou destacar uma palavra ou acepção diante das outras.

Para Fajardo (1996-1997, p. 32), elas cumprem uma função fundamental: “caracterizar um elemento léxico assinalando suas restrições e condições de uso e tem sua expressão no emprego de diferentes tipos de marcas⁹”.

Com base nesses apontamentos, compreendemos que as marcas de uso exercem função fundamental no dicionário, pois são elas que restringem os usos que não seguem a norma padrão, dando a marcação de particularidades no âmbito social, geográfico, acadêmico, entre outros.

A divisão das marcas é outro conceito que abarca grandes discussões dentro da Lexicografia. Welker (2004), por exemplo, mostra a divisão sugerida por Hausmann (1989) nas seguintes marcas:

diacrônicas (por exemplo, *antiquado*, *envelhecido*, *neologismo*), diatópicas (aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países), diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos), diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita), diastráticas (por exemplo, *chulo*, *familiar*, *coloquial*, *elevado*), diatextuais (assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, *poético*, *literário*, *jornalístico*), diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto), diafrequentistas (em geral: *raro*, *muito raro*), diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, *pejorativo*, *eufemismo*), dianormativas (indicam que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão) (WELKER, 2004, p. 131, grifos do autor).

Visão diferente toma Garriga Escribano (2003, p. 116) sobre essa separação. Para o referido autor, as marcas são divididas em: diacrônicas, diatópicas, diafásicas, diastráticas, diatécnicas e marcas de transição semântica.

Já Porto Dapena (2002, p. 251) se posiciona da seguinte forma:

⁸ “Las marcas se utilizan para señalar las restricciones de uso de una palabra. Su presencia en los diccionarios es fundamental” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 115).

⁹ “caracterizar a un elemento léxico señalando sus restricciones y condiciones de uso y tiene su expresión en el empleo de distintos tipos de marcas” (FAJARDO, 1996-1997, p. 32).

E assim se fala, por exemplo, de marcas diacrônicas, diatópicas, técnicas, diafásicas, conotativas, etc. Mas uma classificação, a nosso modo de ver, mais abrangente seria baseada em critérios gramaticais, semânticos, diassistemáticos, de frequência e conotativos ou pragmáticos, o que daria, logicamente, lugar a outros tantos tipos de marcas.¹⁰

Especialmente sobre marcas que trabalham com a variação linguística em dicionários escolares, Antônio Luciano Pontes, em seu texto “Dicionário para uso escolar: o que é como se lê”, divide as marcas sociolinguísticas em:

em geral, as marcas definem-se sociolinguisticamente como (fam.) para familiar, (pop.) para popular, (lit.) para literária, (reg.) para regionalismo, (ch.) para chulo, (fig.) para figurado, entre outros. E, ainda, podem dizer respeito aos empregos especializados das palavras dentro das áreas técnico-científicas, registradas como med. (medicina), biol. (biologia), soc. (sociologia), gram. (gramática) (PONTES, 2009, p. 156).

Acerca da posição das marcas de uso ao longo do verbete, Welker (2004, p. 117) afirma que se houver apenas uma acepção, as marcas aparecem normalmente na cabeça do verbete. Caso existam várias acepções, uma ou mais marcas podem referir-se a todas elas, sendo assim, também, deverão aparecer na cabeça do verbete, mas, as marcas que pertencem a uma determinada acepção, devem aparecer no início da acepção que se trata.

De acordo com Pontes (2009, p. 154), elas “podem ocorrer abreviadas, posicionadas precedendo a definição, com a finalidade [...] de auxiliar o consulente, sobretudo na produção de seus textos e na aprendizagem de línguas estrangeiras”.

Justamente por essa abreviação, Garriga Escrivano (2003, p. 115) comenta que a disposição tradicional do registro das marcas de uso são feitas por meio de abreviaturas, porém, de acordo com o autor, “alguns dicionários recentes deixaram de utilizar abreviaturas para algumas dessas marcas, pois muitas vezes as abreviaturas não eram interpretadas corretamente e a informação se perdia”¹¹ (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 116).

As abreviaturas encontradas em uma obra podem ser entendidas consultando as páginas iniciais do dicionário. Duran e Xatara (2006, p. 43) salientam a importância dessa consulta:

¹⁰ “Y así se habla, por ejemplo, de marcas diacrónicas, diatópicas, técnicas, diafásicas, connotativas, etc. Pero una clasificación, a nuestro modo de ver, más abarcadora sería la basada a la vez en criterios gramaticales, semánticos, diassistemáticos, de frecuencia y connotativos o pragmáticos, los cuales darían, lógicamente, lugar a otros tantos tipos de marcas” (PORTO DAPENA, 2002, p. 251).

¹¹ “algunos diccionarios recientes han dejado de utilizar abreviaturas para algunas de estas marcas, pues a menudo las abreviaturas no eran interpretadas correctamente y la información se perdia” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 116).

O guia do usuário é um recurso criado tradicionalmente pelos lexicógrafos para suprir a ausência de um ensino formal sobre o uso do dicionário. Sua leitura faz com que o aprendiz não incorra o erro de achar que o item procurado está faltando quando, na verdade, a falta é de habilidade de consulta. No entanto, muitas vezes o texto que o constitui é denso e acaba desanimando a leitura.

Haensh e Wolf (1982, p. 11) abordam justamente essa questão, apontando que frequentemente não tiramos um grande proveito de um bom dicionário porque não estudamos sua parte introdutória.

Diante dessas constatações, percebemos que é de extrema importância consultar as páginas iniciais do dicionário para explorar melhor seu conteúdo, pois é nessa parte que o autor expõe os critérios lexicográficos que nortearam o desenvolvimento da obra e o que será tratado ao longo dos verbetes, como é o caso da etimologia, sinônimos/antônimos, transitividade verbal, marcas de uso, dentre outros.

Além disso, a consulta nessas páginas facilita o entendimento de abreviações que podem ser encontradas nas definições dos verbetes e das informações nele contidas. Por esse motivo, nossa pesquisa debruça-se em análises dos critérios lexicográficos sobre a variação diatópica que estão apresentados na microestrutura, entendida aqui como “a organização dos dados contidos no verbe, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbe” (BARROS, 2004, p. 156).

De posse desses conceitos, as marcas de uso em um dicionário tratam a variação linguística nessas obras. Os conceitos de variação, por sua vez, fazem parte da Sociolinguística. Para discutir essa questão, abordaremos adiante conceitos fundamentais desse ramo da Linguística.

1.5 SOCIOLINGUÍSTICA

Marcos Bagno, na apresentação do livro “Sociolinguística: uma introdução crítica” aborda que Calvet insistiu na necessidade de se construir uma ciência da linguagem em que o “social” fosse o objeto de estudo (BAGNO, 2002, p. 7). Labov, por sua vez, cita que por muito tempo resistiu ao termo “sociolinguística”, pois subtende-se que haja uma teoria/prática linguística que não seja social (LABOV, 2008, p. 14).

Uma conferência sobre a Sociolinguística foi realizada em Los Angeles de 11 a 13 de maio de 1964 e a relação entre linguagem e sociedade passou a ter mais ênfase nos estudos linguísticos. Para Alkmim (2012, p. 32) a origem da Sociolinguística é interdisciplinar e

buscava “articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural”. Nessa época, a autora (ALKMIM, 2012, p. 33) cita que:

Surgem, assim, pesquisas voltadas para as minorias linguísticas (imigrantes, porto-riquenhos, poloneses, italianos etc.), e para a questão do insucesso escolar de crianças oriundas de grupos sociais desfavorecidos (negros e imigrantes, particularmente).

De acordo com Alkmin (2012), a Sociolinguística tem como ponto de partida a comunidade linguística e seu objeto é “o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIN, 2012, p. 31).

William Labov (2008) comenta que a vida social deve ser levada em conta durante o entendimento de uma mudança linguística. Para o autor:

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. [...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo (LABOV, 2008, p. 21).

Para Faraco (2008, p. 31) não existe língua de um lado e variedade linguística de outro: a língua é o próprio conjunto dessas variedades. Portanto, ao estudar uma comunidade linguística, constatamos a existência de variações linguísticas, como mostra Alkmim (2012, p. 35):

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. [...] Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Todas as línguas carregam uma cultura de um povo e mudanças acontecem com o tempo. Em qualquer comunidade linguística é evidente a presença da variação. As variações são objeto da Sociolinguística e estão relacionadas a fatores como origem geográfica, idade, sexo, entre outros. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 175) a variação linguística é vista como um recurso para: “(a) ampliar a eficácia de sua comunicação e (b) marcar sua identidade social”.

No âmbito deste trabalho, adotaremos o conceito de Alkmin sobre a variação, que está dividido em dois princípios básicos: “a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social

(ou diastrática)” (ALKMIN, 2012, p. 36). As especificações dessas variações podem ser descritas como:

A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. [...] A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade da fala. Nesse sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. (ALKMIN, 2012, p. 36-37)

Nesse contexto, a variação diatópica se faz presente ao percebermos diferenças no léxico de uma região para outra. Por outro lado, a variação diastrática faz com que o falante mude sua fala de acordo com a situação e contexto que está inserido. Assim, ele fará uso da variedade linguística de acordo com sua região de origem, idade, sexo, escolaridade, classe social e outros aspectos.

Esse mesmo pensamento é compartilhado por Faraco (2008, p. 41) ao abordar que “um mesmo falante domina mais de uma norma (já que a comunidade sociolinguística a que pertence tem várias normas) e mudará sua forma de falar (sua norma) variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa”. O autor (FARACO, 2008) salienta que o desejo de nos identificarmos com outros grupos ou a pressão das redes sociais faz com que busquemos dominar outras normas que não a nossa.

Alkmim (2012, p. 42) comenta que:

A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da relação entre os interlocutores etc (ALKMIM, 2012, p. 42).

Sobre o que deve ser considerado padrão, Biderman (2000, p. 45) propõe que se considere como português brasileiro a variedade falada e escrita no eixo Rio-São Paulo, em particular, a que é utilizada nos grandes meios de comunicação de massa.

Para Alkmim (2012, p. 43) a questão da padronização pode ser historicamente definida, ou seja, cada época considera uma norma padrão. Para ela, as formas que pertencem à variedade padrão em um determinado momento, poderão deixar de ser em outro. Assim, como as línguas mudam, muda-se, também, o que é “certo” e “adequado”.

Bortoni-Ricardo (2005) pontua que o prestígio do português culto perpassa todos os segmentos sociais. Para a autora “nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 13). Ainda para ela, “o prestígio associado ao português padrão é sem dúvida um valor cultural muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação. Podemos e devemos questioná-lo [...] mas negá-lo, não há como” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

Faraco (2008, p. 59) cita que, no Brasil, a escrita é um fenômeno restrito, pois é um bem cultural que poucos possuem. Por esse motivo, ela pode ser um fator de discriminação social, cultural e econômica. É justamente por essa discriminação que, para a Sociolinguística, não existem línguas inferiores, nem variedades inferiores, “existe sempre um conjunto de variedades linguísticas em circulação no meio social. Aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades” (ALKMIM, 2012, p. 44). É por meio desse pensamento que os estudos sociolinguísticos podem contribuir para diminuir o preconceito linguístico.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 14), no Brasil, a escola está preparada para ensinar a língua da cultura dominante e tudo o que está fora desse sistema acaba sendo eliminado. Para ela, a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas e, em nosso país, o ensino da língua culta às pessoas que tem como língua materna variedades populares possuem duas consequências: “não são respeitados os antecedentes culturais e linguísticos do educando, o que contribui para desenvolver nele um sentimento de insegurança, nem lhe é ensinada de forma eficiente a língua padrão” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

A autora vê a escola como “uma força corretiva e unificadora da língua” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 23). Para ela, em países que a alfabetização é universal há muitas décadas, as variedades populares ainda se fazem presentes, uma vez que existem fatores psicossociais que favorecem sua conservação (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 23).

Nos dicionários escolares, como discutimos anteriormente, as variações linguísticas estão representadas pelas marcas de uso, que são especificadas na microestrutura dessas obras. Diante disso, é comum observar marcas de uso para variedades não padrão da língua Portuguesa, para particularidades da língua, como por exemplo, o meio social, regional e profissional.

Não podemos desprestigiar as variações que não seja a norma culta, nem tampouco privar que o falante tenha acesso a ela. Isso faz parte da democracia. Visando a importância das variações linguísticas – no nosso caso, especialmente, a diatópica – muitas obras não deixam claro a definição de regionalismos e brasileirismos nas páginas iniciais, por este motivo, abriremos uma seção para tratar especialmente desses conceitos em seguida.

1.6 REGIONALISMOS E BRASILEIRISMOS

Para esta pesquisa, percebemos a necessidade de se definir os conceitos de brasileirismos e regionalismos, que nem sempre são esclarecidos nas páginas iniciais de um dicionário. Diante disso, apresentaremos, nesta seção, breves acontecimentos históricos que foram importantes quando se trata da língua Portuguesa no Brasil. Além disso, mostraremos alguns conceitos de brasileirismos e regionalismos pelo olhar de diferentes autores, comprovando que, mesmo nos dias de hoje, ainda é difícil chegar em um consenso quando se trata desse assunto.

Sabemos que, no contexto de regionalismos, há elementos como fauna, flora, clima, entre outros, que demarcam as diferenças. Nosso olhar, contudo, volta-se para os estudos dos regionalismos no aspecto da linguagem, uma vez que nossa pesquisa está voltada para as marcas de regionalismos nos dicionários escolares.

Para Isquardo (2006), uma grande dificuldade de tratar a definição de regionalismos é a diversidade lexical existente no território brasileiro. Para a referida autora, os fatores de natureza histórica não podem ser desconsiderados (ISQUERDO, 2006, p. 11).

Até o ano de 1500, o Brasil era habitado por índios que possuíam sua própria língua nativa. Como aponta Pires de Oliveira (1998, p. 2), a partir de 1532, com a chegada do colonizador, a língua Portuguesa foi introduzida no território brasileiro e, desde então, passou a conviver com as línguas indígenas que existiam na época. O contato entre índios, europeus e escravos ocasionou a miscigenação de culturas existente no país e contribuiu para formar o que somos nos dias de hoje. Para Pires de Oliveira:

Todos estes contatos etnolinguísticos verificados no Brasil-colônia favoreceram o caldeamento das diferentes etnias e a constituição de uma sociedade híbrida, multfragmentada, com características diferentes da Portuguesa e que desenvolveu um modo peculiar de falar inúmeros vocábulos, que passaram a caracterizar o português do Brasil (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 3).

Esse “português do Brasil” foi denominado por alguns autores como “língua geral”, conforme mostram Pires de Oliveira (1998); Isquierdo (2006), possuindo seus próprios dialetos. Essa língua foi se expandindo, sendo utilizada na comunicação entre índios e portugueses, até que foi retirada obrigatoriamente do solo brasileiro:

a língua geral foi se expandindo cada vez mais, passando a ser falada no seio das próprias famílias dos colonizadores, pelos jesuítas na catequese dos índios e até nos confessionários, utilizada sobretudo por mulheres e por crianças portuguesas. Essa intensa penetração da língua geral despertou a atenção da coroa portuguesa que adotou medidas drásticas, ditadas pelo Marquês de Pombal que, em 1754, ordenou fosse proibido seu uso e implantada em solo brasileiro, exclusivamente, a língua portuguesa que, nessa época, reunia pequenos núcleos de falantes nos centros urbanos emergentes (PIRES DE OLIVEIRA, 1998, p. 110).

Alguns anos depois, Isquierdo (2006, p. 12) cita que, com a chegada da Família Real em 1808, foi trazida uma nova língua portuguesa europeia, diferente da que veio com os colonizadores no século XVI. Esse contato provocou uma espécie de “reaportuguesamento das cidades” (ISQUERDO, 2006, p. 12).

De acordo com Isquierdo (2006, p. 13), outros dois fatores exerceram forte influência na questão linguística do território brasileiro: a Independência do Brasil (1822) e a Proclamação da República (1889). A autora afirma que, nessa fase, inicia-se uma busca da identidade do português brasileiro, quando, por fim, a Semana de Arte Moderna (1922) exerce, também, a sua influência: “A Semana de Arte Moderna (1922) retoma com veemência a questão da língua brasileira como símbolo da identidade nacional” (ISQUERDO, 2006, p. 13).

Toda essa história social da língua faz parte da nossa identidade como povo brasileiro e mostra que “misturaram etnias, línguas e realidades culturais ímpares e singulares que resultaram nas especificidades linguístico-culturais que identificam o homem brasileiro” (ISQUERDO, 2006, p. 13).

Esses fatores históricos contribuíram para delimitar diferenças entre a língua Portuguesa falada em Portugal e no Brasil; a língua falada aqui apresenta características que a distinguem do português europeu. Ribeiro (1979, p. 44) evidencia essas diferenças, mostrando que nossa língua possui sua própria identidade: “A língua nacional, escrevi, é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida, independente e livre em seus movimentos”. Além disso, para o autor: “A nossa gramática não pode ser inteiramente a mesma dos portugueses. As diferenciações regionais reclamam estilo e métodos diversos” (RIBEIRO, 1979, p. 51).

De acordo com Pontes (2009, p. 132), “é preciso diferenciar entre regionalismos em um determinado país e aqueles itens lexicais cujo uso é restrito a um dos vários países nos quais a mesma língua é falada”. Para o autor (PONTES, 2009, p. 158) as marcas geográficas são “indicações que aludem a países (bras. ou lus.), regiões (Ne) e inclusive Estado (Bahia/BA)”.

Ao propor discussões sobre regionalismos e brasileirismos, Biderman (2000, p. 44) assume que envolve grande complexidade e difícil solução. Para a autora:

Não vai ser fácil conceituar *regionalismo* de modo inequívoco e identificar os regionalismos e sua procedência. Em primeiro lugar, porque para classificar um termo como *regionalismo* estamos admitindo que existe uma variante padrão que os falantes da comunidade em geral aceitam como tal (BIDERMAN, 2000, p. 44-45, grifos da autora).

Biderman em seu texto “Aurélio: sinônimo de dicionário?” fez um estudo sobre alguns aspectos no Dicionário Aurélio nas primeiras edições. No que se refere aos regionalismos/brasileirismos, a autora constatou que:

Quando não incluía a marca regional é porque considerava a palavra como termo típico de todo o Brasil, ou *brasileirismo*. Tal classificação supõe que o dicionarista se coloca na perspectiva da norma linguística europeia. Para quem considera essa norma como padrão, ou *standard*, as peculiaridades do português brasileiro são *brasileirismos* (BIDERMAN, 2000, p. 39, grifos da autora).

Já Mattoso Câmara Jr. (1964, p. 66) define brasileirismo como:

Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser – a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro. É este último que caracteriza o português do Brasil em face do português de Portugal, podendo ser um vulgarismo, ou estar aceito na norma linguística espontânea.

Isquierdo (2006, p. 14) aborda que o conceito de brasileirismo é polêmico e a discussão de regionalismos centra-se nele. Buscando uma melhor definição, Isquierdo (2006, p. 14) cita D’Albuquerque ([1945?], p. 40), que mostra duas categorias de brasileirismos: “gerais (usados em todo o Brasil) e regionais (baianismos, gauchismos, mineirismos...)”, que, basicamente, é a mesma posição tomada por Câmara Jr (1964).

Dessa forma, vimos que, de acordo com Biderman (2000), o brasileirismo é característica própria do português brasileiro, em contraste com o português europeu. E, para Câmara Jr. (1964); D’Albuquerque (1945) é possível distinguir o “brasileirismo geral” quando

o vocábulo se estender por todo o território brasileiro do “brasileirismo regional” quando for privativo a uma região do Brasil.

Por outro lado, Isquierdo (2006, p. 17) cita a definição de brasileirismo feita por Oliveira (1999) em “todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa”.

A norma brasileira surge diferenciando-se do português europeu. Por outro lado, um questionamento sobre a presença de “brasileirismos gerais” é apontado por Biderman (2000, p. 44, grifo da autora): “para que classificar como *brasileirismo* geral se a palavra é usada em todo o Brasil? Só se justificaria se o dicionarista visasse também como consulentes a portugueses (ou europeus que aprendem o português na Europa)”.

Essa marca de uso, assim como outras menções ao Brasil na microestrutura do verbete, expressadas por diferentes abreviaturas, é o principal vestígio desse processo, indicando a presença de um padrão europeu ainda vigente nas obras contemporâneas, monolíngues e bilíngues. (Oliveira, 2016, p. 33) trata que o brasileirismo nasce como deturpação do português europeu, mas essa subordinação acaba configurando um novo estágio na constituição do idioma brasileiro. (Oliveira, 2016, p. 33)

Isquierdo (2006, p. 17) cita, novamente, o estudo de Oliveira (1999), em que aponta o que foi encontrado pelo exaustivo estudo feito no Novo Dicionário Aurélio – Século XXI:

A pesquisadora cita como exemplos desse fenômeno casos de unidades lexicais do campo léxico da alimentação marcadas dialetalmente como brasileirismos gerais no Dicionário Aurélio que são de uso restrito a uma dada região, o que lhes confere o estatuto de regionalismos.

Diante desses apontamentos, tomaremos, ao longo desta pesquisa, a noção de “brasileirismo geral” de Câmara Jr (1964), em que chamaremos apenas de “brasileirismo”, quando se trata de um vocábulo brasileiro que se oponha ao português de Portugal. Já a nossa visão de “regionalismo” será quando se trata de um vocábulo característico de uma região ou estado brasileiro.

Conforme mencionado anteriormente, o contexto histórico é importante para entender melhor a língua e a cultura de uma região, destacamos, adiante, alguns aspectos que fazem parte da história do estado de Goiás.

1.7 CONTEXTO HISTÓRICO DO ESTADO DE GOIÁS

Nesta seção, discutiremos questões sobre o contexto histórico do estado de Goiás a partir do século XVIII. A história desse estado está ligada principalmente a três aspectos: a mineração, a pecuária e a agricultura. É importante ressaltar que não se trata de uma discussão aprofundada sobre a formação do território ao qual hoje pertence o estado de Goiás, mas, sim, de uma breve síntese de aspectos relevantes para a formação desse estado.

Doles (1995) cita que a ocupação do território goiano teve quatro fases principais: “1) a ocupação mineratória (1722-1822), 2) a ocupação pecuarista (1822-1890), 3) a ocupação agrícola (1890-1964) e 4) a ocupação agropecuária (1964-...)” (DOLES, 1995, p. 9).

No final do século XVI, pela caça aos índios, os portugueses buscavam mão de obra escrava. Já no século XVIII, por conta da expansão das bandeiras e da catequese dos jesuítas, estabeleceram-se as seguintes viagens: “uma, oriunda do norte, que, pela via fluvial do Tocantins penetrou a porção setentrional de Goiás; e outra, paulista, advinda principalmente do Centro-Sul”. (DOLES, 1995, p. 10). Para a autora, essas penetrações não serviram para a fixação do homem nessas terras, mas, sim, como um reconhecimento das possibilidades econômicas dessas regiões (DOLES, 1995, p. 10).

A fase da mineração, como mostra Oliveira (2016, p. 154), se deu no século XVIII: “Com a descoberta de ouro em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás na primeira metade do século XVIII intensificaram as correntes migratórias em direção ao oeste, até então, pouco conhecido e inexplorado”. Doles (1995, p. 10) cita que entre 1727 e 1732 surgiram diversos arraiais devido a exploração aurífera e da localização na rota de Minas para Goiás. Para Oliveira (2016, p. 155):

Nestas localidades, além das minas, constituíram-se os primeiros sítios e fazendas que tinham a finalidade de abastecer de gêneros alimentícios as regiões mineradoras. Foi, também, nas proximidades das minas que emergiram os primeiros povoados e arraiais, que logo, se tornaram vilas e cidades.

Sobre o primeiro ouro que saiu de Goiás, Galli (2005, p. 16) afirma que o material foi levado para Sorocaba, onde fizeram uma coroa para Nossa Senhora do Pilar. Atualmente, essa coroa já foi substituída por outra.

Essa busca pelo ouro, no entanto, não foi pacífica. Galli (2005, p. 22) cita que os bandeirantes retiraram todo o ouro que foi possível transportar e aprisionaram os índios, conduzindo-os acorrentados ou amarrados. Além disso, os índios escravizados costumavam ser

marcados a ferro, como forma de expressar a propriedade dos bandeirantes, pois estes acreditavam que os índios eram irracionais.

Conforme aponta Doles (1995, p. 11), a fase de ascensão da mineração foi de 1722 a 1760. No final do século XVIII, esse cenário não se fazia mais presente:

A partir da segunda metade do século XVIII, Portugal começou a entrar em fase de decadência progressiva, que coincidiu com o decréscimo da produtividade e do volume médio da produção das minas no Brasil. A partir de 1778, a produção bruta das minas de Goiás começou a declinar progressivamente, em consequência da escassez dos metais das minas conhecidas, da ausência de novas descobertas, e do decréscimo progressivo do rendimento por escravo (DOLES, 1995, p. 11).

Esse período foi a transição entre a fase da mineração e a fase pecuarista. Oliveira (2016, p. 180) mostra essa transição:

Apesar da riqueza aurífera ainda existente no solo, os escassos recursos financeiros, a falta de mão de obra e recursos técnicos mais eficazes para a extração do ouro eram os principais empecilhos para o seu desenvolvimento. Além da mineração, nestas localidades produziam, também, gêneros alimentícios nos moldes tradicionais já apontados, os únicos artigos comercializáveis, além do gado, eram alguns produtos agromanufaturados como doces, aguardente e demais derivados da cana-de-açúcar que eram comercializados nos pequenos lugarejos e vilas próximas.

Como cita Doles (1995, p. 12), no início do século XIX, a mineração em Goiás já era pequena e a crise econômica do surto de povoamento foi coberta pela pecuária. Foi com essa nova atividade econômica que novas áreas de povoamento foram surgindo, bem como algumas cidades.

A fase pecuarista goiana, no entanto, enfrentou diversos problemas. Um deles foi a dificuldade de comunicação com outras regiões do país. Além disso, o povoamento, também, gerou vários problemas:

caracterizou-se pela má distribuição, e pela heterogeneidade do seu crescimento. Enquanto algumas áreas permaneceram estacionárias, outras decaíram (os antigos centros mineradores), e outras ainda, localizadas principalmente na região centro-sul, surgiram e se desenvolveram, em decorrência sobretudo do surto migratório de paulistas, mineiros e nordestinos (DOLES, 1995, p. 12)

Mesmo sendo marcada por diversos problemas, a autora reconhece o importante papel dessa fase pecuarista:

A pecuária representou um papel histórico importante, porque evitou, após a decadência da mineração, o total despovoamento e a falência econômica de Goiás, funcionando como elemento de fixação do homem e da ocupação de novas parcelas do território goiano (DOLES, 1995, p. 13).

Para Chaul (1988, p. 21) migrantes e imigrantes buscaram fixar-se em “áreas periféricas” da economia nacional, já que São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo não conseguiam mais absorver a migração que era frequente naquela região. Decorrente dessa ocupação, o território goiano passou a fazer parte da economia de mercado (CHAUL, 1988, p. 22).

A implantação da estrada de ferro em Goiás favoreceu o crescimento do estado na agricultura, quando passou a ter ligação com o sudeste do país. Para Doles (1995, p. 14), “a partir da última década do século XIX [...] a chegada das ferrovias ao território goiano constituíram veículo de transformação econômica e de expansão do povoamento rumo a novas áreas”.

De acordo com Doles (1995, p. 15), em 1913 Goiás foi ligado a Minas Gerais pela estrada de ferro, iniciando, assim, um progresso para o Estado. Para ela, as ferrovias tiveram dois papéis principais: por um lado, facilitou que os produtos goianos tivessem acesso ao litoral, e, por outro, possibilitou a ocupação de áreas da região meridional de Goiás. Com essa ocupação, entre 1888 e 1930, houve a criação de novos povoados e municípios (DOLES, 1995, p. 15).

Mesmo com essa criação, o crescimento goiano foi lento:

Apesar desta criação de novos centros, os povoados goianos tiveram no período, discreta expressão. A cidade de Goiás, capital do Estado, estagnara, em decorrência principalmente da falta de comunicações fáceis e do seu afastamento dos grandes centros do litoral. Entre 1890 e 1914, ali não foi edificada uma casa por ano (DOLES, 1995, p. 15).

Com foco na fase agrícola, o destaque, desta vez, foi para o café. Ao chegar em Goiás, a marcha do café causou o aumento da procura de terras a partir de 1912, mais especificamente na parte sul, como afirma Doles (1995, p. 15).

Como cita Doles (1995, p. 21), a construção de Goiânia foi parte da “Marcha para o Oeste”, do governo de Getúlio Vargas, quando buscava prosseguir com a sua política de interiorização por meio de colônias agrícolas nas áreas mais frágeis do país.

Além do destaque da mineração, o território do estado de Goiás também recebeu destaque pela agricultura. De acordo com Chaul (1988, p. 21), por volta do ano 1915:

à medida em que se escasseavam progressivamente as terras de cultivo do Centro-Sul do país, devido à grande concentração de terras nas mãos de poucos proprietários e da reorientação que a lavoura cafeeira imprimiu na economia nacional, novas regiões de cultivo no Centro Sul de Goiás passaram a exercer atrativos sobre aqueles que para ali se aventuravam. Por outro lado, a fertilidade das terras goianas e os baixos custos das glebas eram um perfeito ímã para atrair os trabalhadores à nova e promissora área. Com a expansão da lavoura cafeeira nota-se também um aumento na procura de produtos agropecuários. Tal procura se dinamiza com o advento da primeira guerra mundial.

A não ser na fase da mineração, Goiás participou da economia nacional como periferia pela sua localização:

O traço mais marcante da evolução da economia goiana diz respeito à função ocupada por Goiás dentro dos modelos econômicos postos em prática no Brasil. A partir de uma visão histórica do problema, percebe-se que, com exceção da fase mineratória (1722-1822), em todos os outros períodos Goiás foi chamado a colaborar com a economia nacional como área periférica, subsidiária, com a função principal de servir de base de apoio à política econômica cujos centros propulsores se localizavam em outras regiões do país (DOLES, 1995, p. 81).

A falta de apoio por parte do governo e a dificuldade de comunicação, pelo fato de não estar no litoral ou próximo dele, foram fatores que contribuíram para que Goiás não fosse uma área tão desenvolvida quanto outros estados brasileiros. Neste trabalho, fizemos um levantamento das marcas diatópicas deste estado para ver como ele está representado na obra. A seguir, nossa metodologia de pesquisa com as etapas desenvolvidas para a realização desta pesquisa.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a execução dos objetivos a que nos propusemos, tomamos inicialmente como ponto de partida a lista de dicionários avaliados e indicados pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a partir de 2012, que consta no Anexo 1 deste trabalho.

De posse dos nomes que compõem os quatro acervos, selecionamos o acervo de tipo 4, por serem dicionários padrão de uso escolar e pela sua proposta pedagógica, ou seja, “proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, adequada às demandas escolares do ensino Médio, inclusive o profissionalizante” (BRASIL, 2012, p. 19).

Dessa forma, o acervo de tipo 4 é composto pelas seguintes obras:

BECHARA, Evanildo. Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. [51.210 entradas (verbetes e locuções)]
BORBA, Francisco S. Dicionário Unesp do português contemporâneo . Curitiba: Piá, 2011. [58.237 verbetes]
GEIGER, Paulo (org.). Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa . Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. [75.756 verbetes]
HOUAISS, Antônio (org.) & VILLAR, Mauro de Salles (ed. resp.). Dicionário Houaiss conciso . São Paulo: Moderna, 2011. [41.243 verbetes]

Fonte: Brasil (2012)

Após a seleção das obras que compõem o nosso *corpus*, vale esclarecer que buscamos trabalhar a variação diatópica porque esse conteúdo faz parte dos critérios de classificação dos dicionários de tipo 4 no edital do PNLD/2012, no qual cita que os vocábulos “que sejam característicos de uma dada região do País, devem ser assinalados como tais” (BRASIL, 2012, p. 82).

Em seguida, identificamos, nas páginas iniciais de cada uma delas, os critérios lexicográficos utilizados pelos autores para o registro da variação diatópica, bem como a lista de abreviaturas das regiões – quando houver –, se o autor explica para o consulente o que são regionalismos e todas as informações que dizem respeito à variação diatópica presente nas páginas iniciais.

De posse dos critérios selecionados pelos autores, elaboramos um texto intitulado “Análise comparada dos critérios lexicográficos sobre a variação diatópica em dicionários de tipo 4”, no qual evidenciamos nossas considerações, sempre voltando nosso olhar para a variação diatópica nessas obras.

Depois de realizado o estudo comparado acerca dos critérios lexicográficos adotados pelos autores dos dicionários de tipo 4 para o registro da variação diatópica, selecionamos o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011) para prosseguirmos o estudo.

Vale acrescentar que o Dicionário da Língua Portuguesa foi escolhido por nós depois que realizamos uma leitura preliminar das páginas introdutórias de todas as obras e encontramos a presença de critérios para abordar a variação, além de um quadro intitulado de “Regionalismos” contendo um grande número de regiões brasileiras.

Depois de selecionado o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara, partimos para a verificação das 51.210 entradas distribuídas na obra, como se dá o registro das marcas de variação diatópica, ou seja, quais regiões, estados e marcas nacionais¹² são contempladas pelo dicionário ao longo das entradas¹³. Selecionando todos os verbetes que continham marcas diatópicas. Como encontramos diversas marcas, elaboramos um modelo de ficha no Excel, registrado abaixo.

Região	Região	Região	Região	Região
Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)
Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)
Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)
Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)	Verbete (página)

Quadro 2 – Modelo de ficha com as marcas diatópicas¹⁴

É importante ressaltar que a coleta das marcas de variação diatópica ao longo do Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011) se deu de forma manual devido ao fato de não termos encontrado nenhuma plataforma digital que nos desse o suporte necessário para realizar a pesquisa. Procuramos por especialistas na área de Linguística de *Corpus*¹⁵ e não

¹² É importante esclarecer que chamamos de marcas nacionais o que se trata de Brasileirismo, Africanismo, dentre outros países que houverem na obra.

¹³ A coleta das marcas diatópicas foi realizada entre os meses Junho de 2018 e Janeiro de 2019.

¹⁴ Separamos, em forma de colunas no Excel, todas as marcas diatópicas presentes no dicionário. Anotamos o verbete e a página na coluna a qual pertencia.

¹⁵ Nesta ocasião, procuramos, por e-mail, o Prof. Dr. Guilherme Fromm, especialista da área que nos esclareceu que, com o dicionário impresso, não seria possível utilizar nenhum programa para as nossas análises. Agradecemos ao professor pela contribuição.

encontramos nenhum programa que correspondesse às nossas necessidades de análise, pois o dicionário em estudo não está disponível de maneira digital.

Após a finalização de nossa coleta e o registro da ficha que criamos, demos início a discussão da abrangência dessas marcas diatópicas encontradas no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara. Para isso, elaboramos um gráfico em forma de pizza para as marcas nacionais e dois gráficos de barras, sendo um para as marcas diatópicas de regiões e outro para os estados.

Nesse momento, tecemos um texto comparando as marcas encontradas em nossa coleta manual com o quadro de abreviaturas de Regionalismos da obra para discutirmos as marcas diatópicas no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011), a fim de comparar as marcas encontradas no dicionário, bem como se alguma divergência foi encontrada em nossa coleta.

Após a comparação, fizemos um levantamento dos verbetes que registraram, especialmente, a marca diatópica do estado de Goiás para análise, pois buscamos compreender como esse estado está representado na obra. Para tanto, selecionamos os verbetes que receberam a marca diatópica do estado de Goiás e digitalizamos todos eles para, finalmente, tecermos discussões acerca das contribuições do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB.

Nesta ocasião, elencamos os lexemas que receberam a marca de Goiás no Questionário Semântico-lexical do ALiB e comparamos com os verbetes que receberam a marca de Goiás no dicionário em análise. Logo após, elaboramos nossas considerações sobre a importância dos atlas linguísticos para a composição da variação diatópica em dicionários escolares, pois, por meio de pesquisas de campo dedicadas a determinadas áreas, esses atlas servem de auxílio para os lexicógrafos registrarem a marca de uso diatópica.

Nossa pesquisa, portanto, apresenta uma abordagem qualitativa e quantitativa. É qualitativa porque analisamos os critérios, as características dos dicionários e interpretamos os dados. Por outro lado, é quantitativa porque fazemos um levantamento dos números de marcas diatópicas existentes no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara.

Com os nossos procedimentos metodológicos definidos, pretendemos alcançar nossos objetivos de pesquisa. A seguir, nossas análises.

CAPÍTULO 3: RESULTADOS DE NOSSAS PESQUISAS

Este capítulo tem início com uma apresentação dos textos iniciais dos dicionários do nosso *corpus*, que, conforme já afirmamos, foi desenvolvido de acordo com critérios específicos para o público-alvo do ensino Médio e o Profissionalizante. Logo após, apresenta os critérios lexicográficos acerca da variação diatópica nas quatro obras do nosso *corpus*, que servirão para uma análise comparativa entre esses critérios adotados. Em seguida, mostra a abrangência das marcas diatópicas do Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011) e a representatividade do estado de Goiás nesse dicionário. Por fim, discutiremos as contribuições do Projeto ALiB para a composição de dicionários.

3.1 BREVE EXPOSIÇÃO DOS TEXTOS INICIAIS DOS DICIONÁRIOS DE TIPO 4

3.1.1 NOVÍSSIMO AULETE DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2011)

O Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (2011), doravante NALP, apresenta, na capa inicial, que é composto por 75.756 verbetes, 18.645 locuções de acordo com a nova ortografia, o selo do PNLD de 2012, o público-alvo que foi desenvolvido: 1º ao 3º ano do ensino Médio e o organizador da obra, Paulo Geiger, conforme a imagem a seguir:

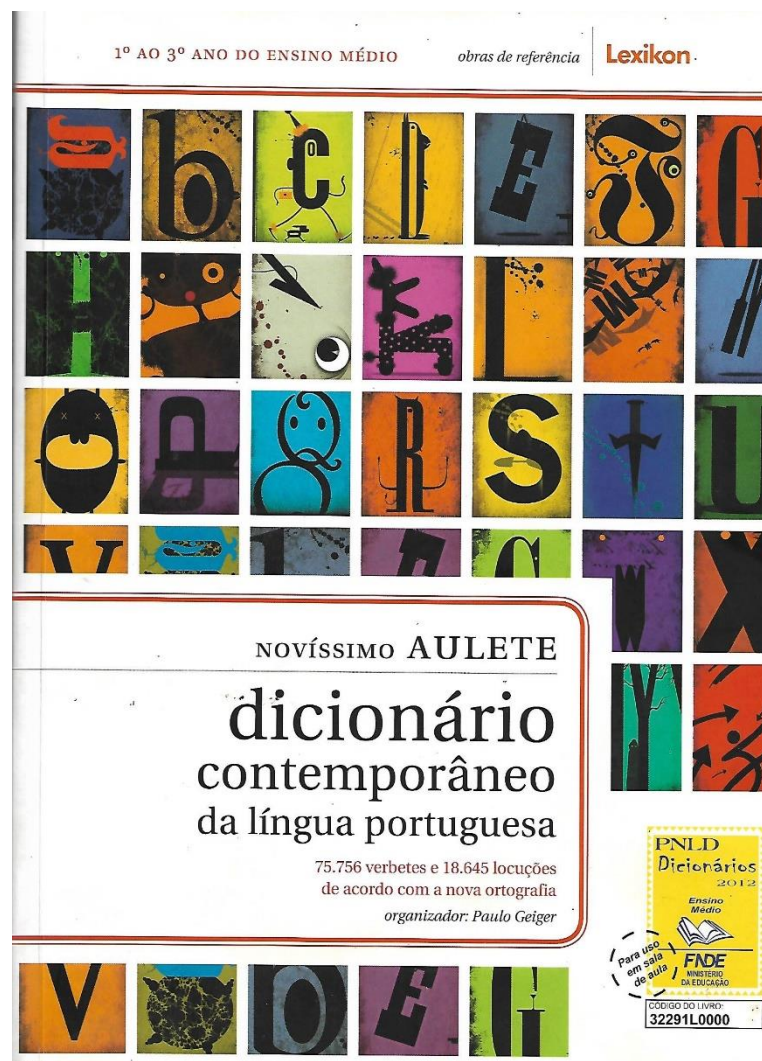


Figura 1 – Capa do NALP

Na capa final, o autor detalha brevemente elementos que fazem parte da composição da obra, mais especificamente, que é composta por:

75.756 verbetes; 18.645 locuções; 293 achegas enciclopédicas; guia do estudante; como usar o dicionário; gramática da língua Portuguesa; conjugação completa dos verbos; estrangeirismos, siglas e elementos de composição; definições numeradas, claras e analíticas; classes gramaticais, regências verbais; preposições usadas nas regências indiretas e relativas; riqueza de exemplos e abonações; regionalismos, níveis de uso, rubricas; sinônimos e antônimos; homônimos e parônimos; plurais, femininos, aumentativos, diminutivos e superlativos irregulares; quadro com 5.577 gentílicos brasileiros e seus municípios. (GEIGER, 2011)

Na folha de rosto, apresenta informações para professores e estudantes, como, por exemplo, o objetivo da obra, que é “contribuir para ampliar seus conhecimentos sobre a língua

Portuguesa e trazer informações úteis sobre outras áreas de estudo” (GEIGER, 2011). Ainda na folha de rosto, finaliza declarando que o dicionário é “um valioso instrumento de apoio para a aprendizagem e descoberta de significados para a leitura” (GEIGER, 2011).

Após a folha de rosto, a obra exhibe a ficha bibliográfica com todo o corpo editorial da obra. Em seguida, mostra o *prefácio* com citações de alguns autores. O autor informa, ainda, que tem cerca de 200 mil aceções e a representatividade lexical se baseou em parâmetros lexicográficos, começando pela frequência de uso – registrada em *corpora* da língua Portuguesa (GEIGER, 2011, p. VII).

No NALP, o autor apresenta, no texto *proposta lexicográfica e princípios organizacionais* informações que o material pode ser encontrado de forma digital: “Este é uma edição digital, atualizada e ampliada, gratuita, na internet (www.aulete.com.br) [...] cuja primeira edição portuguesa data de 1894. Sua primeira edição brasileira foi em 1950” (GEIGER, 2011, p. VII). Apesar de estar disponível de forma digital, como a obra mesmo afirma, os verbetes podem ser encontrados no site acima, mas não é o suficiente para fazermos nossas análises por meio do *WordSmith Tools*, pois não é possível baixar a obra, apenas acessar de forma online.

A obra traz um subitem intitulado *ergonomia e acessibilidade: configurações estruturais e gráficas* com tópicos como “entradas de verbete em tipo diferenciado e em cor, para fácil localização e consulta; separação silábica logo após a entrada, com indicação da sílaba tônica; [...] aceções numeradas, com hierarquia de frequência e relevância de uso” (GEIGER, 2011, p. VII). Nesse mesmo texto, informa, também, que a fonte utilizada na obra é Nimrod corpo 6x7, entradas e locuções em Metabold corpo 7,5.

Em seguida, o texto *informações gramaticais* mostra que o dicionário traz informações como indicação de classe gramatical, regências verbais, antônimos, homônimos, parônimos, entre outros.

A seção *informações semânticas e enciclopédicas* mostra a composição do dicionário, que conta com 75.756 verbetes, 18.645 locuções, 293 achegas enciclopédicas, indicação de regionalismos, níveis de uso, rubricas das áreas de conhecimento, indicação de estrangeirismos, entre outros (GEIGER, 2011, p. VII-VIII).

No item *breve guia para o estudante*, o dicionário informa “a listagem das palavras, também chamadas de **entradas**, é apresentada em ordem alfabética como é tradicional nos dicionários” (GEIGER, 2011, p. IX, grifo do autor). Além disso, detalha como serão tratados o

verbetes, lema, observações importantes, acepções, definição, achega enciclopédica, entre outros.

A seção *Como usar este dicionário – um guia completo* detalha o que será encontrado ao longo da obra:

Não se pouparam esforços – ou espaços – para fornecer definições claras e analíticas ao máximo possível. [...] A abrangência, a acuidade e a clareza das informações sobre os significados das palavras têm como suporte, neste dicionário, um acervo de informações suplementares que ampliam o campo semântico (**sinônimos, locuções e expressões idiomáticas, estrangeirismos, registro da origem ou formação do vocábulo [etimologia]**) e esclarecem os diferentes usos (**exemplos, abonações, indicação de contextos** tais como **regionalismos, níveis de uso, áreas de conhecimento**) (GEIGER, 2011, p. X, grifos do autor).

Ainda em *Como usar este dicionário*, apresenta a microestrutura, que se estende da página X a página XX e conta com os seguintes elementos: entrada; separação silábica; homógrafo; elemento de composição; estrangeirismo; marca de símbolo ou sigla; ortoépia; classe gramatical; número de acepção; definição; indicação de contexto; sinônimo; exemplo, abonação; regência verbal; preposição; achega de definição; remissiva; nota; achega gramatical; achega de verbete; locução ou expressão idiomática e achega enciclopédica e outros módulos de informação.

Já na página XIII, o dicionário traz o texto intitulado *abreviações usadas no dicionário*, que se divide em símbolos, classes gramaticais, regências verbais, níveis de uso, regionalismos e rubricas, em que mostra as abreviações utilizadas e seus significados.

A seção *uma pequena gramática* é destinada a explicação da gramática da língua Portuguesa, com adjetivos, pronomes, numerais, verbos, entre outros, que pode auxiliar o aluno durante o processo de aprendizagem.

O próximo texto é intitulado *paradigmas de conjugação*, da página XXI até a página XXXI, em que o autor apresenta a conjugação de alguns verbos, tais como amar, partir, estar, entre outros. Em seguida, na página XXXII, há um quadro intitulado *hierarquia militar brasileira* que mostra, em ordem hierárquica crescente, as patentes militares do exército, marinha e aeronáutica. Após essa página, a obra inicia os verbetes de A a Z, que vão da página 1 até a 1444.

O exemplo a seguir foi retirado da obra para demonstrar como se registra uma entrada neste dicionário:

distância (dis.tân.ci:a) *sf.* **1** Espaço existente entre dois pontos ou lugares, entre duas pessoas, duas coisas etc. **2** A medida desse espaço: *Qual é a distância daqui até sua casa?* **3** Intervalo de tempo entre duas ocorrências: *Houve uma certa distância entre duas explosões.* **4** Afastamento, separação: *Aquela briga criou uma distância entre eles.* **5** Grande afastamento no tempo ou no espaço; LONJURA **6** *Soc.* Separação entre indivíduos ou grupos segundo critérios socioeconômicos, níveis sociais etc. **7** *Soc. Ling.* Essa separação como expressa na forma de expressão linguística de indivíduo ou grupo em relação a seus interlocutores [F.: Do lat. *distantia*.] **A** ~ **1** Não perto: *A distância, ouvia-se o trovão.* **2** Sem comunicação ou interação com outras pessoas; sem intimidade ou companheirismo: *Tímido, mantinha-se a distância do grupo.* **À** ~ O mesmo que *a distância*: *Este cão é feroz, convém manter-se à distância.* ~ **angular** *Geom.* Ângulo entre duas retas que se cortam ~ **focal** *Ópt.* Numa lente fina, distância entre o foco principal e o centro óptico da lente **Ópt. 1** *Ópt.* Distância entre os planos focal e principal num sistema óptico [Simb.: *f*] **2** *Geom.an.* Distância entre os (2) focos de uma curva cônica central ~ **geodésica** Distância entre dois pontos de uma superfície, medida sobre uma geodésica que passa por eles ~ **hiperfocal** *Fot.* Estando a lente de uma máquina fotográfica focalizada em infinito, distância entre ela e um objeto que forma uma imagem nítida no filme ~ **periélica** *Astron.* Distância entre o Sol e um planeta quando este passa em seu periélio ~ **social** *Soc.* Numa sociedade, diferença entre as condições (econômica, de nível de vida, cultural etc.) entre grupos, classes, etnias etc., expressa ger. em termos de superioridade e inferioridade **Tomar** ~ **de** Distanciar-se

Fonte: Geiger (2011, p. 507-508)

Na página 1445, inicia a seção *Gentílicos brasileiros*, que se estende até a página 1456, chegando ao fim da obra.

3.1.2 DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO (2011)

O Dicionário Houaiss Conciso (2011), doravante DHC, apresenta, na capa, que é composto por 41.243 verbetes, o nome do organizador, editor responsável e a editora da obra, conforme a imagem a seguir:



Figura 2 – Capa do DHC

Na capa final, conta que o dicionário segue o novo Acordo Ortográfico, possui 41.243 de verbetes e 1.496 locuções, separação silábica, pronúncia figurada de palavras estrangeiras, exemplos de uso, entre outras informações que estão presentes na obra, além de seu público-alvo, que é recomendado especialmente a alunos do 1º ao 3º ano do ensino Médio e Profissionalizante.

Buscamos saber do que se tratava o item acima “pronúncia figurada de palavras estrangeiras”, pois poderia gerar dúvidas. Encontramos o lexema de origem inglesa “joystick”, que está transcrito abaixo e o exemplo da pronúncia consta ao final do verbete:

joy.stick [ing.; pl.: *joysticks*] *s.m.* em jogos de computador e vídeo, dispositivo com alavancas e botões para controle de movimentos na tela [ETIM: ing. *joystick* 'alavanca de controle'] **pronuncia-se** djóistic

Fonte: Houaiss; Villar (2011, p. 564)

Após a capa inicial, traz a ficha bibliográfica e toda a equipe editorial. Em seguida, apresenta o *sumário e agradecimentos*. Na página VII, inicia o item *Palavras iniciais*, que descreve algumas características do dicionário, como, por exemplo, que está composto por 41.243 verbetes, 1.496 locuções e que todo o texto segue o Acordo Ortográfico de 1990 (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. VII).

É ainda nesse texto que o autor informa que foi desenvolvido de acordo com a demanda escolar do público-alvo dos dicionários de tipo 4: 1º ao 3º ano do ensino Médio, inclusive o Profissionalizante.

Logo após, na seção *Chave do uso*, o autor dispõe de informações e exemplos sobre como alguns itens serão tratados ao longo do dicionário, como: homônimos, homógrafos, homófonos, sufixos, antônimo, regências verbais, exemplos de uso, só usado no Brasil, nível de uso, entre outros. (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. VIII).

Após a *Chave do uso*, a parte *Como é este dicionário* é encontrada na página IX e descreve a microestrutura da obra. Ela apresenta informações acerca da entrada, campo da ortoépia, campo das informações gramaticais imediatas, campo da classe gramatical, campo das definições, campo das observações, campo do plural com sentido próprio, campo da gramática e/ou uso, campo da etimologia, campos dos coletivos e vozes de animais, campo da pronúncia e campo das locuções e da fraseologia (HOUAISS; VILLAR, 2011).

No tópico *Quadros de transliteração*, a obra traz quadros sobre transliteração do alfabeto grego, transliteração de vogais, vogais longas, casos especiais, indicação de sílaba tônica em vocábulos de línguas indígenas e, às vezes, de línguas africanas, entre outros (HOUAISS; VILLAR, 2011).

Em seguida, o item *Abreviações, rubricas e sinais* mostra uma lista das abreviações utilizadas ao longo do dicionário. É nessa parte que encontramos, também, as abreviações utilizadas na obra sobre variação diatópica.

A obra consta, também, com uma parte intitulada *Gramática*. Esse item inicia na página XXVI com o tópico *I História, domínio e variedade da língua Portuguesa*, retoma ao continente europeu e conta a história da língua Portuguesa. Logo após, o item *II A estrutura básica das orações* trata de questões como sujeito, predicado, entre outros. A parte *III Classe de palavras* é destinada a substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, artigos, numerais, pronomes, preposições, conjunções e interjeições. O tópico *IV A formação do plural em português* apresenta os principais processos de formação do plural dos substantivos e adjetivos da língua

Portuguesa. O *V A formação do feminino em português* apresenta os principais processos de formação do feminino de substantivos e adjetivos. Já o *VI O emprego da crase* destina-se aos casos em que deve fazer o uso da crase, além disso, conta com um tópico para “Nunca se usa a crase”. Em seguida, apresenta o *VII Acentuação gráfica*, que traz algumas regras de acentuação. O item *VIII Notações léxicas* apresenta informações sobre o acento agudo, acento circunflexo, til, cedilha, entre outros. Já o *IX Pontuação* relata uma breve explicação sobre os sinais de pontuação da língua Portuguesa. O *X Regras de ortografia* tem regras para x ou ch, g ou j, s ou z. O *XI Emprego do hífen em compostos por prefixos e falsos prefixos* traz, em forma de tabela, itens como “agro, anti, auto, neo” entre outros. Por fim, o *XII Formas de tratamento de autoridades* se refere às autoridades civis, judiciárias, militares, eclesiásticas, monárquicas e diversas.

Na página XXXIX, inicia a *Conjugação dos verbos*, que se estende até a página LIV, com alguns modelos e explicações. Em seguida, o dicionário inicia a letra A, na página 1 até a página 979.

Como na obra anterior, transcreveremos, a seguir, um verbete para mostrar como se dá uma entrada neste dicionário:

dis.tân.cia <i>s.f.</i> 1 espaço entre duas coisas ou pessoas <mesas a dois metros de d.> 2 afastamento, separação <sofrem com a d.> 3 intervalo de tempo <d. entre dois encontros> 4 separação entre classes sociais [ETIM: lat. distantia, ae ‘distância, afastamento’]
--

Fonte: Houaiss; Villar (2011, p. 311)

Após os verbetes, segue a enciclopédia da obra, da página 982 a 1058. Na página 1059, o dicionário apresenta a seção *Adendos*, contendo *I Correspondência de medidas*, *II Prefixos para múltiplos e submúltiplos decimais*, *III Unidades de base*, *IV Unidades derivadas*, *V Quadro de algarismos*, *VI Quadro dos numerais*, *VII Correspondência entre os alfabetos grego e latino*, *VIII Lista de elementos químicos*, *IX Tabela periódica*, *X Fahrenheit/Centígrados*, *Centígrados/Fahrenheit*, *XI Montanhas mais altas dos seis continentes*, *XII Pontos mais altos do Brasil IBGE / 2000*, *XIII Capitânicas hereditárias*, *XIV Países/nacionalidades/idiomas/moedas*, *XV Grupos indígenas brasileiros*. A obra se encerra na página 1078.

3.1.3 DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (2011)

Na capa inicial, o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2011), doravante DUP, apresenta a organização, que é feita por Francisco S. Borba, a composição de 58.237 verbetes, a Editora Píá e o selo do PNLD Dicionários 2012, conforme a imagem a seguir:

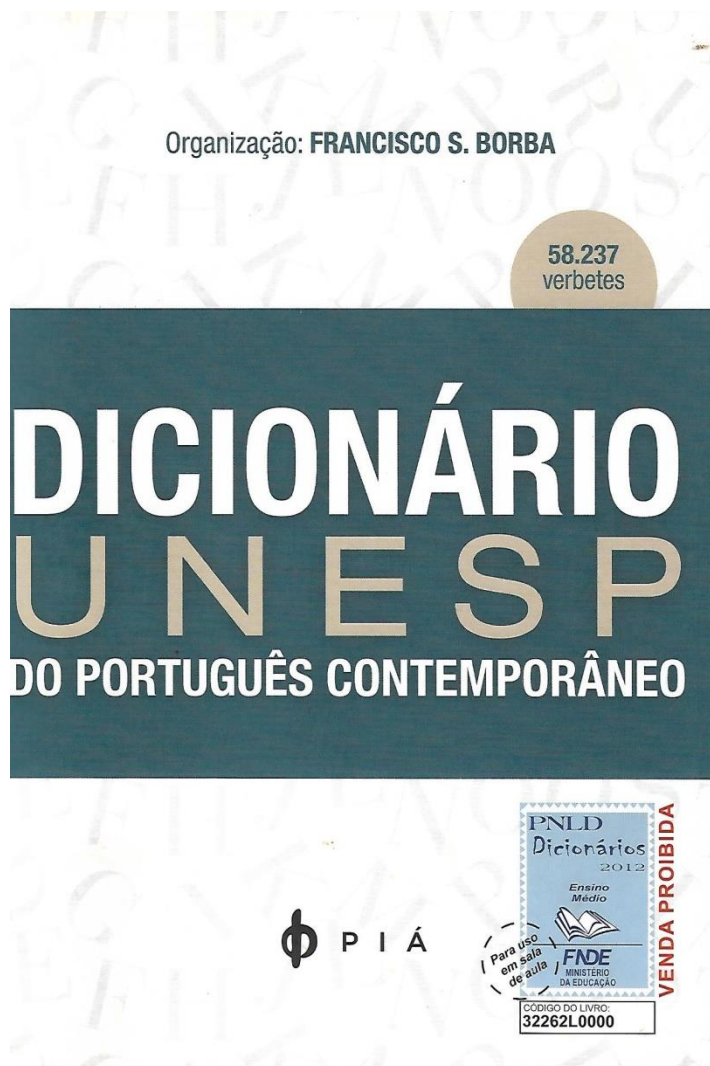


Figura 3 – Capa do DUP

Na capa final, informa que é composto por 110.895 acepções, 135.668 contextualizações, 6.187 destaques e 283 ilustrações. Além disso, apresenta a editora, código de barras e as seguintes informações:

Registra o uso real porque se baseia num *corpus* de 90 milhões de ocorrências de palavras em textos que cobrem praticamente todos os setores da vida social. Apresenta, de forma simples e direta, as regências nominal, verbal e adjetival. Estimula o enriquecimento vocabular pelo jogo de sinônimos em cada verbe.

Apresenta, de maneira atraente, alguns aspectos da história do léxico. Cinco apêndices dão conta das siglas e expressões latinas mais usuais das questões básicas de ortografia e gramática (BORBA, 2011).

Na folha de rosto, traz um guia para professores e estudantes, além do objetivo da obra e dicas de cuidados durante o manuseio. Em seguida, apresenta a ficha bibliográfica e o corpo de autores e editores que fizeram parte da composição da obra.

O *Sumário* é composto pelos seguintes itens: *Introdução, Organização dos verbetes, Símbolos e Abreviaturas, Símbolos fonéticos, De A a Z, Apêndices, I Afijos e elementos de composição, II O novo Acordo Ortográfico, III Expressões latinas, IV Siglas mais comuns, V Irregularidade verbal, Corpus.*

A *Introdução*, na página VII, informa ao público-alvo da obra, que são alunos do 1º ao 3º ano do ensino Médio (tipo 4) e serve de apoio para o professor em sala de aula. Informa também que possui 283 ilustrações para enriquecer algumas explicações. Além disso, aponta: “Estabeleceu-se o conjunto das entradas (58.237 no total) pelo critério de ocorrência num *corpus* de cerca de 90 milhões de itens lexicais em textos escritos no Brasil a partir de 1950” (BORBA, 2011, p. VII).

Esse material, de acordo com a obra, foi extraído do banco de dados do Laboratório de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (BORBA, 2011, p. VII). O dicionário informa, no mesmo texto, que marca entre colchetes as diversas pronúncias do x, as oposições fonológicas do tipo /ô/ e /ó/, entre outros casos. A fonte utilizada é Times New Roman, corpo 8, entrelinha 8,2, entre outras informações que são encontradas ao longo da obra.

A seção *Organização dos verbetes* apresenta a microestrutura da obra com exemplos de verbete, traz informações como, por exemplo, entrada, divisão silábica, estrangeirismo, transcrição fonética, entre outros, mas não detalha nenhuma dessas informações. O *Símbolos e Abreviaturas* apresenta, em três páginas, os símbolos e abreviaturas encontrados ao longo da obra.

Em seguida, o texto *Símbolos fonéticos* são divididos em vogais, semivogais, consoantes e exemplos de transcrição. É nessa parte que o autor apresenta como ocorre a pronúncia das palavras mostrando a transcrição fonética de alguma delas, como, por exemplo, “[a], como em *capa* [ka:pa]” (BORBA, 2011, p. XV).

Os verbetes de A a Z iniciam-se na página 1 e vão até a página 1457. O exemplo a seguir foi retirado da obra para mostrar como uma entrada é registrada:

DISTÂNCIA dis.tân.ci:a Sf [Co] **1** espaço físico que separa dois pontos de referência: *A distância entre as casas era de cem metros.* **2** espaço de tempo que separa dois fatos: *O cliente tem a distância de um mês para recorrer.* [Ab] **3** afastamento; diferença: *Há muita distância entre sonho e realidade.*
▶ **a d.** distante; longe: *estar a distância.*

Fonte: Borba (2011, p. 448)

Logo após os verbetes, iniciam-se os *Apêndices*, com o primeiro item *I. Afixos e elementos de composição ocorrentes em formas da língua escrita atual*, com itens como “alha, anti, archi, auto” entre outros. O *II. O Novo Acordo Ortográfico* é apresentado na página 1465 e traz uma breve explicação sobre mudanças ocorridas acerca do alfabeto, trema, acento agudo, acento circunflexo, acento diferencial (agudo ou circunflexo) e hífen. O *III. Expressões latinas que circulam na língua escrita atual* informa, na página 1467, algumas expressões e seus significados, como: “**carpe diem** [colhe o dia] usada para exortar a que se viva intensamente o momento presente” (BORBA, 2011, p. 1467, grifo do autor).

O apêndice *IV. Siglas mais comuns ocorrentes principalmente nos jornais* vai da página 1469 a 1472. O tópico *V Irregularidade verbal* está dividido em *1. Os paradigmas verbais*, *2. A irregularidade como desvio do paradigma verbal* e, em seguida, o item *Paradigmas da conjugação verbal* apresenta a conjugação de alguns verbos nas 3 conjugações, além de verbos irregulares. Por fim, o dicionário traz o texto intitulado *Corpus*, nas páginas 1487 e 1488, em que apresenta as obras que foram usadas para abonações, por exemplo, “**OMU – O mundo português**. Rio de Janeiro, 08/05/1992; 12/06/1992” (BORBA, 2011, p. 1488, grifo do autor).

3.1.4 DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)

Na capa inicial, o Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara (2011), doravante DEB, informa que segue o novo Acordo Ortográfico e possui 51.210 entradas, contando com verbetes e locuções. Apresenta o selo do PNL D e o nome da Editora Nova Fronteira, conforme a imagem a seguir:

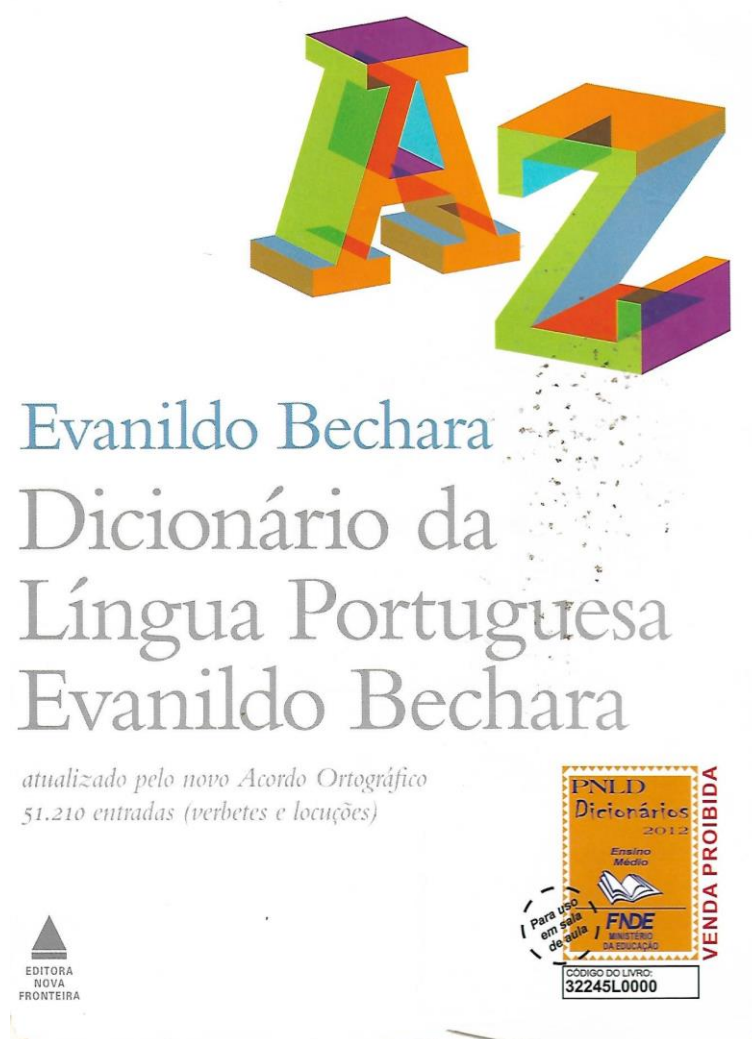


Figura 4 – Capa do DEB

Na capa final, afirma que foi elaborado pelo prof. Evanildo Bechara, que é o único que traz uma lista das palavras que mudaram após o novo Acordo Ortográfico, que é muito fácil de consultar, que possui uma gramática básica, entre outros. Em seguida, detalha um pouco a composição da obra:

51.210 entradas (verbetes e locuções); Separação silábica com indicação da sílaba tônica, classe gramatical, regência verbal e observações gramaticais; Regionalismos, estrangeirismos, grande número de siglas usadas na imprensa e abreviações comuns na internet; Grande quantidade de exemplos de uso e abonações, além da origem das palavras; Sinônimos, antônimos, parônimos, coletivos, plurais, femininos, aumentativos, diminutivos e superlativos irregulares; Modelos de conjugação para todos os verbos; Registro de níveis de uso (popular, pejorativo, jocoso, etc.) e ampla cobertura das áreas do conhecimento (Ecologia, Botânica, Zoologia, Física, Economia, Geografia, História, Filosofia, Artes, Literatura, Informática, Eletrônica, Esportes, etc.);

Tabela de uso do hífen; Quadro de formas de tratamento; Quadro explicativo sobre etimologia; Hierarquia Militar do Brasil; Minienciclopédia de acidentes geográficos, personalidades e fatos relativos ao Brasil; Países do mundo, suas capitais, adjetivos pátrios, moedas e áreas (BECHARA, 2011).

Após a capa inicial, traz, como nas obras anteriores, o mesmo guia para professores e estudantes, o objetivo do dicionário e informações sobre o manuseio. Em seguida, apresenta a ficha bibliográfica.

O *Sumário* é encontrado logo a seguir e detalha os itens que serão encontrados ao longo do dicionário. O primeiro deles é o *Prefácio*, na página 7, que informa que a obra foi redigida de acordo com o novo Acordo Ortográfico, atenta às normas da língua Portuguesa e aos usos correntes entre brasileiros. Sobre o contexto escolar, informa: “inserido o dicionário nas atividades de sala de aula, oferece aos alunos do ensino Médio oportunidade de lhes facilitar um aprendizado reflexivo e criador no mundo significativo das palavras” (BECHARA, 2011, p. 7).

Em seguida, o item *Comportamento e as redes sociais* relata: “Este dicionário foi feito especialmente visando a essa nova geração de jovens com características e habilidades próprias, como o gosto pelas novas tecnologias, pela conectividade permanente e a facilidade de uso dos equipamentos eletrônicos” (BECHARA, 2011, p. 8).

O *Guia de uso* apresenta as informações que a obra oferece para facilitar a consulta, dentre elas estão a entrada, abonação, estrangeirismo, nível de linguagem, antônimo, regência verbal, sinônimo, exemplo, definição, símbolos, entre outros, a fim de ilustrar como essas informações serão encontradas ao longo dos verbetes.

No texto *Saiba mais sobre este dicionário* é apresentado, de forma detalhada das páginas 11 a 14, as informações a serem encontradas na obra. Especialmente, o subitem *Especificações de contexto* detalha o contexto de uso nas áreas de regionalismo, nível de linguagem e área do conhecimento.

Em seguida, na página 15, cita as abreviações utilizadas na obra para *Classes gramaticais, Regências verbais, Regionalismos, Níveis de linguagem, Rubricas, Abreviações e Abreviações usadas para a etimologia*.

A seguir, inicia a seção *Gramática básica da língua portuguesa* que abunda em informações da página 19 a 172. Essa parte está subdividida em *Parte 1 – Oração simples, seus termos e representantes gramaticais, Parte 2 – As unidades do enunciado: formas e empregos, Parte 3 – Orações complexas e grupos oracionais, Parte 4 – Concordância, regência e*

colocação, Parte 5 – Estrutura das unidades, Parte 6 – Fonemas: valores e representações. Ortografia, Parte 7 – Para além da gramática e Lista de abreviaturas (autores).

Na página 173, o *Uso do hífen* informa situações em que usa-se o hífen. Em seguida, as *Formas de tratamento* detalham o tratamento e abreviaturas para Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Meritíssimo Juiz, Vossa Senhoria, Professor, Doutor, Vossa Santidade, Vossa Eminência Reverendíssima, Vossa Excelência Reverendíssima, Vossa Reverendíssima, Vossa Majestade, Vossa Alteza.

A seção *Etimologia, o estudo da origem das palavras* traz informações para facilitar o entendimento da etimologia das palavras, cita o Império Romano, os bárbaros, os mouros, Portugal, África, latim, entre outros.

O texto intitulado *Modelos de conjugação* se estende da página 179 até a página 210, com conjugações de verbos como cantar, comer e dividir. Logo após essa seção, inicia os verbetes do dicionário da página 211 até a página 1152.

O verbete a seguir foi retirado da obra para exemplificar como uma entrada é registrada:

<p>distância (dis.tân.ci:a) <i>sf.</i> 1 Espaço entre dois pontos. 2 Intervalo de tempo entre dois acontecimentos. 3 Afastamento, separação, distanciamento. [Do lat. <i>distantia, ae.</i>]</p>
--

Fonte: Bechara (2011, p. 533)

Após os verbetes de A a Z, o dicionário apresenta, na página 1153 um quadro com a *Hierarquia militar do Brasil*. Em seguida, a *Minienciclopédia* informa:

Nesta minienciclopédia você vai encontrar, em um texto claro e conciso, 1.000 verbetes referentes a fatos históricos, acidentes geográficos e personalidades que vão ajudá-lo a conhecer melhor o nosso país. A seleção efetuada pretende ser representativa, embora não exaustiva, de todas as áreas de interesse relativas ao Brasil. Esperamos que nossas escolhas cumpram seu papel inicial de informar, mas que sirvam ainda de incentivo para a pesquisa de outros nomes, fatos, dados geográficos e culturais certamente tão importantes quanto os citados aqui (BECHARA, 2011, p. 1154).

Após a *Minienciclopédia*, a obra expõe um quadro com *Países do mundo* com colunas sobre o país, o continente que pertence, a capital, o adjetivo pátrio, a moeda e a área (km²). Em seguida, traz, de A a Z, uma lista de *Nova grafia das palavras alteradas pelo novo acordo ortográfico*. O dicionário encerra na página 1183 com a *Tabela periódica*.

3.2 CRITÉRIOS LEXICOGRÁFICOS ADOTADOS PELOS AUTORES PARA O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO DIATÓPICA NOS DICIONÁRIOS DE TIPO 4

Na microestrutura de um dicionário encontramos informações sobre as entradas, exemplos e/ou abonações, sinônimos, antônimos, entre outros. É ainda na microestrutura que o autor informa sobre o tratamento dado a variação diatópica. Nos tópicos a seguir, apresentaremos os critérios lexicográficos dos dicionários de tipo 4 acerca da variação diatópica, para, em seguida, tecermos nossas análises.

3.2.1 NOVÍSSIMO AULETE DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2011)

O NALP expõe no texto *Como usar este dicionário – um guia completo*, mais especificamente no item 11. *Indicação de contexto*, os critérios que serão utilizados pelos autores ao longo da obra para o registro da variação diatópica:

A boa percepção do uso de um vocábulo em determinada acepção está, muitas vezes, ligada à identificação do contexto em que esse uso se verifica. Este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos, em sua ordem hierárquica: 11a) **regionalismo**: indica quando a acepção é restrita a ou mais frequente determinada área geográfica (especialmente estados e regiões do Brasil, ou o Brasil, ou Portugal, ou outro país lusófono); 11b) **nível de uso da língua**: indica em que contexto (familiar, social, cronológico etc.) a acepção tem curso, como, por exemplo, se é assim usada no âmbito da família (Fam.), se é pouco usada (P.us.), se é de uso popular (Pop.), se é de uso pouco recomendável por ser chula (Tabu.) etc.; 11c) **rubrica**: indica em que área disciplinar, profissional, científica etc. o vocábulo tem tal acepção, como a astronomia, a física, a medicina, as artes plásticas etc. Todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as acepções. São grafadas em abreviaturas, em *itálico*, com inicial maiúscula e seguidas de ponto. A lista das respectivas abreviaturas constam nas listas de **rubricas** e de **usos e regionalismos**, no fim deste texto de *Como usar*. (GEIGER, 2011, p. XI, grifos do autor).

Abaixo desses critérios, o dicionário apresenta o verbete “macaco” a fim de exemplificar como essas informações estão dispostas ao longo da obra. Podemos observar, na acepção de número 7, que a marcação “11a” diz respeito a variação da região “N.E.”, que consta no quadro de *Regionalismos* da obra para a região Nordeste.

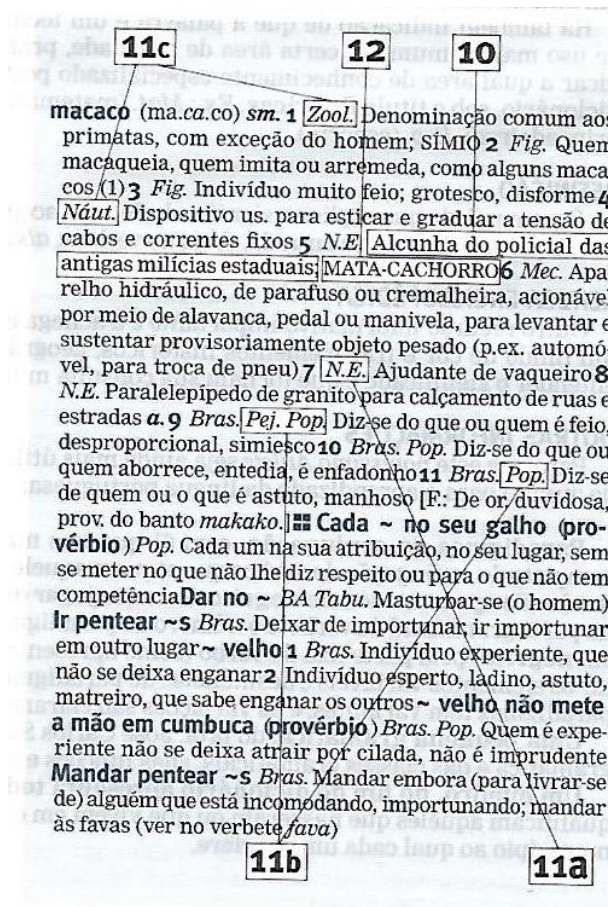


Figura 5 – Exemplo do NALP (GEIGER, 2011, p. X)

Além disso, a obra expõe, na página XIII, uma lista para *Abreviações usadas no dicionário*. Nessa lista, mais precisamente no tópico *Regionalismos*, são apresentados os estados e regiões que a obra contempla:

REGIONALISMOS					
AC	Acre	Espn.	Espanholismo	PI	Piauí
Açor.	Açorianismo	Gal.	Galicismo	PR	Paraná
Afr.	Africanismo	GO	Goiás	RJ	Rio de Janeiro
AL	Alagoas	Gui.	Guineensismo	RN	Rio Grande do Norte
AM	Amazonas	Lus.	lusitanismo	RO	Rondônia
Amaz	Amazônia	MA	Maranhão	RR	Roraima
Angl.	Anglicismo	MG	Minas Gerais	RS	Rio Grande do Sul
Angol.	Angolanismo	Moc.	Moçambiquismo	S.	Sul
AP	Amapá	MS	Mato Grosso do Sul	SC	Santa Catarina
BA	Bahia	MT	Mato Grosso	SE	Sergipe
Bras.	brasileirismo	N.	Norte	S.E.	Sudeste
CE	Ceará	N.E.	Nordeste	S.O.	Sudoeste
C.O.	Centro-Oeste	N.O.	Noroeste	SP	São Paulo
Cver.	Cabo-verdianismo	O.	Oeste	ST e P	São Tomé e Príncipe
DF	Distrito Federal	PA	Pará	TO	Tocantins
E.	Leste	PB	Paraíba		
ES	Espirito Santo	PE	Pernambuco		

Figura 6 – Lista de abreviaturas do NALP (GEIGER, 2011, p. XIV)

3.2.2 DICIONÁRIO HOUAISS CONCISO (2011)

Pesquisamos nas páginas iniciais do DHC como o autor trata a variação diatópica. O texto *Como é este dicionário* apresenta os critérios lexicográficos da obra. É mais especificamente no item 5.8 que o autor trata essa questão “5.8 Se determinada palavra, locução ou acepção é de emprego exclusivo no Brasil (dialetismo vocabular ou semântico) ou é uma variante brasileira de uma palavra da língua, esse dado é informado ao leitor por meio de um *B*.” (HOUAISS; VILLAR, 2011, XIII).

Para exemplificar o texto acima, o seguinte exemplo foi apresentado pelo dicionário.

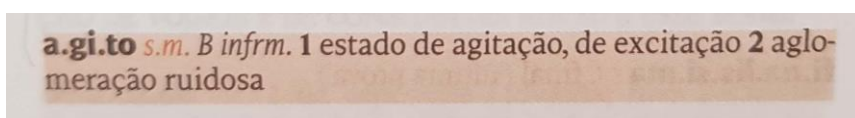


Figura 7 – Exemplo do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XIII)

Conforme o item 5.8, o DHC informa que tratará a variação exclusiva do Brasil por meio de um “*B*”. No verbete acima, o “*B*” indica que “agito” se trata de um uso do Brasil e “*infrm*”, conforme a lista de abreviaturas da obra, indica que é linguagem informal. Buscamos a lista de abreviações da obra.

No texto *Abreviações, rubricas e sinais*, o autor apresenta todas as abreviaturas utilizadas ao longo do dicionário, sem fazer separação sobre o que diz respeito aos regionalismos, rubrica, etimologia e outros termos. A seguir, a lista de abreviações da obra:

Abreviações, rubricas e sinais

a.-al	alto-alemão
abl.	ablativo
abrev.	abreviação; abreviatura
ac.	acusativo
AC	Acre
acp.	acepção ou acepções
adj.	adjetivo
adj.2g.	adjetivo de dois gêneros
adj.2g.2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números
adj.2g.2n.s.2g.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo de dois gêneros
adj.2g.2n.s.2g.2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo de dois gêneros e dois números
adj.2g.2n.s.m.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino
adj.2g.2n.s.m.2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino de dois números
adj.2g.s.2g.	adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros
adj.2g.s.2g.s.f.	adjetivo de dois gêneros, substantivo de dois gêneros e substantivo feminino
adj.2g.s.2g.s.m.	adjetivo de dois gêneros, substantivo de dois gêneros e substantivo masculino
adj.2g.s.f.	adjetivo de dois gêneros e substantivo feminino
adj.2g.s.m.	adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino
adj.2n.s.m.2n.	adjetivo de dois números e substantivo masculino de dois números
adj.s.m.	adjetivo e substantivo masculino
adp.	adaptação
adv.	advérbio, adverbial
afr.	africanismo
afrn.	africânder
AGC	Antônio Geraldo da Cunha
agl.	aglutinação
al.	alemão
AL	Alagoas
alat.	alatinado
al.-suç.	alemão-suíço
alt.	alteração(ões)
altv.	alternativamente, alternativa/o
AM	Amazonas
AMAZ	Amazônia
ANAT	anatomia
ang.-sax.	anglo-saxão
ant.	antigo
antepos.	antepositivo
antr.	antropônimo
ANTRPOL	antropologia
AP	Amapá

Figura 8 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XX)

apóc.	apócope	conj.confr.	conjunção conformativa
aport.	aportuguesamento	conj.consec.	conjunção consecutiva
aprox.	aproximadamente	conj.coord.	conjunção coordenativa
ár.	árabe	conj.coord.explc.	conjunção coordenativa explicativa
aram.	aramaico	conj.explc.	conjunção explicativa
arc.	arcaico	conj.fin.	conjunção final
ARQ	arquitetura	conj.intg.	conjunção integrante
arizot.	(forma) arrizotônica	conj.prop.	conjunção proporcional
art.	artigo	conj.sub.	conjunção subordinativa
art.def.	artigo definido	conj.temp.	conjunção temporal
art.ind.	artigo indefinido	contr.	contração; contrato
ASTR	astronomia	contrv.	controversa
ASTRL	astrologia	cp.	comparar (com)
aum.	augmentativo	CUL	culinária
aum.irreg.	augmentativo irregular	D	defectivo
AUTOM	automobilismo	Dalg	Sebastião Dalgado
B	Brasil, brasileirismo	dat.	dativo
BA	Bahia	déc.	década
b.-al.	baixo-alemão	der.	derivação, derivado(s)
B C.-O.	centro-oeste do Brasil	design.	designação
B E.	leste do Brasil	desin.	desinência
beng.	bengali	DESP	desporto, esportes
BIO	biologia	desus.	desusado
BIOQ	bioquímica	DF	Distrito Federal
b.-lat.	baixo-latim	D.H.P.T.	Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi
B N.	norte do Brasil	dial.	dialetal, dialeto
B N.E.	nordeste do Brasil	dim.	diminutivo
B N.O.	noroeste do Brasil	dim.irreg.	diminutivo irregular
BOT	botânica	dinam.	dinamarquês
braq.	braquilogia	DIR	direito
B S.	sul do Brasil	divg.	divergente(s)
B S.E.	sudeste do Brasil	doc.	documentado(a)
B S.O.	sudoeste do Brasil	drg.	linguagem de drogados
calb.	calabrês	ECO	ecologia
cast.	castelhano	ECON	economia
cat.	catalão	egp.	egípcio
CE	Ceará	el.	elemento
cf.	conferir	ELETR	eletricidade
chn.	chinês	ELETRÔN	eletrônica
CINE	cinema	empr.	empregado(s)/a(s); emprega-se
CIR	cirurgia	emprt.	empréstimo(s)
cl.	clássico	ENG	engenharia em geral, esp. a civil
cog.	cognato	equiv.	equivalente
COL	coletivo(s)	ES	Espírito Santo
com.	comum	esp.	espanhol; especialmente
comb.	combinação	ETIM, etim.	etimologia
COMN	comunicação	E.U.A.	Estados Unidos da América
comp.	composta/o	euf.	eufemismo, forma eufêmica
comp.inf.	comparativo de inferioridade	ex.	exemplo
comp.super.	comparativo de superioridade	exp.	expressão, expressivo(a)
conc.	concani(m)	f.	forma
conc.-mart.	concani(m)-marata	f.afer.	forma aferética
conj.	conjunção	fam.	família
conj.adt.	conjunção aditiva	f.apoc.	forma apocopada
conj.advrs.	conjunção adversativa	f.aport.	forma aportuguesada
conj.altv.	conjunção alternativa	FARM	farmacologia
conj.caus.	conjunção causal	f.dial.	forma(s) dialetal(ais)
conj.comp.	conjunção comparativa		
conj.concl.	conjunção conclusiva		
conj.concs.	conjunção concessiva		
conj.cond.	conjunção condicional		

Figura 9 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXI)

f.divg.	forma(s) divergente(s)	guarn.	guarani
fem.	feminino	hab.	habitante
fem.substv.	feminino substantivado	hapl.	haplogia
f.epent.	forma epentética	heb.	hebraico
f.hapl.	forma haplológica	hibr.	hibridismo, híbrido
fig.	figurado	hin.	hindu
FIL.	filosofia	hind.	hindustani
FÍS.	física	hipoc.	hipocorístico
FISQUIM.	fisioquímica	HIST.	história
flam.	flamengo	hol.	holandês
f.metat.	forma metatética	hsp.	hispanico
FN.	Fernando de Noronha	hsp.am.	hispano-americano(-ismo)
f.não pref. e	forma não preferencial e	hsp.ár.	hispano-árabe
mais us.	mais usada	húng.	húngaro
FON.	fonética; fonologia	iber.	ibérico
form.	formação	id.	idem
FOT.	fotografia	i.e.	indo-europeu(eia)
f. pref. e	forma preferencial	imp.	imperativo
menos us.	e menos usada	imp.afirm.	imperativo afirmativo
f. prot.	forma protética	ind., indic.	indicativo
fr.	francês	INF.	informática
frânc.	francico	inf.	infinitivo
fr.ant.	francês antigo	infl.	influência, influxo
fraseol.	fraseologia	infrm.	linguagem informal
freq.	frequentemente	ing.	inglês
frm.	linguagem formal	ing.ant.	inglês antigo
f.sinc.	forma sincopada	ing.méd.	inglês médio
fut.	futuro	ing.n.am.	inglês norte-americano
FUTB.	futebol	int.	intransitivo
fut.pres.	futuro do presente	int. e pron.	intransitivo e pronominal
fut.subj.	futuro do subjuntivo	interj.	interjeição, interjetiva/o, interjetivamente
gaél.	gaélico	ior.	iorubá
galg.	galego	IPA	International Phonetic Alphabet
gaul.	gaulês	irl.	irlandês
gen.	general	irreg.	irregular, irregularidade
GEN.	genética	isl.	islandês
gên.	gênero (taxonômico)	it.	italiano
genit.	genitivo	iap.	japonês
GEO.	geografia	JM ou JPM	José Pedro Machado
GEOL.	geologia	joc.	jocoso
GEOM.	geometria	just.	justaposição
G.E.P.B.	Grande Enciclopédia Brasileira e Portuguesa	lat.	latim
ger.	geralmente	lat.cl.	latim clássico
ger.infrm.	geralmente informal	lat.cien.	latim científico
germ.	germânico	lat.ecl.	latim eclesiástico
ger.maiúsc.	com inicial geralmente maiúscula	lat.escl.	latim escolástico
gir.	gíria	lat.hsp.	latim hispânico
GO.	Goiás	lat.imp.	latim imperial
gót.	gótico	lat.medv.	latim medieval
gr.	grego	lat.pop.	latim popular
GRÁF.	gráfica, artes gráficas	lat.tar.	latim tardio
GRAM, gram.	gramática	lat.vulg.	latim vulgar
GRAM/USO.	gramática e uso	l.inf.	linguagem infantil
gr.biz.	grego bizantino	LING.	linguística
gr.cl.	grego clássico	lit.	literal(mente)
gr.ecl.	grego eclesiástico	LIT.	literatura
gr.mod.	grego moderno	LITUR.	liturgia
gros.	grosseiro	loc.	locução
gr.tar.	grego tardio	loc.adj.	locução adjetiva

Figura 10 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXII)

<i>loc.adv.</i>	locução adverbial	<i>orig.</i>	origem
<i>loc.conj.</i>	locução conjuntiva	<i>orig.contrv.</i>	origem controversa
<i>loc.interj.</i>	locução interjetiva	<i>orig.desc.</i>	origem desconhecida
<i>loc.prep.</i>	locução prepositiva	<i>orig.duv.</i>	origem duvidosa
<i>loc.subst.</i>	locução substantiva	<i>orign.</i>	originalmente, originariamente
<i>loc.subst.2n.</i>	locução substantiva de dois números	<i>orig.obsc.</i>	origem obscura
<i>loc.verb.</i>	locução verbal	<i>orig.onom.</i>	origem onomatopaica
<i>loc.vs.</i>	locução verbosubstantiva	<i>p., p.</i>	peessoa; pessoal
<i>lomb.</i>	lombardo	<i>PA</i>	Pará
<i>lunf.</i>	lunfardo	<i>pal.</i>	palavra
<i>m.</i>	masculino	<i>p.ana.</i>	por analogia
<i>MA</i>	Maranhão	<i>part.</i>	particípio
<i>m.a.-al.</i>	médio alto-alemão	<i>part.irreg.</i>	particípio irregular
<i>maiúsc.</i>	maiúscula(s)	<i>part.pas.</i>	particípio passado
<i>mal.</i>	malaios; marechal	<i>part.pres.</i>	particípio presente
<i>malai.</i>	malaiala	<i>pas.</i>	passivo/a
<i>MAR</i>	marinha (termo de); náutica	<i>PB</i>	Paraíba
<i>mart.</i>	marata	<i>PE</i>	Pernambuco
<i>masc.</i>	masculino/a	<i>pej.</i>	pejorativo
<i>MAT</i>	matemática	<i>p.ex.</i>	por exemplo
<i>MED</i>	medicina	<i>p.ext.</i>	por extensão
<i>medv.</i>	medieval	<i>PI</i>	Piauí
<i>MET</i>	meteorologia	<i>pl.</i>	plural
<i>meton.</i>	metonímia	<i>plat.</i>	platino, espanhol platino
<i>mex.</i>	mexicano	<i>p.met.</i>	por metonímia
<i>MG</i>	Minas Gerais	<i>p.metf.</i>	por metáfora
<i>m.hol.</i>	médio holandês	<i>port.</i>	português
<i>MIL</i>	militar (termo), assuntos militares (esp. exército)	<i>port.arc.</i>	português arcaico
<i>MINER</i>	mineralogia	<i>pred.</i>	predicativo
<i>MIT</i>	mitologia	<i>pred. e pron.</i>	predicativo e pronominal
<i>mitôn.</i>	mitônimo	<i>pred.int. e pron.</i>	predicativo, intransitivo e pronominal
<i>moç.</i>	moçárabe	<i>pref.</i>	prefixo
<i>mod.</i>	modelo; moderno/a	<i>prep.</i>	preposição
<i>MS</i>	Mato Grosso do Sul	<i>prep.lat.</i>	preposição latina
<i>MT</i>	Mato Grosso	<i>prepos.</i>	prepositiva
<i>MUS</i>	música	<i>pres.</i>	presente
<i>n.</i>	número (gramatical); numeral	<i>pres.ind.</i>	presente do indicativo
<i>n.-am.</i>	norte-americano(-ismo)	<i>pres.subj.</i>	presente do subjuntivo
<i>nap.</i>	napolitano	<i>pret.</i>	pretérito
<i>Nasc</i>	Antenor Nascentes	<i>pret.imperf.</i>	pretérito imperfeito
<i>n.card.</i>	numeral cardinal	<i>pret.m.-q.-perf.</i>	pretérito mais-que-perfeito
<i>neg.</i>	negação, negativo	<i>pret.perf.</i>	pretérito perfeito
<i>n.frac.</i>	numeral fracionário	<i>1ª p.pl.</i>	primeira pessoa do plural
<i>N.G.B.</i>	Nomenclatura Gramatical Brasileira	<i>1ª p.s.</i>	primeira pessoa do singular
<i>n.mult.</i>	numeral multiplicativo	<i>pron.</i>	pronome; pronominal, reflexivo e/ou recíproco
<i>nom.</i>	nominativo	<i>pron.dem.</i>	pronome demonstrativo
<i>nor.</i>	norueguês	<i>pron.ind.</i>	pronome indefinido
<i>n.ord.</i>	numeral ordinal	<i>pron.ind.pl.</i>	pronome indefinido plural
<i>nórd.</i>	nórdico	<i>pron.interg.</i>	pronome interrogativo
<i>obj.dir.</i>	objeto direto	<i>pron.p.</i>	pronome pessoal
<i>obj.ind.</i>	objeto indireto	<i>pron.pos.</i>	pronome possessivo
<i>obsc.</i>	obscuro/a	<i>pron.rel.</i>	pronome relativo
<i>obsl.</i>	obsoleto/a	<i>pron.trat.</i>	pronome de tratamento
<i>occ.</i>	occitano	<i>prov.</i>	provavelmente
<i>ODONT</i>	odontologia	<i>provç.</i>	provençal
<i>O.E.D.</i>	Oxford English Dictionary	<i>psic.</i>	psicologia
<i>onom.</i>	onomatopaico, onomatopeia	<i>PSICN</i>	psicanálise
<i>ÓPT</i>	óptica	<i>PSIQ</i>	psiquiatria

Figura 11 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIII)

<i>p.us.</i>	pouco usado	<i>s.v.</i>	<i>sub verbo, sub voce</i> (indica onde está a entrada)
<i>quicg.</i>	quicongo	<i>t.</i>	termo
<i>quich.</i>	quíchua	<i>tâm.</i>	tâmil
<i>quim</i>	química	<i>tar.</i>	tardio
<i>quimb.</i>	quimbundo	<i>tb.</i>	também
<i>rad.</i>	radical	<i>t.d.</i>	transitivo direto
<i>RAD</i>	rádio	<i>t.d. e int.</i>	transitivo direto e intransitivo
<i>red.</i>	redução; forma reduzida	<i>t.d. e pron.</i>	transitivo direto e pronominal
<i>regr.</i>	regressivo	<i>t.d. e t.d.i.</i>	transitivo direto e transitivo direto e indireto
<i>REL</i>	religião	<i>t.d. e t.d.pred.</i>	transitivo direto e transitivo direto predicativo
<i>rizot.</i>	(forma) rizotônica	<i>t.d. e t.i.</i>	transitivo direto e transitivo indireto
<i>RJ</i>	Rio de Janeiro (estado)	<i>t.d.i.</i>	transitivo direto e indireto
<i>RN</i>	Rio Grande do Norte	<i>t.d.i. e int.</i>	transitivo direto e indireto e intransitivo
<i>RO</i>	Rondônia	<i>t.d.i. e pron.</i>	transitivo direto e indireto e pronominal
<i>rom.</i>	romano	<i>t.d.i. e t.d.pred.</i>	transitivo direto e indireto e transitivo direto predicativo
<i>român.</i>	românico	<i>t.d.int. e pron.</i>	transitivo direto, intransitivo e pronominal
<i>RR</i>	Roraima	<i>t.d.i.int. e pron.</i>	transitivo direto e indireto, intransitivo e pronominal
<i>RS</i>	Rio Grande do Sul	<i>t.d.pred.</i>	transitivo direto predicativo
<i>rus.</i>	russo	<i>t.d.pred. e pron.</i>	transitivo direto predicativo e pronominal
<i>s</i>	século (datação)	<i>t.d.pred. e t.i.pred.</i>	transitivo direto predicativo e transitivo indireto predicativo
<i>sâncsc.</i>	sânscrito	<i>t.d.t.d.i. e int.</i>	transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto e intransitivo
<i>s.c.</i>	<i>scilicet</i> ('a saber')	<i>t.d.t.d.i. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto e pronominal
<i>SC</i>	Santa Catarina	<i>t.d.t.d.i.int. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e pronominal
<i>s.2g.</i>	substantivo de dois gêneros	<i>t.d.t.d.i. e int.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto e intransitivo
<i>s.2g.2n.</i>	substantivo de dois gêneros e dois números	<i>t.d.t.d.i.int. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e pronominal
<i>s.2g.pl.</i>	substantivo de dois gêneros plural	<i>t.d.t.d.i.t.i. e int.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo indireto e intransitivo
<i>SF</i>	Sergipe	<i>t.d.t.d.i.t.i.int. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo indireto, transitivo indireto e intransitivo e pronominal
<i>séc.</i>	século	<i>t.d.t.d.pred. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo direto predicativo e transitivo direto e indireto
<i>seg.</i>	seguinte	<i>t.d.t.d.pred., t.d.i. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto predicativo, transitivo direto e indireto e pronominal
<i>2ª p.pl.</i>	segunda pessoa do plural	<i>t.d.t.i. e int.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo
<i>2ª p.</i>	segundas pessoas	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>s.f.</i>	substantivo feminino	<i>t.d.t.i. e t.d.i. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>s.f.2n.</i>	substantivo feminino de dois números	<i>t.d.t.d.i.int. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo direto e indireto, intransitivo e pronominal
<i>s.f.pl.</i>	substantivo feminino plural	<i>t.d.t.d.i.t.i. e int.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo indireto e intransitivo
<i>SI</i>	Sistema Internacional de Pesos e Medidas	<i>t.d.t.d.i.t.i.int. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto e indireto, transitivo indireto, transitivo indireto e intransitivo e pronominal
<i>signf.</i>	significado	<i>t.d.t.d.pred. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo direto predicativo e pronominal
<i>simb.</i>	símbolo	<i>t.d.t.d.pred. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo direto predicativo e transitivo direto e indireto
<i>sing.</i>	singular	<i>t.d.t.d.pred., t.d.i. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo direto predicativo, transitivo direto e indireto e pronominal
<i>s.m.</i>	substantivo masculino	<i>t.d.t.i. e int.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e intransitivo
<i>s.m.2n.</i>	substantivo masculino de dois números	<i>t.d.t.i. e pron.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>s.m.pl.</i>	substantivo masculino plural	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>snt.</i>	sintagma	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>soc</i>	sociologia	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>SP</i>	São Paulo (estado)	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>subfam.</i>	subfamília	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>subj.</i>	subjuntivo	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>subst.</i>	substantivo	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>subst.com.</i>	substantivo comum	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>substv.</i>	substantivação, substantivado	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>suf.</i>	sufixo	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>sup.</i>	superlativo	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>sup.abs.sint.</i>	superlativo absoluto sintético	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>superfam.</i>	superfamília	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal
<i>supn.</i>	supino	<i>t.d.t.i. e t.d.i.</i>	transitivo direto, transitivo indireto e pronominal

Figura 12 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXIV)

<i>t.d.t.i.int.e.pron.</i>	transitivo direto, transitivo indireto, intransitivo e pronominal	Sinais	■	mudança de classe gramatical ou do qualificativo da classe gramatical
<i>t.d.t.i.t.d.i.e.pron.</i>	transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto e pronominal	□	□	mudança de regência
<i>t.d.t.i.pred.e.int.</i>	transitivo direto, transitivo indireto predicativo e intransitivo	®	®	marca registrada
<i>t.d.t.i.t.d.pred.</i>	transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto predicativo e pronominal	▲	▲	símbolo (sem classe gramatical)
TEAT	teatro	☞	☞	campo das observações
TEL	telecomunicações	▼	▼	plural com sentido próprio
3 ^o p.pl.	terceira pessoa do plural	⊙	⊙	gramática e/ou uso, coletivos e vozes
3 ^o p.s.	terceira pessoa do singular	▣	▣	início das locuções
3 ^o p.	terceiras pessoas	•	•	separador de locuções
term.	terminação	→	→	remissão a uma entrada múltipla
t.i.	transitivo indireto	▷	▷	ver diretamente a locução
t.i.e.int.	transitivo indireto e intransitivo	↪	↪	pronúncia
t.i.e.pron.	transitivo indireto e pronominal	↩	↩	antônimo
t.i.e.t.d.i.	transitivo indireto e transitivo direto e indireto			
t.i.int.e.pron.	transitivo indireto, intransitivo e pronominal			
t.i.t.d.i.e.int.	transitivo indireto, transitivo direto e indireto e intransitivo			
t.i.t.d.i.e.pron.	transitivo indireto, transitivo direto e indireto e pronominal			
t.i.t.i.pred.e.int.	transitivo indireto, transitivo indireto predicativo e intransitivo			
TO	Tocantins			
top.	topônimo			
tur.	turco			
TV	televisão			
umbd.	umbundo			
us.	usado(s)/a(s)			
v.	verbo			
var.	variante			
V.C.I.	Vocabulário Científico Internacional			
v.dep.	verbo depoente			
venez.	veneziano			
vern.	vernáculo, vernacular			
v.freq.	verbo frequentativo			
verb.	verbal			
VET	veterinária			
v.gr.	verbo grego			
v.inc.	verbo incoativo			
v.ing.	verbo inglês			
v.lat.	verbo latino			
V.O., V.O.L.P.	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (ABL)			
voc.	vocábulo			
vocat.	vocativo			
vulg.	vulgar			
zoo.	zoologia			

Figura 13 – Lista de abreviaturas do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. XXV)

3.2.3 DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO (2011)

A *Introdução* do DUP vai da página VII a X e contém informações sobre o critério das entradas, os homônimos, a pronúncia, entre outros. É nesse texto que o autor cita os critérios sobre variantes fonéticas e gráficas, variantes de baixa frequência, chulismos e vulgarismos; sobre a variação diatópica, mais precisamente, esse texto informa: “Também se registraram os regionalismos que se conseguiu identificar e os estrangeirismos” (BORBA, 2011, p. VIII).

Logo após a *Introdução*, o dicionário traz o texto *Organização dos verbetes*, que é encontrado na página XI. É nessa seção que o autor apresenta alguns verbetes, exemplificando como serão registrados alguns critérios. Nesse caso, retiramos o exemplo de variação diatópica:

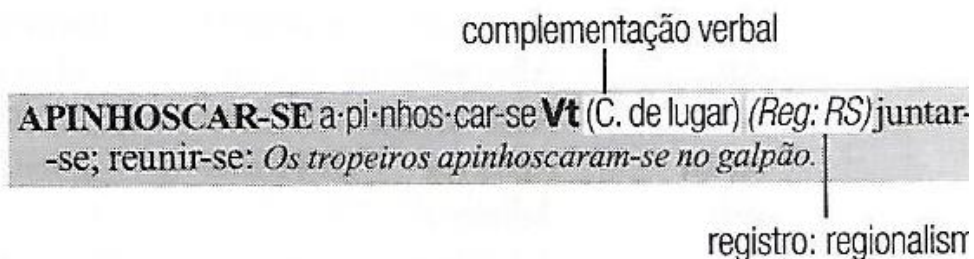


Figura 14 – Exemplo do DUP (BORBA, 2011, p. XI)

Apesar de apresentar uma lista para *Símbolos e Abreviaturas*, não encontramos nenhuma informação relativa à variação diatópica. A seguir, a lista de abreviaturas do dicionário:

Símbolos e Abreviaturas

- ⊗ Indica destaque
- Separa blocos de informações em verbetes de palavras gramaticais
- ▶ Introduce subentradas; expressões e frases feitas
- < Indica “veio de”
- > Indica passagem de uma forma ou de um sentido para outro [“passou a”]
- ~ Indica equivalência de sentido entre palavras gramaticais

Ab	Abstrato	Ch	Chulo
Abrev	Abreviatura	Chin	Chinês
Acúst	Acústica	Cin	Cinema
Adj	Adjetivo	Citol	Citologia
Adv	Advérbio	Co	Concreto
Aeron	Aeronáutica	Coloq	Coloquial
Afr	Africano	Compl	Complemento
Afric	Africâner	Comun	Comunicação
Al	Alemão	Conj	Conjunção
Álg	Álgebra	Conjug	Conjugação
Anat	Anatomia	Cor	Coreano
Antrop	Antropônimo	Cp	Compare
Antropol	Antropologia		
Ár	Árabe	Defect	Defectivo
Arauc	Araucano	Deprec	Depreciativo
Arc	Arcaísmo	Deriv	Derivado
Arquit	Arquitetura	Desp	Desportos
Art	Artigo	Dim	Diminutivo
Art Gráf	Artes Gráficas	Dir	Direito
Art Plást	Artes Plásticas	Drav	Dravidico
Ass	Assírio		
AstroI	Astrologia	Ecol	Ecologia
Astron	Astronomia	Econ	Economia
Aum	Aumentativo	Eletr	Eleticidade
Autom	Automobilismo	Eng	Engenharia
Aux	Auxiliar	Equit	Equitação
		Escand	Escandinavo
Basq	Basquete	Esp	Espanhol
Biol	Biologia	Esp plat	Espanhol platino
Bioquím	Bioquímica	Esq	Esquimó
Bot	Botânica	Estat	Estatística
C	Complemento	Fam	Familiar
Cat	Catalão	Farmac	Farmacologia
Célt	Céltico	Fem	Feminino
Cer	Cerâmica	Filos	Filosofia
Cf	Confira	Fin	Finanças

XII

Figura 15 – Lista de abreviaturas do DUP (BORBA, 2011, p. XII)

Finl	Finlandês	m.-q.-perf	mais-que-perfeito
Fis	Física	Mal	Malaio
Fisiol	Fisiologia	Mall	Malaiala
Fis-quím	Físico-química	Marit	Linguagem marítima
Folc	Folclore	Mase	Masculino
Fonét	Fonética	Mat	Matemática
Fórm	Fórmula	Mec	Mecânica
Fot	Fotografia	Med	Medicina
Fr	Francês	Meteor	Meteorologia
Frânc	Frâncico	Mil	Linguagem militar
Freq	Frequência	Miner	Mineralogia
Fut	Futebol	Mitol	Mitologia
		Mús	Música
Genét	Genética	N. Atôm	Número atômico
Geol	Geologia	Náut	Linguagem náutica
Geom	Geometria	Normal	Normalmente
Ger	Gerúndio	NT	Novo Testamento
Ger	Geralmente	Num	Numeral
Germ	Germânico		
Gír	Gíria	Obsol	Obsoleto
Gót	Gótico	Oc	Ocorrência
Gr	Grego	Odont	Odontologia
Gram	Gramática	Onomat	Origem onomatopaica
		Or₁	Oração
Hav	Havaiano	Or₂	Origem
Hebr	Hebraico	Or conj	Oração conjuncional
Hind	Híndi	Or duv	Origem duvidosa
Hisp-amer	Hispano-americano	Or inf	Oração infinitiva
Hist	História	Ortop	Ortopedia
Histol	Histologia		
Hol	Holandês	Parapsic	Parapsicologia
Húng	Húngaro	Part	Participio
		Patol	Patologia
Imperf	Imperfeito	Pej	Pejorativo
Imp	Impessoal	Pess	Pessoa
Ind	Indicativo (modo)	Perf	Perfeito
Inf	Infinitivo	Pl	Plural
Inform	Informática	Poét	Poético
Ing	Inglês	Pol	Polonês
Interj	Interjeição	Polít	Política
Iron	Tom irônico	Pop	Popular
Irreg	Irregular	Poss	Possessivo
Ital	Italiano	PP	Participio
		Pred	Predicativo
Jap	Japonês	Prep	Preposição
Jav	Javanês	Pron	Pronome
Joc	Jocosos	Prov	Provençal
Jorn	Jornalismo	Psic	Psicologia
Jur	Jurídico	Psican	Psicanálise
		Psicop	Psicopatologia
Lat	Latim	Psic	Psiquiatria
Ling	Linguística	Public	Publicidade
Lit	Literatura		
LJ	Conjunto de textos de literatura jornalística	Quích	Quíchua
LO	Conjunto de textos de literatura oratória	Quím	Química
Lóg	Lógica		
LP	Conjunto de textos de literatura poética	Rád	Rádio
LR	Conjunto de textos de literatura romanesca (romances e contos)	Rad	Radical
LT	Conjunto de textos de literatura técnica	Reg	Regionalismo
		Reg	Regular
Lunf	Lunfardo	Rel	Religião
Lus	Lusitanismo	Retór	Retórica
		Rus	Russo

Figura 16 – Lista de abreviaturas do DUP (BORBA, 2011, p. XII)

Abreviaturas			
S	Substantivo	Top	Topônimo
Scr	Sânscrito	TV	Televisão
Séc	Século		
Semiót	Semiótica	Unip	Unipessoal
Sf	Substantivo feminino	Us	Usado(a)
Sg	Singular		
Simb	Símbolo	V	Verbo
Sint	Sintaxe	Vaux	Verbo auxiliar
Sm	Substantivo masculino	Vet	Veterinária
Sociol	Sociologia	Vi	Verbo intransitivo
Subj	Subjuntivo	Vlig	Verbo de ligação
Suf	Sufixo	VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras
Suj	Sujeito	VT	Velho Testamento
		Vt	Verbo transitivo
Tb	Também		
Tâm	Tâmil		
Teatr	Teatro	Xadr	Jogo de xadrez
Teol	Teologia		
Tibet	Tibetano		
Tip	Tipologia	Zool	Zoologia

Figura 17 – Lista de abreviaturas do DUP (BORBA, 2011, p. XIV)

3.2.4 DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)

Inicialmente, o DEB apresenta, na *Guia de uso*, o verbete “toada”¹⁶ para exemplificar como as marcas de usos são encontradas ao longo do verbete. Nesse caso, as marcas são “área do conhecimento”, “nível de linguagem” e “regionalismo”:

¹⁶ Diante da dificuldade de digitalização, o verbete está transcrito novamente mais abaixo.

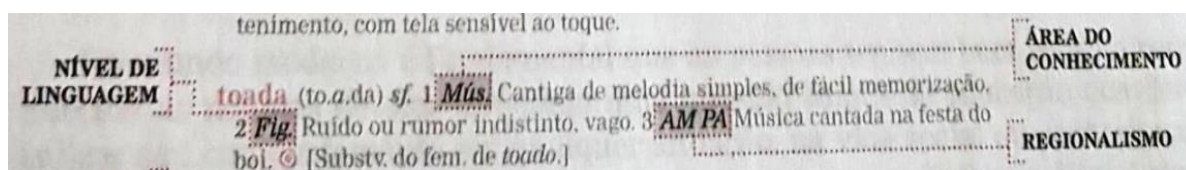


Figura 18 – Exemplo do DEB (BECHARA, 2011, p. 10)

É na acepção de número 3 que aparecem as marcas de “AM” e “PA”, referindo-se aos estados de Amazonas e Pará, conforme a lista de abreviaturas da obra que será apresentada posteriormente.

No texto *Especificações de contexto* o autor apresenta os critérios lexicográficos que embasam a obra. Os critérios sobre a variação diatópica são apresentados no tópico de “contextos de uso”, em que o autor esclarece como tratará os regionalismos, o nível de linguagem e a área do conhecimento:

O esclarecimento de contextos de uso se dá em três áreas: 1) Regionalismo (*Amaz, N.E., S., etc.*) – indica a maior frequência de uso de uma acepção em determinada área geográfica. 2) Nível de linguagem (*Pop., Pej., Joc., etc.*) – indica a conotação ou circunstância em que a acepção é usada. 3) Área do conhecimento – as rubricas (*Med., Fís., Ecol., etc.*) especificam o assunto ou a área técnica em que a palavra possui aquela definição. Quando as especificações se aplicam a todas as acepções do verbete, vêm antes do número da primeira delas. As abreviações a que correspondem cada uma dessas especificações estão listadas mais adiante. (BECHARA, 2011, p. 12, grifos do autor)

Logo ao lado desse critério, o autor apresenta o mesmo verbete [toada] para esclarecer como os contextos de uso são apresentados ao longo do dicionário:

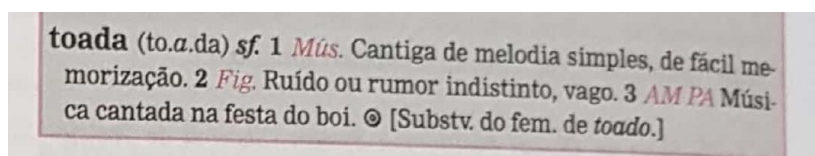


Figura 19 – Exemplo do DEB (BECHARA, 2011, p. 12)

Fomos pesquisar a lista de abreviaturas do DEB a fim de verificar quais estados e regiões são contemplados pela obra. É na lista intitulada *Regionalismos* que encontramos as abreviações:

REGIONALISMOS					
AC	Acre	Gal.	galicismo	PI	Piauí
Afric.	africanismo	GO	Goias	PR	Paraná
AL	Alagoas	Lus.	lusitanismo	RJ	Rio de Janeiro
AM	Amazonas	MA	Maranhão	RN	Rio Grande do Norte
Amaz.	Amazônia	MG	Minas Gerais	RO	Rondônia
AP	Amapá	MS	Mato Grosso do Sul	RR	Roraima
BA	Bahia	MT	Mato Grosso	RS	Rio Grande do Sul
Bras.	brasileirismo	N.	Norte	S.	Sul
CE	Ceará	N.E.	Nordeste	SC	Santa Catarina
C.O.	Centro-Oeste	PA	Pará	SE	Sergipe
DF	Distrito Federal	PB	Paraíba	S.E.	Sudeste
ES	Espírito Santo	PE	Pernambuco	SP	São Paulo
				TO	Tocantins

Figura 20 – Lista de abreviaturas do DEB (BECHARA, 2011, p. 15)

3.3 ANÁLISE COMPARADA DOS CRITÉRIOS LEXICOGRÁFICOS SOBRE A VARIAÇÃO DIATÓPICA EM DICIONÁRIOS DE TIPO 4

Esta seção aborda uma análise comparada dos critérios lexicográficos das obras que foram descritas nos subtópicos anteriores.

Inicialmente, volvemos nosso olhar para a dificuldade de definir o que é regionalismo/brasileirismo. Além disso, nem sempre é fácil registrar um brasileiro. Para nós, como mostramos em nossas discussões teóricas, fica evidente que chamaremos de “brasileirismo” quando se tratar de um vocábulo que se oponha ao português de Portugal e chamaremos de “regionalismo” o que se trata de um vocábulo característico de uma região ou estado brasileiro.

É preciso registrar que, sobre o tratamento dado a variação diatópica, o autor do NALP afirma, na parte em que trata as variações, intitulada *Indicação de contexto*, que: “este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos, em sua ordem hierárquica” (GEIGER, 2011, p. XI). Inicialmente, ele não deixa claro de que forma ele “abunda” na localização desses contextos, mas, o que nos levanta um questionamento nessa parte é a “ordem hierárquica” que o autor afirma tratar.

Nessa "ordem hierárquica", o NALP inclui os regionalismos, o nível de uso da língua e a rubrica. Chamou-nos à atenção o uso da palavra "hierárquica", que nos deu a entender (e poderia dar ao consulente) que há, nessa divisão, uma ordem estabelecida a partir de determinada subordinação. Fomos procurar como o dicionário entende o vocábulo “hierarquia”:

hierarquia (hie.rar.qui.a) *sf.* **1** Ordem, graduação existente numa corporação qualquer, estabelecendo relações de subordinação entre os seus membros e diferentes graus de poderes e responsabilidades (hierarquia militar/eclesiástica) *sf.* **2** Qualquer classificação baseada nas relações de subordinação entre os membros de um grupo **3** *Fig.* Classificação em ordem crescente ou decrescente, segundo a importância de pessoas ou coisas (hierarquia social; hierarquia de valores); ESCALA [F: Do lat. tard. *hierarchia, ae.*] ■■ ~ **militar** *Mil.* Estrutura de ordenação dos níveis de autoridade e comando nas forças armadas [Para a hierarquia militar brasileira, ver quadro na *achega* enciclopédica.]

■ Ordenação da autoridade, em diferentes níveis, dentro da estrutura das forças armadas. No Exército, Marinha de Guerra e Aeronáutica brasileiros existem hoje, respectivamente, os seguintes postos e graduações, aqui citados em ordem decrescente: marechal, almirante, marechal do ar (preenchidos apenas em épocas excepcionais); general de exército, almirante de esquadra, tenente-brigadeiro; general de divisão, vice-almirante, major-brigadeiro; general de brigada, contra-almirante, brigadeiro do ar; coronel, capitão de mar e guerra, coronel-aviador; tenente-coronel, capitão de fragata, tenente-coronel aviador; major, capitão de corveta, major-aviador; capitão, capitão-tenente, capitão-aviador; primeiro-tenente (nas três armas); segundo-tenente (nas três armas); aspirante a oficial, guarda-marinha, aspirante a oficial-aviador; subtenente, suboficial; primeiro-sargento (nas três armas); segundo-sargento (nas três armas); terceiro-sargento (nas três armas); cabo (nas três armas); soldado, marinheiro, soldado. No Exército do Brasil colonial e imperial, a hierarquia militar era a seguinte: marechal de exército; tenente-general; marechal de campo; brigadeiro, mestre de campo, ou coronel; tenente-coronel; sargento-mor ou major; ajudante ou capitão; tenente; alferes; primeiro-cadete; segundo-cadete; primeiro-sargento; segundo-sargento; furriel; cabo de esquadra; anspeçada; soldado; e na Marinha de Guerra: almirante; vice-almirante; chefe de esquadra; chefe de divisão; capitão de mar e guerra; capitão de fragata; capitão-tenente; tenente do mar ou primeiro-tenente; segundo-tenente; guarda-marinha; aspirante; primeiro-sargento; segundo-sargento; quartel-mestre; cabo; marinheiro. Em Portugal, atualmente, existem, no Exército e na Aeronáutica, os postos seguintes: marechal, general, brigadeiro, coronel, tenente-coronel, major, capitão, tenente e alferes; e na Marinha de Guerra: almirante, vice-almirante, contra-almirante, comodoro, capitão de mar e guerra, capitão de fragata, capitão-tenente, primeiro-tenente, segundo-tenente, subtenente e guarda-marinha (equivalentes).

Figura 21 – Verbetes do NALP (GEIGER, 2011, p. 744)

O verbete “hierarquia” nas acepções 1, 2 e 3 dá a entender que existe uma classificação de acordo com a importância dos fatores, conforme as definições apresentadas: “ordem, graduação existente numa corporação qualquer”, “qualquer classificação baseada nas relações de subordinação entre os membros de um grupo” e “classificação em ordem crescente ou decrescente, segundo a importância de pessoas ou coisas”. Se o aluno/consulente tiver dúvida

e procurar o significado, o verbete pode levá-lo a entender que existe uma classificação entre os critérios.

Além disso, acerca dos critérios sobre a variação diatópica expostos pelo NALP, o dicionário traz “regionalismo: indica quando a acepção é restrita a ou mais frequente determinada área geográfica”. Conforme vimos anteriormente na lista de regionalismos da obra, o NALP apresenta marca diatópica para brasileirismo, mas, na parte em que cita os critérios, não mostra isso para o consulente, portanto, ao longo do critério, o dicionário não deixa claro para o aluno que vai tratar de regionalismo e brasileirismo. Regionalismos, para o autor, é uma acepção que pode ser utilizada em estados, regiões e países.

No critério acima, o autor coloca como regionalismo uma marca que é utilizada em uma determinada área geográfica, mas, como mostra o quadro de regionalismos da obra, ele aborda todo o Brasil, ou seja, brasileirismo e outros países. Nosso questionamento é em relação a saber se o autor vai denominar todas as marcas de regionalismo e se, para ele, brasileirismo possui o mesmo significado de regionalismo.

No quadro de abreviaturas do NALP, percebemos que esse dicionário trata de marcas nacionais, estados e regiões, mas, questionamos a presença de marcas como “açorianismo, africanismo, anglicismo, angolanismo, cabo-verdianismo, espanholismo, galicismo, guineensismo, lusitanismo, moçambiquismo e São Tomé e Príncipe” em um quadro intitulado de regionalismos, pois o autor não informa para o aluno do que se tratam essas marcas de uso. Além disso, elas não deveriam constar na obra, pois é importante citarmos o primeiro critério de exclusão dos dicionários avaliados no PNLD/2012, que consta no Anexo 3 deste trabalho:

os dicionários *devem privilegiar o português contemporâneo do Brasil* [...]. Portanto, obras voltadas predominantemente para o léxico de outra variedade da língua portuguesa, ou mesmo escritas em outra variedade, serão excluídas do PNLD Dicionários 2012 (BRASIL, 2012, p. 93, grifos do autor).

Percebemos, então, que essas marcas não deveriam constar nesse tipo de obra, pois, de acordo com os critérios de exclusão, devem ser privilegiados apenas o português contemporâneo do Brasil. Contudo, os critérios para a variação diatópica do NALP se tornam vagos e há uma importância do autor explicar, nas páginas iniciais do dicionário, quais marcas irá tratar e o que cada uma delas corresponde.

O NALP aborda todos os estados brasileiros e o Distrito Federal. Aborda, também, as cinco regiões do Brasil e traz, ainda, regiões como Leste, Noroeste, Oeste e Sudoeste. Como não encontramos a marca de brasileirismo nos critérios lexicográficos, fomos procurar ao longo

do dicionário e encontramos o verbete “trem” para exemplificar que a obra não cita no critério, mas aborda o brasileirismo:

trem *sm.* **1** Meio de transporte formado por vários vagões rebocados por uma locomotiva; COMBOIO **2** Conjunto de objetos transportados por um viajante; BAGAGEM **3** O conjunto de móveis de uma casa; MOBÍLIA; MOBILIÁRIO **4** *Bras.* O conjunto dos utensílios de cozinha **5** Grupo de pessoas que acompanha outra(s) em viagens; COMITIVA; SÉQUITO **6** Conjunto de roupas de alguém; TRAJE; VESTUÁRIO **7** Veículo de quatro rodas, puxado por cavalos, us. para transportar pessoas; CARRUAGEM **8** Ritmo, velocidade, andamento: *o trem de uma competição.* **9** *MG GO TO Pop.* Qualquer objeto; COISA; TRECO **10** *MG GO TO Pop.* Indisposição física **11** *MG S Pej. Pop.* Pessoa ou coisa inútil [Pl.: *trens.*] **12** *MG S Pej. Pop.* Diz-se de pessoa ou coisa sem valor ou utilidade [F.: Do ing. *train.*]

Figura 22 – Verbetes do NALP (GEIGER, 2011, p. 1360)

Como podemos observar no verbete acima, há, logo após o número da aceção, a marca diatópica antes da definição. Neste caso, as marcas aparecem nas aceções 4, 9, 10, 11 e 12. Na aceção 4, a marca presente é “*Bras.*” que, conforme a lista de regionalismos da obra, pertence a “brasilismo” e tem como definição “conjunto dos utensílios de cozinha”. Na aceção 9, as marcas de regionalismo “*MG*”, “*GO*”, “*TO*”, indicam que o sentido de “qualquer objeto; coisa; treco” são marcas dos estados de Minas Gerais, Goiás e Tocantins. Esses três estados [“*MG*”, “*GO*” e “*TO*”] se repetem na aceção 10, em que a obra registra como “indisposição física”. Já na aceção 11, as marcas de “*MG*” e “*S*” indicam que a definição de “pessoa ou coisa inútil” pertence ao estado de Minas Gerais e a Região Sul do Brasil. As mesmas marcas estão, também, na aceção 12, que informa que “pessoa ou coisa sem valor ou utilidade” são usados em Minas Gerais e na Região Sul do país.

Já o DHC informa, apenas “se determinada palavra, locução ou aceção é de emprego exclusivo no Brasil” ou se é uma “variante brasileira de uma palavra da língua” e traz esses casos por meio de um “*B*”. Nesse caso, o dicionário afirma que tratará de brasileirismos e não afirma que tratará de regionalismos, mas, como pudemos observar na lista de abreviaturas, há sim o registro dos estados e algumas regiões, bem como “*AC*” para Acre, “*B S.*” para sul do Brasil, entre vários outros que foram especificados nas figuras de 10 a 15 do tópico 3.2.2.

Ainda no critério 5.8, não há informações sobre o tratamento dado às regiões e estados brasileiros, diferente do NALP, que cita regionalismos e não cita brasileirismos. Outro aspecto

que diverge nesse dicionário é a lista de abreviaturas, pois o DHC não apresenta uma lista exclusiva para as marcas diatópicas. Conforme pudemos verificar, o dicionário não faz a separação de categorias como classe gramatical, transitividade verbal, regionalismos, entre outros, dentro da lista de abreviaturas. O DHC apresenta uma lista de cinco páginas para as abreviaturas, mas, como nosso trabalho está voltado para as marcas diatópicas, buscamos separá-las em uma lista:

<i>AC</i>	Acre	<i>B S.</i>	sul do Brasil	<i>PA</i>	Pará
<i>afr.</i>	Africanismo	<i>B S.E.</i>	sudeste do Brasil	<i>PB</i>	Paraíba
<i>AL</i>	Alagoas	<i>B S.O.</i>	sudoeste do Brasil	<i>PE</i>	Pernambuco
<i>AM</i>	Amazonas	<i>CE</i>	Ceará	<i>PI</i>	Piauí
<i>AMAZ</i>	Amazônia	<i>ES</i>	Espírito Santo	<i>RJ</i>	Rio de Janeiro (estado)
<i>AP</i>	Amapá	<i>FN</i>	Fernando de Noronha	<i>RN</i>	Rio Grande do Norte
<i>B</i>	Brasil, brasileiro	<i>GO</i>	Goiás	<i>RO</i>	Rondônia
<i>BA</i>	Bahia	<i>hsp.-am.</i>	hispanico-americano(-ismo)	<i>RR</i>	Roraima
<i>B C.-O.</i>	centro-oeste do Brasil	<i>MA</i>	Maranhão	<i>RS</i>	Rio Grande do Sul
<i>B E.</i>	leste do Brasil	<i>MG</i>	Minas Gerais	<i>SC</i>	Santa Catarina
<i>B N.</i>	norte do Brasil	<i>MS</i>	Mato Grosso do Sul	<i>SE</i>	Sergipe
<i>B N.E.</i>	nordeste do Brasil	<i>MT</i>	Mato Grosso	<i>SP</i>	São Paulo (estado)
<i>B N.O.</i>	noroeste do Brasil	<i>n.-am.</i>	norte-americano(-ismo)	<i>TO</i>	Tocantins

Fonte: Houaiss; Villar (2011, p. XX-XXV)

Novamente, questionamos a inclusão de marcas como “africanismo, hispanico-americanismo e norte-americanismo”, pois, de acordo com os critérios de exclusão do PNLD Dicionários 2012, devem privilegiar apenas o português contemporâneo do Brasil.

Diferente do NALP, o DHC só cita “B” para brasileiro e não cita todos os estados, pois Paraná não é citado na lista, não citando, também, o Distrito Federal. Outro aspecto que o difere do NALP é a inclusão de Fernando de Noronha.

Como a obra só deixa claro que tratará de brasileirismo na parte dos critérios sobre a variação diatópica, selecionamos aleatoriamente o verbete “abadá” para exemplificar que os regionalismos constam no dicionário, portanto, deveriam constar no critério lexicográfico:

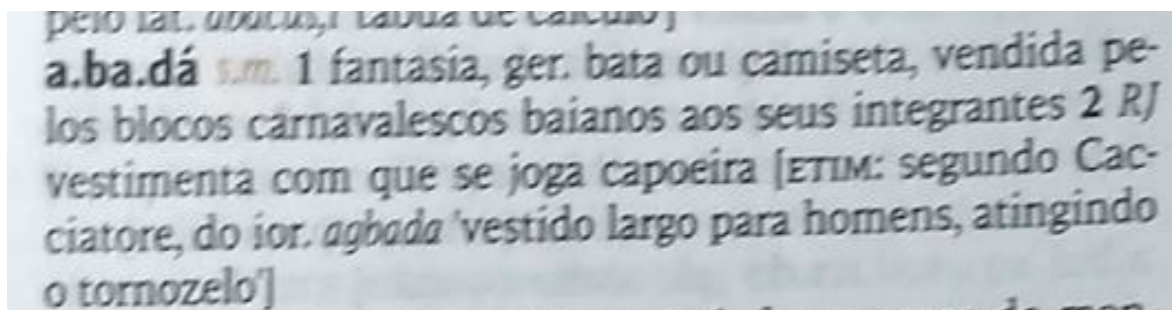


Figura 23 – Verbetes do DHC (HOUAISS; VILLAR, 2011, p. 1)

Na acepção 2 podemos perceber a abreviação “RJ”, indicando que é uma variação pertencente ao estado do Rio de Janeiro, ou seja, um regionalismo que significa “vestimenta com que se joga capoeira”.

Já O DUP não apresenta critérios claros e precisos sobre a variação diatópica, apenas relata que “registra os regionalismos que se conseguiu identificar”. Consideramos que seja uma informação que poderia gerar dificuldade ao aluno, pois, além de não detalhar o critério, a obra apresenta uma lista de abreviações, mas, nessa lista, não consta nada que seja referente aos regionalismos, nem mesmo o “brasileirismo”.

No critério lexicográfico, o autor apresenta um exemplo de “RS”, dando a entender que é referente ao estado do Rio Grande do Sul, mas não há uma lista para consulta desta abreviação. Julgamos, então, que sendo um dicionário de tipo 4, ou seja, desenvolvido para alunos do 1º ao 3º ano do ensino Fundamental, inclusive o Profissionalizante, esta obra apresenta um critério vago e poderia não solucionar as dúvidas do aluno/consulente, já que o conteúdo de variação diatópica costuma ser trabalhado nessa etapa de ensino e é cobrado pelo PNLD Dicionários 2012, como afirmamos anteriormente em nosso Capítulo 2.

Buscamos aleatoriamente um verbete com marca diatópica e encontramos em “boa”, que está transcrito a seguir:

BOA bo·a **Adj** 1 feminino de bom **Sf** 2 (Coloq) mulher de corpo bem feito e sensual: *Quem era aquela boa que estava com o Zeca no bar ontem?* 3 (Reg: RJ – Pop) cachaça 4 (Coloq) situação difícil; encrenca: *Puxa, Nélio, você me salvou de uma boa. Escapei de boa.* [Pl] 5 observação de caráter crítico ou de censura: *Quando eu encontrar Donato, ele vai ouvir umas boas.* **Interj** 6 exclamação de aplauso ou aprovação: *Quando disse que poderiam sair com o carro, os dois gritaram: – Boa!* ▶ às boas voltar a um tratamento cordial: *Lauro voltou às boas comigo.* **numa b.** sem preocupação, tranquilamente: *Devemos discutir problemas de sexo numa boa com nossos filhos.* **essa é/foi (muito) b.** usada para expressar espanto ou admiração: *Ah! ah! Folgou o lombo e atirou a carga às costas dos outros... Essa é (muito) boa!*

Figura 24 – Verbetes do DUP (BORBA, 2011, p. 187)

No caso desse verbete, percebemos o regionalismo “RJ” na acepção 3, que demarca que é um termo variante do Rio de Janeiro no sentido de “cachaça”. Acreditamos que, no DUP, o caso dos regionalismos poderia ser mais explorado. Além disso, a falta de uma lista de abreviaturas para regionalismos na obra dificulta a consulta por parte do aluno ao tentar compreender melhor uma determinada variante.

Já o DEB informa que “indica a maior frequência de uso de uma acepção em determinada área geográfica” e, além disso, apresenta uma lista de abreviaturas específicas para os regionalismos, assemelhando-se ao NALP nesse aspecto.

Ao longo do critério acima, o dicionário não deixa claro se tratará de brasileirismos e regionalismos, no entanto, a lista de abreviaturas da obra apresenta todos os estados brasileiros e o Distrito Federal. Questionamos, assim como no NALP e no DHC, a presença de marcas como “galicismo, africanismo e lusitanismo” na obra, pois além do autor não explicar do que se trata, o dicionário só deveria privilegiar o português contemporâneo do Brasil, deixando de lado tudo o que não faz parte disso.

Pesquisamos um verbete de forma aleatória ao longo do dicionário para apresentar como a obra registra as marcas diatópicas:

vulcanizador (vul.ca.ni.za.dor) [ô] **adj.** 1 Que produz vulcanização. 2 Diz-se de operário especializado em vulcanização. **sm.** 3 Operário vulcanizador. 4 *Bras. S.* Borracheiro. ☉ [De *vulcanizar* + *-dor.*]

Figura 25 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 1144)

Nesse caso, é mais especificamente na acepção de número 4 que o verbete “vulcanizador” recebe as marcas de “*Bras.*” e “*S.*”, no sentido de “borracheiro”, registrando que é “brasileirismo” e um regionalismo da região Sul do Brasil, conforme a lista de abreviaturas da obra.

Finalmente, o DHC, apesar de tratar dos critérios para a variação diatópica, apresenta uma lista de abreviaturas, mas todos os conteúdos são apresentados juntos, diferente do NALP e do DEB, que, conforme mostramos anteriormente, apresentam listas específicas para os regionalismos, facilitando a consulta. O DUP foi o único dicionário que não apresentou marca diatópica na lista de abreviaturas.

Ressaltamos, ainda, que marcas que não fazem parte do território brasileiro não deveriam constar nas obras de tipo 4. Por esse motivo, até mesmo a marca de *brasileirismo* é questionada, pois se essas obras priorizam o português do Brasil, não há, portanto, motivos para compará-lo ao português de Portugal.

Citamos, novamente, o questionamento feito por Biderman (2000, p. 44, grifo da autora): “para que classificar como *brasileirismo* geral se a palavra é usada em todo o Brasil? Só se justificaria se o dicionarista visasse também como consulentes a portugueses (ou europeus que aprendem o português na Europa)”. O que não é o caso, pois vale lembrar que os dicionários de tipo 4 são obras destinadas ao ensino Médio e o Profissionalizante.

Sabemos, ainda, que todas as informações trabalhadas nos dicionários têm a sua relevância, mas, fica evidente que há uma grande heterogeneidade de critérios para o mesmo assunto, além de se tornarem vagos, já que se tratam de obras destinadas ao mesmo público-alvo.

3.4 ABRANGÊNCIA DAS MARCAS DIATÓPICAS DO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA EVANILDO BECHARA (2011)

Nesta seção apresentaremos a abrangência das marcas diatópicas do DEB. Após identificarmos e coletarmos, de forma manual, as marcas diatópicas ao longo do dicionário, dividimos o que cada região ou estado recebeu de marca diatópica. Para a apresentação, organizamos a lista por países, estados e regiões. Nossa coleta manual no DEB coletou as seguintes marcas diatópicas:

- **Marcas diatópicas nacionais:** Africanismo: 19; Brasileirismo: 3776; Galicismo: 2; Lusitanismo: 16;

- **Marcas diatópicas de regiões brasileiras:** Amazônia: 25; Centro-Oeste: 6; Leste: 1; Norte: 46; Nordeste: 167; Noroeste: 2; Sul: 67; Sudeste: 4.
- **Marcas diatópicas de estados brasileiros:** Alagoas: 7; Amazonas: 26; Bahia: 58; Ceará: 7; Espírito Santo: 8; Goiás: 16; Maranhão: 12; Minas Gerais: 36; Mato Grosso: 10; Mato Grosso do Sul: 2; Pará: 13; Paraíba: 2; Paraná: 10; Pernambuco: 16; Piauí: 3; Rio de Janeiro: 48; Rio Grande do Norte: 1; Rio Grande do Sul: 84; Santa Catarina: 3; Sergipe: 1; São Paulo: 54; Tocantins: 1.

As marcas foram distribuídas da seguinte forma:

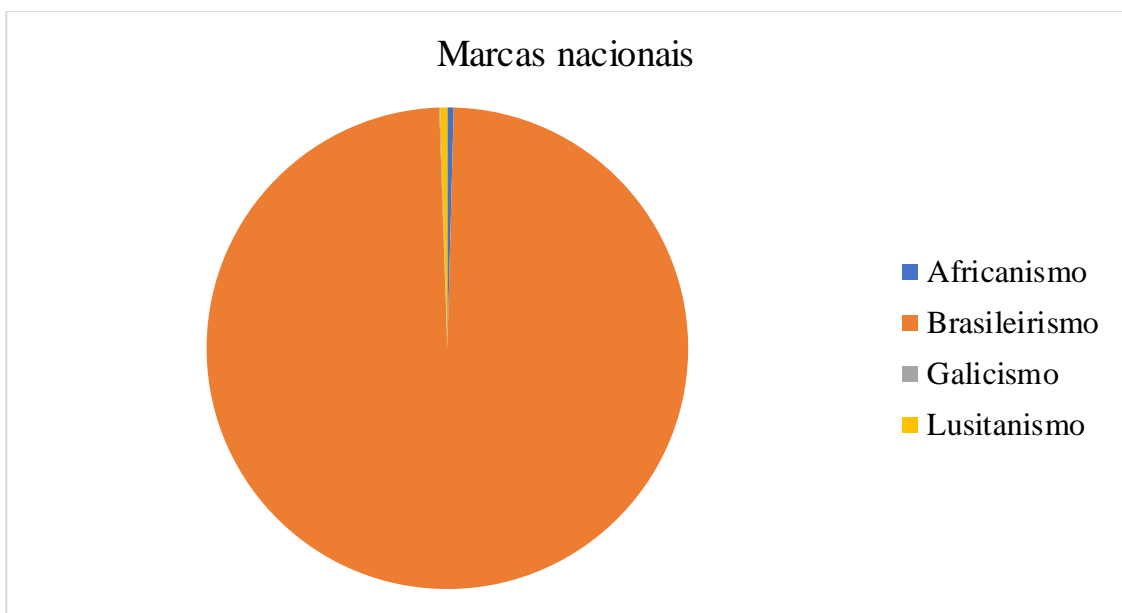


Figura 26 – Quantidade de marcas diatópicas nacionais no DEB

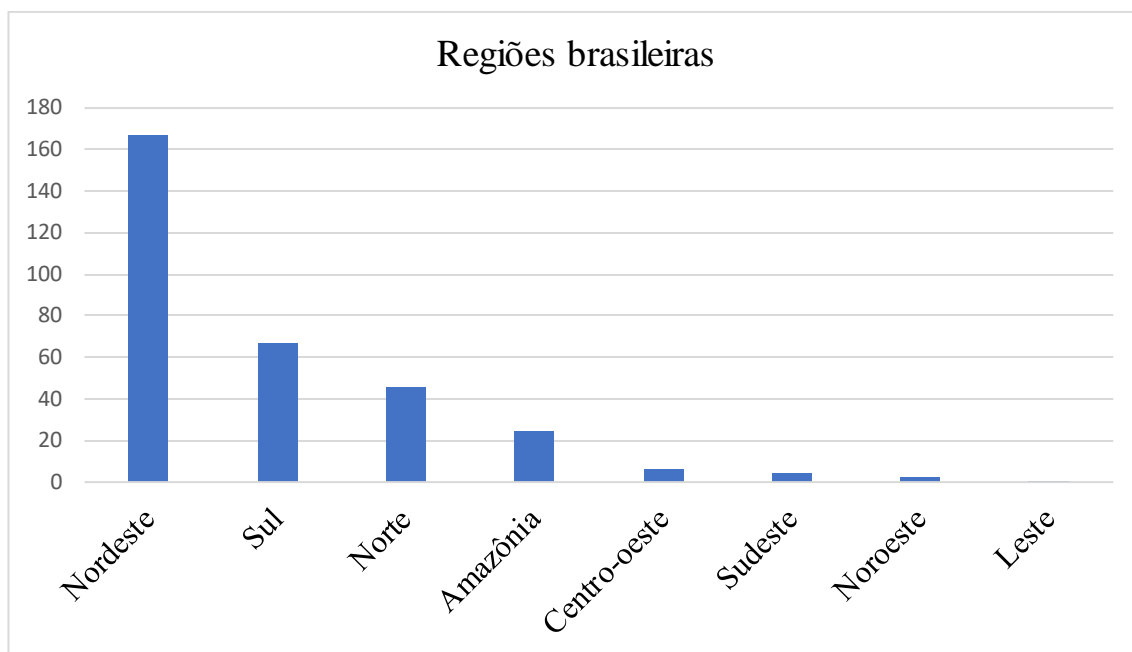


Figura 27 – Quantidade de marcas diatópicas de regiões brasileiras no DEB

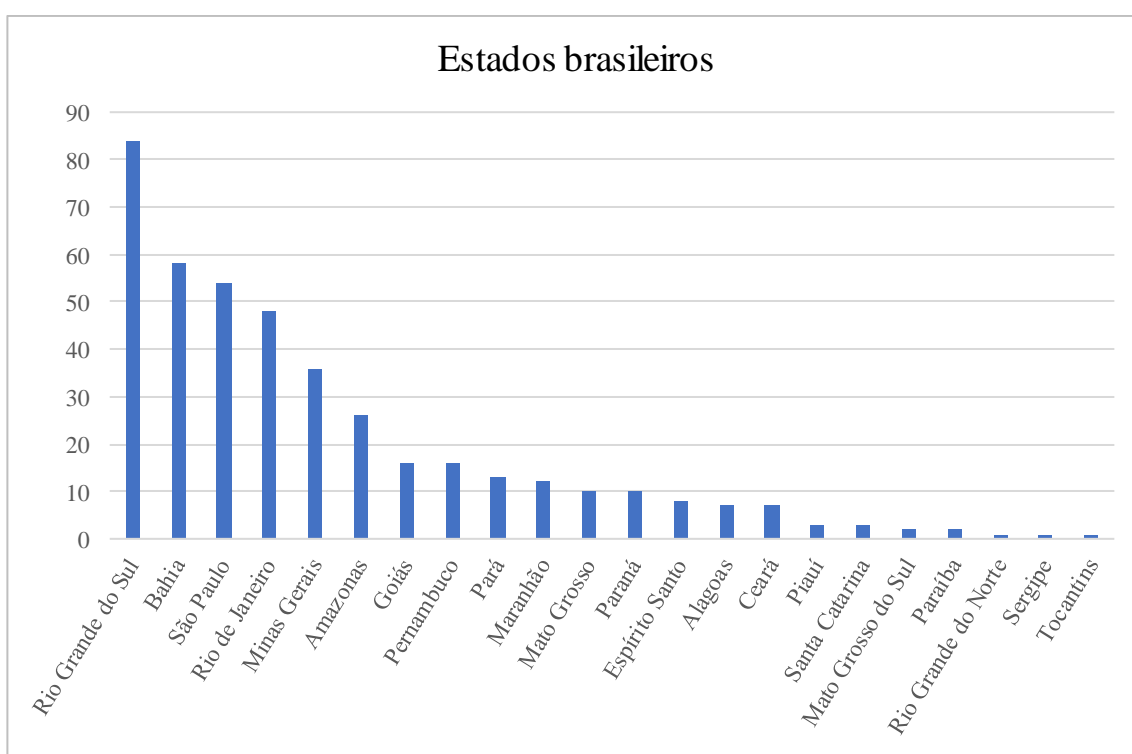


Figura 28 – Quantidade de marcas diatópicas de estados brasileiros no DEB

Acerca dos brasileirismos, conforme apontado por Biderman (2000) como “peculiaridade do português brasileiro”, coletamos a presença de 3776 marcas diatópicas no

DEB, ou seja, das 51.210 entradas desta edição do dicionário, o brasileiroismo recebeu 3776 marcas, o equivalente a 7,3% da obra.

Sobre os regionalismos, ou seja, vocábulos que pertencem aos estados e regiões brasileiras, percebemos uma maior notoriedade dos estados Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente. Já as regiões com maior abrangência foram Nordeste, Sul e Norte.

Um aspecto chamou-nos a atenção, pois, de acordo com a lista de Regionalismos da obra, as regiões contempladas são:

REGIONALISMOS					
<i>AC</i>	Acre	<i>Gal.</i>	galicismo	<i>PI</i>	Piauí
<i>Afric.</i>	africanismo	<i>GO</i>	Goiás	<i>PR</i>	Paraná
<i>AL</i>	Alagoas	<i>Lus.</i>	lusitanismo	<i>RJ</i>	Rio de Janeiro
<i>AM</i>	Amazonas	<i>MA</i>	Maranhão	<i>RN</i>	Rio Grande do Norte
<i>Amaz.</i>	Amazônia	<i>MG</i>	Minas Gerais	<i>RO</i>	Rondônia
<i>AP</i>	Amapá	<i>MS</i>	Mato Grosso do Sul	<i>RR</i>	Roraima
<i>BA</i>	Bahia	<i>MT</i>	Mato Grosso	<i>RS</i>	Rio Grande do Sul
<i>Bras.</i>	brasileirismo	<i>N.</i>	Norte	<i>S.</i>	Sul
<i>CE</i>	Ceará	<i>N.E.</i>	Nordeste	<i>SC</i>	Santa Catarina
<i>C.O.</i>	Centro-Oeste	<i>PA</i>	Pará	<i>SE</i>	Sergipe
<i>DF</i>	Distrito Federal	<i>PB</i>	Paraíba	<i>S.E.</i>	Sudeste
<i>ES</i>	Espírito Santo	<i>PE</i>	Pernambuco	<i>SP</i>	São Paulo
				<i>TO</i>	Tocantins

Figura 29 – Lista de abreviaturas do DEB (BECHARA, 2011, p. 15)

Nossa coleta verificou uma divergência entre as marcas que a obra afirma tratar e o que encontramos ao longo dos verbetes. Por exemplo, a presença das regiões Leste e Noroeste, que não constam na lista de regionalismos, mas, foram encontradas ao longo do dicionário. Por outro lado, o dicionário afirma que tratará de Acre, Amapá, Distrito-Federal, Rondônia e Roraima, porém, em nossa coleta, esses estados e o DF não foram encontrados. Consideremos que, não encontrando o próprio estado no dicionário, o aluno pode sentir que sua variante não é representada ou prestigiada e, além do mais, a obra não cumpre o que afirma no critério lexicográfico.

3.5 VERBETES COM MARCA DIATÓPICA DE GOIÁS

Em nossa coleta de forma manual no DEB, encontramos apenas 16 marcas para o estado de Goiás, ou seja, de 51.210 entradas, Goiás está representado por 16 marcas. Digitalizamos os verbetes e apresentamos nesta seção, para, no próximo item, fazermos uma comparação com o ALiB.

ameixa (a.mei.xa) [ê] *sf.* 1 *Bot.* Fruto de várias espécies de ameixeira, às vezes de um negro arroxeadado, às vezes amarelo. 2 *GO Gír.* Bala (projétil). ☉ [De or. controv.]

Figura 30 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 259)

arranca-língua (ar.ran.ca.lín.gua) *sm.* *Bras. Folcl. GO* Ser mítico ao qual atribuem forma de gorila e que, para punir os ladrões de gado, arranca a língua dos bovinos. [Pl.: *arranca-línguas.*]

Figura 31 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 292)

bate-pau (ba.te.pau) *sm.* 1 *Pop.* Cidadão intimado para servir na polícia, na falta de militares. 2 *Bras. GO Folcl.* Dança de pares em que os participantes, portando cacetes, os chocam ritmadamente com os dois pares à frente e dos lados. [Pl.: *bate-paus.*]

Figura 32 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 329)

cangoeira (can.go.ei.ra) *sf.* 1 *Bras. Etnogr. Mús.* Flauta feita pelos índios produzida com ossos de guerreiros mortos. 2 *Bras. GO* Leitoa que ainda não engordou o suficiente para ser abatida. ☉ [Do tupi.]

Figura 33 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 377)

catira (ca.ti.ra) *sf.* *Bras. S. GO SP* Dança rural em que duas fileiras de pessoas, de frente umas para as outras, cantam, batem palmas e executam passos sapateados sincronizados; cateretê.

Figura 34 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 394)

curau (cu.rau) *sm.* *Cul.* 1 *GO MT SP* Creme de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar. 2 *Bras. N.* Prato de carne salgada com farinha de mandioca. ☉ [Do quimb., possiv.]

Figura 35 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 472)

custoso (cus.to.so) [ô] *adj.* 1 Que custa muito dinheiro; caro, dispendioso. 2 Que é conseguido com dificuldade; árduo; difícil; trabalhoso. ▣ *escalada custosa.* 3 *Bras.* Diz-se do que é lento, demorado. 4 *Bras. GO Pop.* Que é peralta, traquinas. [Pl.: *custosos* (ô). Fem.: *custosa* (ô).]

Figura 36 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 474)

derrame (der.ra.me) *sm.* 1 Ação ou efeito de derramar. 2 *Med.* Quantidade anormal de líquidos em cavidades do corpo. 3 *Pop.* Acidente vascular cerebral (AVC). 4 *Bras. S. GO Declive.* ⊙ [Dev. de *derramar*.]

Figura 37 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 489)

encamisada (en.ca.mi.sa.da) *sf.* 1 *Bras. Folcl.* Folia mascarada. 2 Dificuldade, embrulhada. 3 Assalto noturno de militares em que as tropas, para disfarce, vestiam camisas por cima da farda. 4 *Bras. SP GO Folcl.* Diversão popular, na qual os homens aparecem vestidos de mantos brancos, mascarados, a cavalo, durante o dia ou à noite, com tochas, anunciando festas populares locais.

Figura 38 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 559)

ganiçar (ga.ni.çar) *v. td. int. GO* Ver *ganir*. [Conjug. 12 ganiçar]

Figura 39 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, p. 667)

ganir (ga.nir) *v. int. td.* 1 Expressar-se por gemidos. ▣ *A vítima gania.* 2 Soltar ganidos (o cão). ▣ *Enganchou o focinho no anzol e gania sem parar.* [Sin.: *ganiçar*.] [Conjug. 58 ganir] ⊙ [Do lat. *gannire*.]

Figura 40 – Verbete do DEB (BECHARA, 2011, 667)

mantena (man.te.na) *adj.2g.* 1 *Bras. GO* Bom; ótimo. 2 *Bras. SP Folcl.* Pessoa que faz o papel do rei dos cristãos e dos mouros, nas cavalhadas de Franca, cidade de São Paulo.

Figura 41 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 808)

queijeiro (quei.jei.ro) *sm.* 1 Aquele que fabrica ou vende queijos. 2 *GO* Caipira.

Figura 42 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 973)

recortado (re.cor.ta.do) *adj. sm.* 1 Que ou aquilo que foi cortado em pedaços pequenos. 2 Que ou aquilo que tem bordas com ondulações ou recortes. 3 Que ou aquilo que é enfeitado com recortes. *sm.* 4 *Bras. RS* Tipo de fandango. 5 *Bras. MG SP GO MT* Dança de roda, ao som da viola. 6 *Bras. GO* Canto popular, com andamento alegre e de cunho humorístico.

Figura 43 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 991)

trem *sm.* 1 Conjunto de vagões puxados por uma locomotiva e que serve de meio de transporte de passageiros ou mercadorias. 2 Conjunto de móveis de uma casa; mobília. 3 *MG GO TO* Coisa qualquer; treco, troço. [Pl.: *trens.*] ◊ **Trem de aterragem** *Aer.* q.v. *trem de aterrissagem*. **Trem de aterrissagem** *Aer.* Mecanismo que sustenta as rodas do avião; trem de aterragem; trem de pouso. **Trem de pouso** *Aer.* Ver *trem de aterrissagem*. ◉ [Do *ing. train.*]

Figura 44 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 1108)

volteador (vol.te.a.dor) [ô] *adj.* 1 Que volteia; volteante. *sm.* 2 Aquele que volteia. 3 Equilibrista que anda em corda bamba. 4 *Bras. GO* Aquele que tange o gado das boiadas. ◉ [De *voltear* + *-dor.*]

Figura 45 – Verbetes do DEB (BECHARA, 2011, p. 1143)

3.6 CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO ALIB PARA OS DICIONÁRIOS

Fizemos uma pesquisa nas cartas semântico-lexicais do ALiB para ver se as marcas diatópicas apresentadas no DEB são, também, apresentadas no atlas. Vale ressaltar que o ALiB é um estudo de longos anos, ainda em andamento, com o objetivo de ser um atlas da Língua Portuguesa no Brasil. A pesquisa de campo foi feita em 25 capitais brasileiras, com exceção de

Palmas e Brasília. Essas duas cidades não foram incluídas porque Palmas teve sua formação no ano de 1989 e Brasília foi fundada em 1960, recebendo moradores de todas as regiões do país, possuindo uma miscigenação de falares e, não tendo ainda, um falar próprio.

Sobre o que pode ser encontrado do ALiB, foram publicados dois volumes. O primeiro, conta com a introdução, criação, metodologia, dentre outros critérios adotados para a elaboração do atlas. Já o volume 2, conta com as cartas linguísticas, que são do tipo fonético-fonológicas, semântico-lexicais e morfossintáticas.

O ALiB encontra-se ainda em desenvolvimento, mas, já realizou a “documentação, *in loco*, de 1.100 informantes moradores de 250 localidades, distribuídas de Oiapoque (ponto 001) a Chuí (ponto 250)” (Cardoso et al., 2015a, p. 10). Sobre esses informantes, o ALiB acrescenta:

Do ponto de vista sociolinguístico, o *Atlas linguístico do Brasil* contempla as variáveis idade, sexo, escolaridade e naturalidade, definidas como base da constituição do corpo de informantes em cada capital. Assim, dos 200 informantes registrados no total das 25 capitais, 100 são do sexo masculino e 100 do sexo feminino, número que se repete para a escolaridade de nível fundamental e de nível universitário. No que concerne às faixas etárias, distribuem-se, de forma equitativa, do seguinte modo: 50 informantes da faixa etária I – 18 a 30 anos – e 50 informantes da faixa etária II – 50 a 65 anos –, em cada um dos dois grupos citados. (CARDOSO et al., 2015b, p. 27, grifos dos autores)

No ALiB, a variação diatópica é representada pelas cartas semântico-lexicais do Volume 2 e aparecem em forma de mapa com legenda. A seguir, exemplificaremos com a carta L19, que apresenta as variações diatópicas de estilingue em todo o território brasileiro:

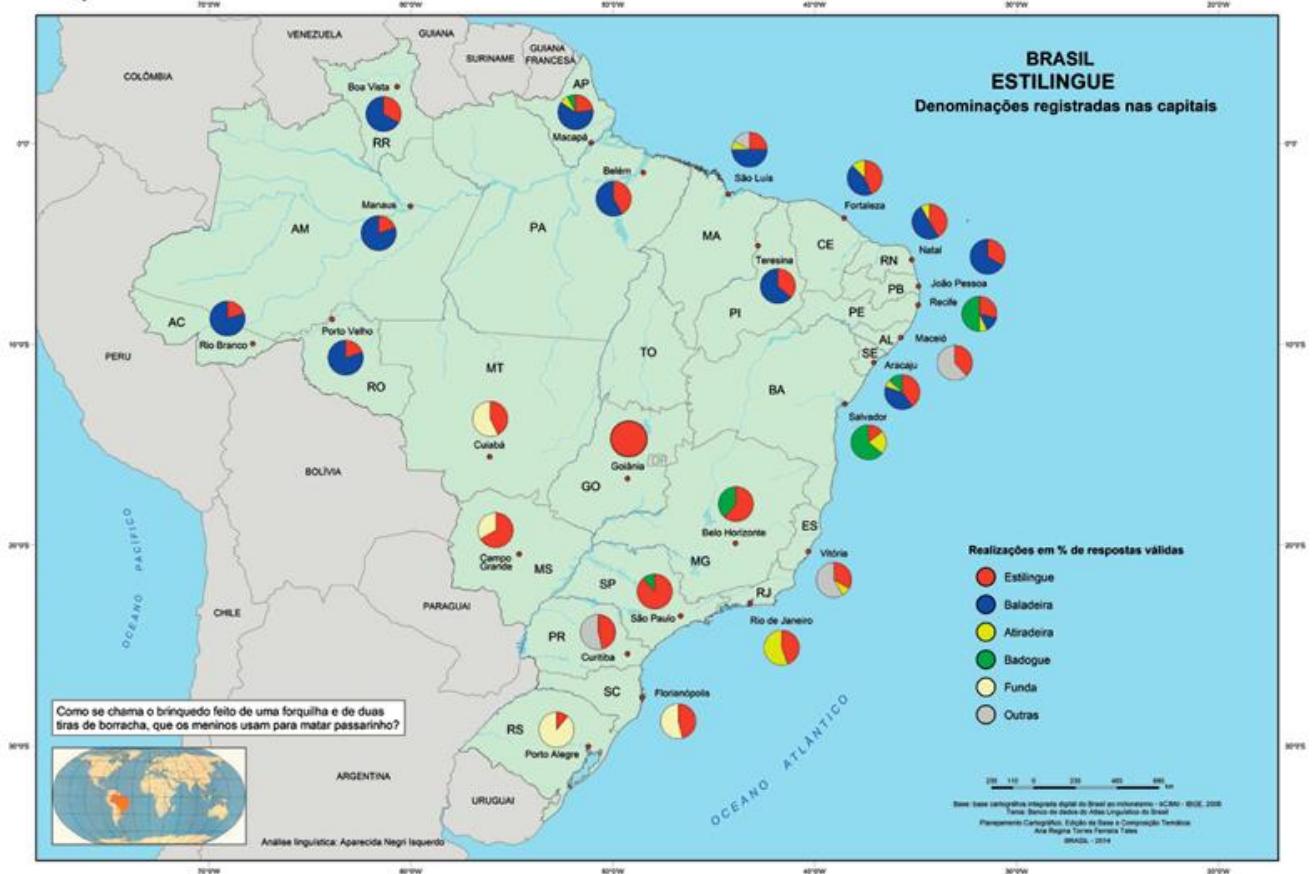


Figura 46 – Carta semântico-lexical L19 (CARDOSO et al., 2015b, p. 283)

Fizemos uma pesquisa em todas as cartas semântico-lexicais do ALiB, lugar em que é documentada a variação diatópica, e encontramos os seguintes vocábulos com a marca de Goiás: “chuva de gelo, chuva de granizo, chuva de pedra, chuva de granito, sereno, orvalho, neblina, cerração, nevoeiro, mexerica, poncã, tangerina, maricote, penca, umbigo, coração do cacho, mandioca, mandioca brava, galinha d’angola, cocar, helicóptero, libélula, lava-bunda, bicho da goiaba, coró, muriçoca, pernيلongo, prostituta, puta, rameira, prima, piranha, mulher da vida, mulher de programa, galinha, cigarro de palha, cigarro de fumo, cambalhota, cambota, bolinha de gude, bola de gude, biloca, bola de vidro, estilingue, papagaio, pipa, raia, cabra-cega, cobra-cega, sinal, semáforo, sinaleiro, luminoso, amarelinha, maré, caramelo, bala, sutiã, ruge, blush¹⁷”.

¹⁷ Dados extraídos das cartas semântico-lexicais do ALiB como variação diatópica de Goiás (CARDOSO et al., 2015b).

Diante dessa informação, podemos tecer nossas comparações com os verbetes digitalizados anteriormente com a marca de Goiás no DEB. Constatamos, dessa forma, que nenhum vocábulo apresentou convergência, ou seja, nada do que foi apontado como marca de Goiás no DEB constata no ALiB pertencendo a esse estado.

O ALiB registrou a cultura brasileira com a língua falada pelo povo. Fica evidente que há divergência diante do que o ALiB coletou em sua pesquisa de campo como vocábulo goiano e do que o DEB apresenta que pertence ao estado de Goiás. Diante disso, teceremos as contribuições que o ALiB fornece aos lexicógrafos sobre o registro da variação diatópica ao longo do dicionário.

Biderman (2000), por exemplo, acreditava que o “ideal científico seria fazer uma gigantesca pesquisa de campo em todos os recantos do Brasil”, é justamente isso o que ocorre na atualidade pelo ALiB. Isquierdo (2011, p. 59) compartilha a importância do meio acadêmico para o registro de regionalismos e, também, o apoio dos atlas linguísticos que é indispensável para essa inclusão em dicionários:

glossários, vocabulários regionais resultantes de pesquisas acadêmicas (dissertações, teses), produzidos nos programas de pós-graduação das diferentes regiões do Brasil, na(s) sincronia(s) contempladas pela obra, configuram-se como fontes fidedignas de regionalismos. De forma similar, os atlas linguísticos também não podem ser desconsiderados como fontes de dados. [...] As características lexicais [dos atlas linguísticos] oferecem dados concretos acerca da distribuição diatópica de uma variante lexical, representado fonte segura para a identificação e a classificação de regionalismos.

Portanto, quanto aos regionalismos, para Cardoso (2011, p. 60), os dicionários pedagógicos devem situar a área de ocorrência. O PNLD Dicionários 2012 também considerou a inclusão de marca diatópica como critério para a seleção dos dicionários a compor o acervo de tipo 4. Para isso, é importante que os dicionários tomem como fonte de consulta um determinado *corpus* ao compor a nomenclatura das obras, explorando uma consulta aos atlas linguísticos já publicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é importante retormarmos que nosso objetivo geral foi proceder a um estudo comparado acerca dos critérios lexicográficos adotados para o registro da variação diatópica em dicionários escolares de tipo 4 e realizar um levantamento das marcas de Goiás no Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara.

Dessa forma, verificamos que o NALP apresentou critérios específicos para a variação diatópica, apresentou um exemplo e uma lista de abreviaturas para essas marcas. Ao longo do critério, não fica claro se serão abordados regionalismos e brasileirismos; para o autor, regionalismo se trata de estados, regiões e países. A obra aborda todos os estados brasileiros e o DF, além das cinco regiões do Brasil e Leste, Noroeste, Oeste e Sudoeste.

Já o DHC, apesar de apresentar critérios para a variação diatópica e uma lista de abreviaturas, traz todos os conteúdos nessa mesma lista, ou seja, não aborda uma lista específica para os regionalismos, diferenciando-se do NALP e do DEB. O DHC cita, ao longo do critério, que tratará dos brasileirismos e não cita os regionalismos, porém, na lista de abreviaturas encontramos marcas de estados e regiões brasileiras, por exemplo. A obra não cita todos os estados e regiões, pois Paraná e DF não estão na lista. Por outro lado, há a presença da marca “Fernando de Noronha”.

O DUP apresenta critérios para a variação diatópica e um exemplo com a marca de “RS”, dando a entender que se trata do estado Rio Grande do Sul, mas não apresenta uma lista de regionalismos. A obra traz uma lista de abreviaturas, porém, não consta nada sobre marca diatópica, nem mesmo o “brasileirismo”, sendo o único dicionário que não aborda os regionalismos em um quadro.

Por fim, o DEB apresenta critérios para a variação diatópica, exemplo e lista de abreviaturas, assemelhando-se ao NALP. Ao longo do critério, a obra não deixa claro se tratará de brasileirismos e regionalismos, mas, em sua lista de regionalismos há a presença de todos os estados brasileiros e o DF.

Em nosso estudo comparado nas quatro obras de tipo 4, ou seja, no NALP, DUP, DHC e DEB, questionamos a presença de marcas como “açorianismo, africanismo, anglicismo, angolanismo, cabo-verdianismo, espanholismo, galicismo, guineensismo, hispano-americanismo, lusitanismo, moçambiquismo, norte-americanismo e São Tomé e Príncipe”, porque os autores não informam do que se tratam essas marcas e, de acordo com o primeiro critério de exclusão dos dicionários avaliados no PNLD/2012, esse tipo de marca diatópica não deveria constar nos dicionários de tipo 4:

os dicionários *devem privilegiar o português contemporâneo do Brasil* [...]. Portanto, obras voltadas predominantemente para o léxico de outra variedade da língua portuguesa, ou mesmo escritas em outra variedade, serão excluídas do PNLD Dicionários 2012 (BRASIL, 2012, p. 93, grifos do autor).

De posse dessa informação, questionamos até mesmo a marca de brasileirismo que se faz presente nas quatro obras, pois se elas priorizam o português do Brasil não há motivos para compará-lo ao português de Portugal, uma vez que o público-alvo são alunos do ensino Médio e Profissionalizante.

Para nós, o registro da marca de brasileirismo nos mostra um reflexo da colonização que ainda se faz presente em nosso país. A comparação entre variações linguísticas de Brasil e Portugal nos dicionários escolares, ou seja, a inclusão da marca de brasileirismo como uma variante da língua Portuguesa, contrastando-se com a variante utilizada em Portugal, nos mostra que a colonização deixou de existir apenas em documentos e ainda se faz presente quando se trata de norma linguística, pois a norma brasileira é vista como uma variação de menos prestígio, tendo Portugal como padrão a ser seguido.

Já sobre nossa coleta de marca diatópica no DEB, encontramos a presença de 3776 marcas de brasileirismo, ou seja, das 51.210 entradas do dicionário, o brasileirismo recebeu 3776 marcas, o equivalente a 7,3% da obra.

Acerca dos regionalismos, receberam maior destaque os estados Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente. As regiões com maior abrangência foram Nordeste, Sul e Norte.

Outro aspecto a ser destacado é que nossa coleta verificou uma divergência entre as marcas diatópicas que o DEB afirma tratar no quadro de regionalismos e o que encontramos ao longo dos verbetes. Por exemplo, as regiões Leste e Noroeste não constam na lista de regionalismos da obra, mas, foram encontradas ao longo do dicionário. Por outro lado, o DEB afirma que tratará de Acre, Amapá, Distrito-Federal, Rondônia e Roraima, porém, nenhuma dessas marcas foram encontradas. Novamente, consideramos que o consulente pode sentir que sua variação não é representada e o dicionário não cumpre o que afirma ao longo do critério lexicográfico.

Em nossa comparação com as marcas do estado de Goiás coletadas no DEB e no ALiB, não encontramos nenhuma correspondência, ou seja, nada do que foi marcado como vocábulo goiano pelo dicionário recebeu a marca desse estado pelo ALiB. O que deixa claro que os lexicógrafos devem utilizar os atlas linguísticos ao construírem a variação diatópica de suas

obras, pois trata-se de uma pesquisa feita em campo a fim de coletar os regionalismos existentes em cada território.

Consideramos que todas as informações nos dicionários têm a sua relevância, mas, fica evidente que há uma grande heterogeneidade de critérios para o mesmo assunto, além de se tornarem vagos, já que se tratam de obras destinadas ao mesmo público-alvo.

Considerando-se a importância da variação linguística em sala de aula, buscamos saber se esse conteúdo é abordado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que prevê o conteúdo a ser ensinado na Educação Básica Brasileira. Encontramos, no eixo da Análise Linguística/Semiótica, como o documento aborda o ensino da variação linguística:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2016, p. 81).

Além disso, mais adiante, a BNCC aborda dois tópicos para o conteúdo que deve ser abordado sobre o tema. O primeiro deles é “conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos” (BRASIL, 2016, p. 83) e, o segundo, “discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica” (BRASIL, 2016, p. 83).

Diante do exposto, esperamos que a variação diatópica seja abordada com mais rigor nos próximos materiais escolares a serem elaborados e no nosso cotidiano, pois faz-se necessário o combate ao preconceito linguístico e, além disso, conhecendo novas variações ampliamos nosso conhecimento sobre a cultura do outro.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- BAGNO, Marcos. Apresentação. In: CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BARROS, Lídia Almeida. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral**. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri; revisão Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Ed. Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-26. 1984.
- _____. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, PUCRS, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.
- _____. Aurélio: sinônimo de dicionário?. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 27-55, 2000.
- _____. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, Francisco S. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula** [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio> >. Acesso em: jan. 2020.
- BUTTI, Cassiano. **Léxico e cognição: as representações de mundo por meio de designações infantis**. 2007. 161 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática**. 2. ed. São Paulo: Ozon, 1964.

_____. Língua e cultura. **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr**, 9. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 287-293, 2004.

CAPUCHO, Maria Filomena. Sobre línguas e culturas. **Veredas - Revista de estudos linguísticos**. 2009. Disponível em:
<<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo094.pdf>> Acesso em out./2017.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. Conversando com estudiosos de Lexicografia. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil [livro eletrônico]*, v. 1: Introdução. Londrina, Eduel, 2015a.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva et al. *Atlas Linguístico do Brasil [livro eletrônico]*, v. 2: Cartas linguísticas. Londrina, Eduel, 2015b.

CHAUL, Nasr N. Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia, Cegraf, 1988.

COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos. **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola, 2011.

DOLES, Dalísia Elizabeth Martins (Org.). **Interpretação histórica da economia de Goiás e posicionamento do setor agropecuário no contexto econômico e social da região**, 1995.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. A metalexigrafia pedagógica. **Cadernos de tradução**, v. 2, n. 18, p. 41-66, 2006.

FAJARDO, Alejandro. Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la lexicografía española. **Revista de Lexicografía**, v. 3. 1996-1997.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDÉZ, Dolores Azorín. La Lexicografía como disciplina lingüística. In: GUERRA, Antonia María Medina (Coord.). **Lexicografía española**. Ariel Lingüística, 2003.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2015.

GALLI, Ubirajara. **A história da mineração em Goiás: das primeiras lavras aos dias de hoje**, 2005.

GARRIGA ESCRIBANO. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: GUERRA, Antonia María Medina (Coord.). **Lexicografía española**. Ariel Lingüística, 2003.

GEIGER, Paulo (org.). **Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GONÇALVES, Sheila de Carvalho Pereira. Metalexigrafia escolar no Brasil: história e contribuições. **Entreletras**, Araguaína, v. 4, n. 2, ago./dez. 2013.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar. Los diccionarios y la labor lexicográfica. In: HAENSCH et al. **La lexicografía: De la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Editorial Gredos, p. 11-16, 1982.

HOUAISS, Antônio (org.); VILLAR, Mauro de Salles (ed. resp.). **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

HUMBLÉ, Philippe René Marie. Um começo de conversa. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

HWANG, Álvaro David. Lexicografia: dos primórdios à nova lexicografia. **Linguagens em interação III: estudos do léxico**. Maringá: Clichetec, p. 33-44, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Achegas para a discussão do conceito de regionalismos no português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 9-24, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. Questões políticas. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MIRANDA, Félix Bugueño. O que é macroestrutura no dicionário de língua?. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 3, p. 261-272, 2007.

MOLLICA, Maria Cecilia. Maria Cecilia Mollica. In: BAGNO, Marcos. Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 197-198, 2003.

OLIVEIRA, Hamilton Afonso de. **A população de Goiás na transição da mineração para a pecuária (1804)**, v. 21, n. 1, p. 154-187, jan./abr. 2016.

PILLA, Éda Heloisa. **Os neologismos do português e a face social da língua**. Editora AGE, 2002.

PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Brasileirismos e regionalismos. **Alfa**, São Paulo, v. 42, n. esp., p. 109-120, 1998.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Arco/libros, 2002.

RIBEIRO, João. A língua nacional e outros estudos linguísticos. Petrópolis: Vozes; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1979.

SOUTO, Mar Campos; PASCUAL, José Ignacio Pérez. El diccionario y otros produtos lexicográficos. In: GUERRA, Antonia María Medina (Coord.). **Lexicografía española**. Ariel Lingüística, 2003.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa**: léxico, dicionário, gramática. Coimbra: Almedina, 1995.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: Uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Claudia; Bevilacqua; Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (Orgs.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: MARCAS DIATÓPICAS NO DEB

Abaixo, transcrevemos as entradas com marcas diatópicas encontradas ao longo de nossa coleta manual no DEB¹⁸. Marcas diatópicas com número sobrescrito estão transcritas abaixo da mesma forma, pois significa que o dicionário registra duas entradas para o mesmo vocábulo, distinguindo pelo numeral sobrescrito, conforme exemplo abaixo:

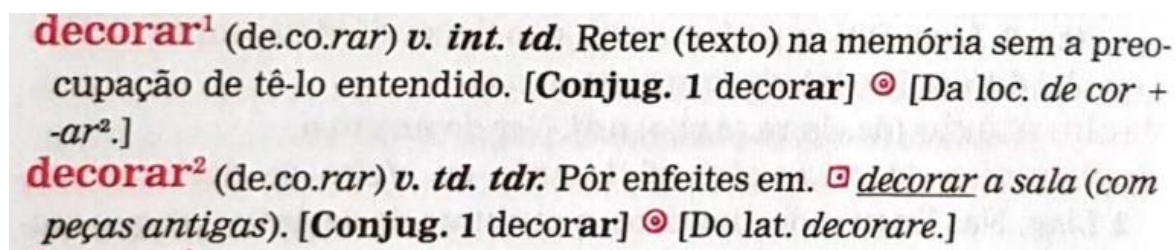


Figura 47 – Verbete do DEB (2011, p. 480)

Ademais, entradas que receberam marca diatópica em mais de uma acepção, também estão registradas ao longo dos vocábulos abaixo por meio de parênteses, ou seja, se a entrada apresenta duas acepções com a marca de brasileirismo, escrevemos (2) após o vocábulo, conforme o exemplo a seguir:

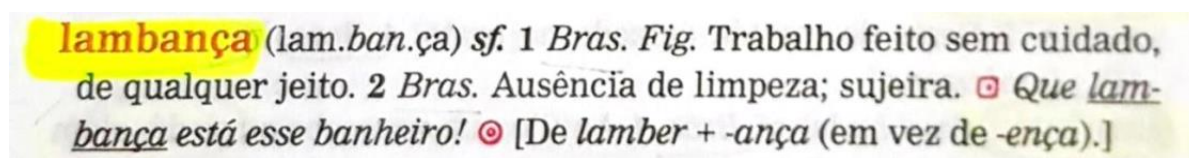


Figura 48 – Verbete do DEB (2011, p. 769)

Finalmente, sobre as diatópicas nacionais, coletamos:

Africanismo:

- Aluá, arroz de jalofo;
- Balalaica;
- Capiango, contratado, contrato;
- Desconseguir;
- Iroco (2);

¹⁸ Palavras como “apontador¹” e “apontador²”, ou seja, que apresentam números sobrescritos são entradas distintas no dicionário que foram registradas dessa forma na obra. Além disso, palavras que aparecem duas ou mais vezes é porque apresentaram mais de uma acepção com determinada marca diatópica.

Mata-bicho, monhé, muxaxo;

Saô (2), sipaio;

Timba, timbo, tuga.

Brasileirismo:

Abacaxibirra, abadá (4), abafante, abanando, abará, abatedouro, abeirante, a bengala aponta, aberém, abestallar-se, abóbora-d'água, abobrinha, abrazô, abrideira, abrir, abrochar, abusado (2), abusar, abuso (2), açacu, açacuzeiro, academizável, acará² (2), acará-cascudo (4), acará-chibante, acavalado, acelerado, acertador, acerto, acessar, achacar, achismo, achocolatado, acochado, açoita-cavalos, acompanhamento, acontecer, acostamento, acrioulado² (2), acrioular, acuado (2), acuator, açude, adão, adarrum, adjunto, administrador, aerobarco, afanar, afinar, afobação (2), afofié, afoxé (2), agarrador (2), agarramento, agarrar, agito, agogô, agonia, agorinha, agregado (2), água, água de cheiro, água de coco, aguado, aguião, agulha, ajantarado, ajuacora, ajucará, ajudador, ajulata, alamoá, alardo (2), alçado (2), alcaguete (2), aldeamento, alegoria, alexandrino³, alferes, almofadinha, aluá (3), alugar, aluguel, alvarenga, alvinegro (2), alvirrubro (2), amanonsiador, amanonsiar, amarelão, amarelinha, amargar, amarração, amarrador, amasso, ambrosia, amigo, amigo da onça, amo, amolar, amurê, andador, anderesa, andorinhão, anduzeiro, angola (3), angu (2), angulista, anil-trepador, animal, aniversariar, anta, antenado, anu (3), anu-preto, apagar (3), apanha o bago, apartador, apelar, aperreação, aberta a cunha, apertar (2), apeté, apitar (2), aplicar, apocináceas, apontador¹, apontador², aprendiz-marinheiro, apropriação (2), aprumado, aprumar, aprumo, apurado, apurar, aquário, aquavia, aquaviário, arabu, aração, aramado, aranhól, arapaçu, arapapá, arapuça (4), araque, arara, arará, araruta (2), aratu, araucária, aráuina, arco, arejamento, arenga, arigofe (2), armada (2), armador, armarinho, armário, roeira, arpão, arqueiro, arquibancada, arrancador, arranca-língua, arranca-rabo, arranjado, arranjo, arraso (2), arrastador (3), arrastão (3), arrasta-pé (2), arreador, arreamento, arrepiar, arromba, arroz-crioulo, arroz de cuxá, arroz de hauçá, arrumadeira, arte, arteiro, aruanã, ascensorista, aspa, assalto, assanhado (3), assistência, assombração (2), assuntar (2), atacante, atacar, ataque (2), atendente (2), aterrissagem, atiçu, átimo (2), atiradeira, atobá, atracado, atravessador, atuado, aú, aú-cortado, auditor, aú-fechado, avacalhar, avançador, avião (3), avoado, avoante, axé (3), axogum, axoxô (2), azaração, azeitado, azeite de dendê, azucrinante, azulão, azular;

Baba (3) babaca (3), babado², babalorixá, babaquara, babaquice, babão, babau, babosa, bacana, bacuri¹, bacuri², badalação (2), badalado (2), badalar (2), badejo, baderna, baderneiro,

badofe (2), bafafá, bafo¹, bafo², bafômetro, bagana, baguete, bagulho, bagunçado, bagunçar, baiana, baijada (3), baião, baião de dois, baita, baitola, baixar, baixaria, bala (2), balaço, balacobaco (3), balainha, balanceamento, balangandã, balconista, balde¹ (2), baleiro (2), baliza, balsa, balzaquiana, balzaquiano, bamba (2), bambiá, bambolê, bambu-trepador, banana, bananada, bananeira, bananosa, banco¹, banda¹, banda³, banda de costas, bandalha (3), bandeira (5), bandeirante (3), bandeirinha, bandeiroso (2), bandeirão, bangulê, banhado, banheira (2), banho-cheiroso, banho de cheiro, baranga (2), barão, baratinado, baratinar, barbada (2), barbaridade, barbarizar, barba-ruiva, barbeiragem (2), barbeiro (2), barra, barraco, barra-pesada (4), barreiro (2), barriga, barrigada, barrigueira (2), barroso, baseado¹ (2), baseado², batalhar, bate-boca, batelão, batente, bate-pau, bate-ponto, bater (2), baticum, batida (3), batismo, batizado, batuque, batuque-boi, batuqueiro, batuta, bauru, beber, beca, beça (2), bedegueba (2), bedel, beija-flor, beijo de moça, beijo de sinhá, beleléu (2), belezoca, belonave, bênção, benguela, benjamim², benzer, beque², berçário, bergamota (2), bergamoteira (2), berimbau, berma, bermuda, bermudão, bernúncia, berra-boi, berrante (2), berro, besouro-saltador, bestar, besteira (2), bestialógico (2), bestice, bi (2), biaribi, bíblia, biboca (3), bicanca, bicha (3), bicheira, bicheiro (2), bicho-cabeludo, bicho de sete cabeças, bicho do mato (2), bicho-grilo, biciletário, bico (3), bico de pato, bico-de-pato (3), bicos (2), bicota, bidó, bifar², bife, biguá, biju, bilheteria, biônico, biqueiro, biriba, birita, birutice, biscate (3), bitolar, bloco, boa (3), bobear (2), bobo, bobó, boca (4), boca de calça, boca de fumo, boca de lobo (2), boca de siri (2), boca de urna, boca de lixo, bocaina, boçal, boca-livre, boceta, bocó, bode (3), bodeado, bodega, boiaçu, boiador, boia-fria, boiar, boi-barroso, boicinga, boi de mamão, boi do divino (2), boi na vara, boiola, boi-santo, boi-surubim, boitatá, boi-vaquim, boi-vivo, bola (10), bolação, bolaço, bolandeira (2), bolão¹ (2), bolão², boletim, bolha, bolinar, bolo (5), bolo de rolo, bolso (2), bomba (2), bombada, bomba-foguete, bomba-granada, bombar, bombeador, bonde (2), boneca (2), boquinha, bordejo, bordoeira, borduna, boré, borracharia, borracheiro, bossa, braço, branquinha, brasa, breado, breçar (2), brechó, brega, brejo, breque, brevidade, brigadeiro, brigadeiro do ar (2), brigalhada, brilhoso, brise, brise soleil, bró, brocador, bronca (4), bronquear (2), brote (3), brotinho (2), broxante (2), broxar (2), bruaca (3), bruzundanga (3), bucha (5), buchada, bucho, bufê (3), bugre, bujão, bule-bule, bulhufas, bumba meu boi, bunda-mole, buraqueira, burra de padre, burrinha (3), burro, butiá;

Caá (2), caapora (2), caatinga (2), cabeça, cabeça-chata, cabeça (3), cabeça de bagre (2), cabeça de negro, cabeça-de-prego, cabeça-inchada (2), cabeceira, cabelo de anjo, cabeluda (2), cabeludo, cabineiro (2), baboclada, caboclinho (2), caboclo (5), caboclo d'água, cabodá,

cabos-brancos, cabos-negros, cabra, cabra-cabriola, cabreiro, cabresto (2), cabrita (2), cabrocha (3), cábula, cabuloso (2), caburé (2), caçamba (3), caça-níqueis (2), cação-torrador, caçar (2), cacareco, caça-submarino, cacauicultor, cacetada (2), cacete, caceteação, cacetear, cachaça (3), cachaceiro, cachado, cachear, cachimbo, cacho, cachorra (2), cachorrada, cachorra da palmeira, cachorrice, cachorrinho d'água, cachorro, cacica (2), cacique (2), caçula, cacunda (2), cadê, cadeira, caderneta, cafajestada (2), cafajeste (2), cafarnaum, café, cafeicultura, cafetão, cafetina, cafezinho (2), cafofo (2), cafonice (2), cáften, caftina, cafua, cafuné, cafuzo, cagada (3), cagão, caiçara (3), caído, caidor, caimento, cainamé, caindo das molas, caipira (4), caipirada (2), caipirinha, caipora, caiporismo, caixa-alta, caixeta, caixinha, caixote, cajual, calango, calcanheira, calço, calçola, calda, caldo, calibragem, calibrar, calisto², caló, calombo (2), calundu, calunga (3), camará, camaradagem, cambará, cambaxirra, cambidas, cambista, cambota, cambucá (2), Cambuci (2), cambuzeiro, camburão, camelô, camisola, camorra, campeação, campeio, cana¹, cana², canastra¹, canastrão, canavieiro (2), cancha (4), cancheador (2), cancheiar, candango (2), candeia², canela de veado, cangaceiro, cangapé, cangoeira (2), canhão, canhoto (2), canicurá, caninana, canindé, caninha, canitar, canja (2), canjarana (2), canjerana (2), canjerê (3), canjica (2), canjiquinha (2), canoa (4), cansação, cantada, cantador, cantar, cânter, cantoria, canudo (2), caolho, capadócio (2), capanga (2), capão², capenga (2), capeta (2), capiango, capiau, capilé, capim (2), capina, capinador, capinzal, capitão de bandeira, capitão de corveta (2), capitão de fragata (2), capitão de mar e guerra (2), capitão do mato, capitari, capoeira² (8), capoeirada, capoeiragem (2), capoeirar, capoteiro, cara (10), cará (2), caracará, caracu, cara de pau, caradurismo, caraíba, carajá, caralho, caramboleira, caraminguá, caraminguás (2), carancho, carango, caranguejeira, carão², carcará, cardeal, careta, caretice (2), carijó, carimã (2), caritó (5), carnaubeira, carne, carneador, carne de sol, carnegão, carne-seca, caroá, caroba, carona (3), carpete, carpidor, carpina, carqueja, carrapato, carrapicho (2), carreador (4), carreata, carregação, carreirista (2), carreta, carrinho, carroça, carroção, carrocinha (2), cartaz, cartola, caruana, casa-grande, cascabulho, cascalho (2), cascadeante, cascadeiro, cascuda, caseador (2), casório, casquinha (2), cassino, cata, catapora, catapulta, catatau (2), catimba (2), catimbar, catinga¹, catinga², catingar, catingueiro (2), catira, catirina, catiripapo (2), catopê, catucada, catucão, catucar (4), caubói, cauim, cavação, cavalaria, cavalariano, cavalgação, cavalo, cavalo de pau (2), cavalo de três pés, cavaqueira, caveira, cavucador, caxambu, caxeta, caxias, caxinguelê, caxixi¹, caxixi² (3), caxumba, CDF, cê-dê-efe, cédula, cegonha, cengarista, centena, cera (2), cereja, cernambi, cerol, ceva, cevar, chá, chácara (2), chacareiro, chacoalhar (5), chalana, chaleira, chaleirar, chamador, chamego (4), chanchada,

changador, chapa (4), chapa de pé, chapéu (2), chapéu de couro, charanga, charqueador (3), charquear (2), checagem, chegador, chegada, chega pra lá, chegar, cheiro, chibamba, chibata, chico (2), china², chincheiro, chipa, chiqueirador, chispar, chocalho-de-cascavel, chouto, chumbinho (2), chupador, chupa-ovo, chupeta, chutador, cica, cidade, cidreira, cinchador, cipó, cipoal, circunstância (2), ciscador, ciscar (2), cisco, cisma (2), cismador, cismar (4), ciumada, classe, clicar, clientelismo, cobertura, cobra-jabutí, cobra-norato, cobu, cocada-puxa, cochicho (3), cochilo, coco³ (2), coco-peneruê, cocorinha, cocorote, coice de mula, coió, coisar, coiteiro, cola¹ (2), colar³, colarinho, colarinho-branco, colchão de noiva, coletivo (2), colher¹ (2), colônia¹, colonial, coluna, comadre, combogó, comerciário, cometa, comigo-ninguém-pode, comilança, compactar, compensado, comprovante, comuna, concessionária, concretar (2), condenado (2), condoreiro, confeitaria, confete, confirmador, conformismo, congada, congestionamento, congestionar, conglomerado, congo, congonha, congusta, conjurado, conscientização, conselheiro, consumição, conta, contábil, contagem, contenção, continuísmo, conto do vigário, contra, conveniado, conversa (2), conversadeira, coque³, coradouro, corda (2), cordão, cordel, coreia¹, coroa (3), coroar, coroca, coroconô, coronel¹, corpo-seco (2), corre-corre, corredeira, córrego, correição, corretivo, corrido, corriola, corroló, corrupção, cortacapim, cortar, corticina, cortiço, corujão (2), costeleta, costurar, cotário, cotonicultor, coturno, courear, crasear, cravado, cravador, crediarista, crente (2), cretino, cri-cri (2), cristo, crivador, cromo, cruz, cruza, cuca, cu de ferro, cueca-virada, cuidar, curadá, curandeirismo, curare, curau, curiango (2), curiboca, curimã, curupira, cuscuz-paulista, cusparada (2), cuspidor, custar, custoso (2), cutia, cutucada, cutucar (3), cuxá, cuxiú;

Dália, dama (2), dama do paço, danado (2), dançador, dança dos velhos, dançar, dançarino, dar, débil, debiloide, debochar (2), deboche, décimo, dedar, dedurar, defeito, defender, degolar, deletar, dengué, dente de cão, dentuço, dependência, derivativo, derrama, derrame, derrapagem (2), derrubada (2), desadorar², desafeto², desafio, desandar (2), desarvoramento, desarvorar, desbarrancado, desbarrancamento, desbaste, desbundante, desbunde (3), descadeirado (3), descolar, desconfiômetro, desconversa, desconversa, desembestar, desencalhar, desencalhe, desfibrador, desfilar (2), desflorestar, desgovernado (2), desgoverno, desgraceira (2), desincorporar, desinfetar, deslanchar, desligado, deslumbrado, desmanche (2), desmobilier, desmunhecado, desmunhecar (2), desova, despencar, despencar, despropósito, destorcedor, destrinchar (2), desvanecido, desvanecimento, detento (2), diana, dilogum, diplomação, disparador, disparar, disparate, displicência, displicência, disponibilizar, disposto, dito-cujo, divisionário, dizer, dobradinha (3), dobrado, dodói (4), dolorosa, dom-dom,

domingueira, dona, dona de casa, dondoca, dopar (2), dormir (2), dose, DR, dragão, dublê, durão, durex, dureza, duro (2);

Eco sondador, efó, égua, eleitorado, embalado², embalado, embalo (2), embananar, embarcar (2), emboaba, embolada, embono, emborcar, embromar, embutido, empacar (2), empalhador, empanado¹ (2), empapucar, emparedado, empena, emperiquetar-se, empetecar, empombar, empregada, empreguismo, empreiteira, empresada, emproar, empulhação, empurra-empurra, encaçapar, encafifar, encalhe, encamisada (2), encanar², encapetado, encardido, encarna, encarnar, enchiq ueirar, encilhamento, encontro, encordoamento, encostar, encouraçado, encrenqueiro, encucado (2), encucar, enduape, enfarruscar, enfat iotar-se, enfestado, enfezado, enfiada, enfiador, enfoque, enforcado, enfunação, engabelar, engabelado, engabelador, engabelar, engano, engavetar (2), engenho (2), engenhosidade, engomadeira, engorda, engrossamento, engrossar, engrupir, enguiçar, enjoado (2), enquadrado, enquadrar (2), enrustido (2), enrustir, ensacador, ensebado (2), entendido, enterrada, enterrar, enterro, entocar, entrada, entrado, entrar (2), entrecosto, entrefalar, entregadeira, entregue, entreperna², entrevero, entrombar, entupigaitar, enturmar, envelopamento, envelopar (2), envenenado (3), enxerimento, erva (2), erva-de-passarinho, ervateiro, esbagaçar, esbaldar-se, esbarrada, esbarrão, esbarro, esbodegado, esbodegar (3), esbórn ia, escalar², escanteio (3), escantilhão (2), escapulida, escarnar¹ (3), escolado (2), escolha (2), escolinha, escorão, escornar, escorredor, escorrimento, escote, escovado, escrachado (2), escrachar, escracho, esculachado (3), esculachar (2), esculacho, esculhambação (3), esculhambado, esculhambar (2), esferográfica, esfregar, esfumaçar, esmolambado, esmoler, esnobação, espancador, espantado, espardeque, espetacular, espeto, espiada (2), espia-maré, espinafração, espírito, esponja, esporro (2), esportivo, esquema, esquipado², esquiva, esse-dobrado, estaca (2), estafeta, estalar, estalo, estampado (2), estapear, estaqueador, esticador, estilingue, etiquetador, estirador, estocável, estoque¹, estória, estorrador, estourado, estouro, estradeiro (2), estrelar, estrelato, estrelismo, estrepar, estrepolia (2), estrilar (2), estrilo (2), estrompar, estrupício (2), estúdio (3), estufar² (2), estupidez, estúpido, estuporante, esturro, eta², etnologia, evangelista, expedicionário, expurgo, extorsivo;

Faca (4), faceiro, faiscação, faixa (2), fajuto (2), falação, falador, falhado, falseta, familiá, farinha, farol, faroleiro, farrear, faturar, favela (2), federal, fedido, feijão com arroz, feijão de tropeiro, feijão-tropeiro, feijão-virado, feiura (2), fera, feridento, ferrado, ferragista, ferrar, festivo, figura, figurinha, filar, filé (2), filha de santo (2), filho de santo, finca, finta, fintador, firula, fisgar, fisiologismo, fissura, fissurado, fiteiro², flauta (3), fletaço, flete, flora,

florar, flor-da-quaresma, flor-do-imperador, floreiro, foca², foder, fofão, fofo, fofocar, fogo (2), foguete, fogueteiro, fole, folgador (2), folgar, folha, folha-seca, folia de reis (2), fone, footing, forca, formicida, formidável, forra, forração (2), forró (2), fortuna, fosfórico (2), fósforo, fossa, franga (3), frasqueira, freada, frevioca, frevo (2), fria, fricote, fricoteiro, frila, fritas, frouxo, fubá, fubica (2), fuçar, fumaçar, funcional, funerária, fura-bolo, furada (3), furão, furo, furreca (2), furrundum (2), fusca, fusível, futrica, futricar (2), futucar (3), fuxicar (2), fuzileiro, fuzuê;

Gabarito (2), gabiru (2), gafanhoto, gaita (2), gajo, gala², galalau, galego (2), galena, galera², galetto (2), galho, galhofa, galinha (2), galinha-morta (2), galopante, gamação, gamar, gambeteador, gambetear (2), gambeteiro, gameleira-branca, gancho, ganhador, ganhar, ganzá, gapuiador, garagista, garapa, garfar, gargantear, garimpagem, garnisé, garoar, garrar, gasosa, gastura (3), gata, gatil, gaitinha, gato (2), gatunar (3), gauchada, gaucharia (5), gazeteiro¹, gazeteiro², gelado, gelo, gemedeira, general (2), gênero, gengibirra (2), genial, gentalha, gentarada, gente, gentinha, gestar, gibão¹, gibi (2), gigantão, gigolô, ginete, ginete, ginga (2), gingado, gira, glosar, gogó, gol (2), golaço, goleada (2), goleador, golear, goleiro, golpe, goma, gôndola, gongá (2), gongo, gorjala, gororoba (2), gostosão, gostoso, gostosona, gozação, gozado, gozador, gozar (2), gozo (2), graduação (2), graduado (2), graduando, grã-fino, grampear (2), gravata, grilado, grilar (2), grilo, grima, gripado, gripar, grosso (2), grotta, grotão (3), grudar, grude (2), grude de goma, grupo, guabiroba, guaiamu, guandu, guará¹, guará, guaraná (3), guarani (4), guarda-cancela, guardador, guardados (2), guariba, guarnição, gude (2), guenzo, guia, guitarra, guizo-de-cascavel (2), gunga, gupiara, guri, guria (2), gurizada, guru;

Hidramático, hidrante, horror, hortifrúti;

Iaiá, ialorizá, iâmbico, Iansã, iara, iatismo (2), ibope (2), ica, içá, icapirira, ideia, Iemanjá, içaçaba (2), igapó, igara, igaratim, igarité, ilê, imbuzada, imobiliária, importador, importância, impossível, imprensa, impresar, inácia, incelença, incorporação (2), incorporador (2), incorporadora, incorporar, indianismo, indigenismo, indigenista, industrialista, industriário, inflador, informal, informalidade, inhaca, inhambu, inhame (2), inspetor, integralismo, interclube, interiorano, interpartidário, interurbano, intervenção, interventor (2), intrigado, intrução, intrujar, invasão, invernação, invernador, invernista, inverno, invocado, invocar, inzona, inzonar, inzoneiro, inzoneiro, ioiô, ioruba, ipê, ipecacuanha, ipê-rosa, ipueira, ir, irara, iroco, iscar, isolar (2), itá, itaoca, itapeba, itararé, ité, iúna, ixé;

Jabá¹, jabá², jabaculê (2), jabota, jaburu (2), jabuticaba (2), jabuticabal, jacá, jacami, jacamim, jaçanã, jacarandá (2), jaci, jacuba (2), jacundá (2), jacutinga, jaguatirica, jagunço,

jamanta (3), jamegão, Janaína, janaú, jangada, janhar, jaraguá, jazida, jeca (2), jeca-tatu, jegue, jeito (2), jembê, jequi (2), jequitibá, jereré, jerimum, jiboiar, jiló (2), jiloeiro, jirau (3), joaninha, joça (2), joelhada, jogo (2), juá (2), juazeiro, jucá, juçara (2), judiação, judoca, juquiri, jurado, jurema (2), juriti, jurubeba, jurujuba, justa²;

Kombi;

Labatu, laço, lacraia, ladainha, lagarta-de-fogo, lagartear, lagarto, lajoteiro, lambada, lambança (2), lambari, lambedor, lambe-lambe, lamber (2), lambiscador, lambugem, lambuja (2), lambuzada (4), lambuzeira (2), lança-perfume, lancheiro (2), lanchonete, langanho (2), lanterna, lanternagem, lanterneiro (2), lanterninha (2), lapinha, laquear, laranjeiro, largada (2), largado (2), lascar, latejo (2), latomia, lavada, lavador, lavadora, lavratura, leão, leão de barca, leão de chácara, legal (3), legume, leiaute (2), lelê¹, lelê², lelê³, lençol, lendário, lenha (4), lerdice, lero-lero, lesado, leseira (3), lesa, levada, leva e traz, lhufas, liberação, liberar, líbero (2), licenciatura, lida², ligar, ligeireza, ligeireza, limpa (2), limpar, limpa-trilhos (2), língua de gato, língua de sogra, língua-suja, linha (15), linha-dura (3), liso, lista, litorina, lixador, lixão, lixar, lixeiro, lobinho, loco, locomotiva, logrador², lombada, lombrigueiro, lorde, lorota, loroteiro, lotação, lote, loteado, lotear, loura, lúmpen, lundu (2), lustroso, luta, luxento, luxo;

Macaca, macaco (2), macarronada, macaxeira, macegal, maceió, machado de âncora, machador, machucador, maconheiro (2), macuco, macumba (2), mãe-d'água, mãe de santo, mãe de terreiro, mãe do ouro, mães do bicho, magazine, magérrimo, magrelo, mais-valia, maitaca, maiúsculo, majoração, majorar, mal, mal-agradecido, malandragem, malandro, malcasado² (2), mana, manacá, mancada, mancar, mandacaru, mandu (3), maneiro-pau, manete (2), mangar, mangueador, maniçoba, manjado, manquitolar, manta, mantena (2), manzape (4), mão, mão-boba (2), mão de cabelo, mão de vaca (3), mãozinha-preta, mapeamento (2), mapinguari, maquiador, maquiné, marabá (2), marabaxo, maracá, maracujá, maragato (2), marajá¹, marchacaminheira, marchador, marchinha, mar de almirante, marechal (2), marechal de campo (2), marechal de exército (2), marechal de ar (2), maresia, maria-fumaça, maria-sem-vergonha, maria vai com as outras, mariola, mariposa (2), mariscada, mariscador, maritaca, marmelada (2), marmiteiro (2), marola, marombar, marruá, martelo, martelo de chão, martelo-voador, mascarar, mascate, massacrante (2), massacrar, massapê, mastruço, mata-bicho, matado, mata-piolho, matar (2), mateiro, matetê, matinador (3), matintapereira, matintaperera, matraca, matula², matutagem, matuto (2), maxixe¹, maxixe², média, medição, médio (2), medrar², meia-armador, meia-direita, meia-esquerda, meia-lua, melado¹ (2), melador, melar, meleca (3),

melhorada, membitarará, membixuê, menino, menino-branco, menina, mensalão, mentirada (2), mercurocromo, meridiana, mesário, mesquinhador, mesquinhar, mestre, mestre-sala, metido, metragem, metrô, metroviário (3), mexerica, mexeriqueira, micareta, michê (3), mico¹, mico², mico-leão, mico-leão-dourado, micreiro (2), micro-ônibus, milhagem, milonga, mingau, minhocão, ministro, minuendo, misto-quente, mitrado, mixar (2), mixaria, mixuruca, mocambo (2), mocinho (2), mocotó (3), modernoso (2), modinha, modista², moendeiro, moita (2), molambento, molambo (2), molecada (2), molecagem, moleque, moleza, monjolo, montado, montadora, montaria, moquear, moqueca, moquém (2), moral, morar (2), mordedor, mordida (2), mordido (3), mordomia, morrer, morrinha (3), morrinhento (3), morto carregando o vivo, mosca, mosquetão¹, motel, motobói, motociclista, motoqueiro, motorista, motorneiro, mourão, movimento, muamba, muambeiro, mucama, muçua, muçum, muçurana, muçuruna-maracá, mudança, mula sem cabeça (2), mulher-dama, mulundu, múmia, mundão, mundaréu, mundícia, munguzá, munhecação, muque (2), muquirana, murmuré, murua, murucu, músico (2), mutreta, mutuca, mutum, muxiba (3), muxoxo (2);

Nagô, namorado, natalino, nativista, natureba, navalha, neca (2), negativa (2), nego (4), nego-bom, negócio, negociista, negrinho (2), negro-velho, neném, neres, nhe-nhe-nhem, nó, nordeste, norte, noticioso, noturno, noveleiro, novidade, número (3), nutricional;

Obsedante, observador, obstaculizar, oca, ocara, odontolando, oferta, ogã, Ogum, oi (2), oitava de final, olheiro, olho, olho de boi, olho de gato, ombrã, onça², onda, onfuá, órbita, orelhada, orelhão, orquidário, osga, osso, otorrino, ouriço, ouro, ouvido, ovado², Oxalá², Oxoce, Oxum;

Paca², pacamão, paçoca (2), pacova, pacu-azul, pacuera, padaria, padoleiro, pagode (2), pai de terreiro, pai dos burros, paina-do-arpoador, paiol, paisagista, pajé, pajear, pajem (2), pala¹, palheta², palmada, palmeador, palmear, palpíte, pamonã, pamonha, pampa, panaca, panca, pancada (2), pançudo, pandeirista, pandeiro de boi, pandorga, pandulho, panelada, panfletagem, panfletar, pangaré, panificação, pantaneiro, pantera, pão de minuto, pão-duro, papa-defunto, papa-fila, papagaiada, papagueador (2), papai, papa-ovo, papa-terra, papeira (2), paquera (2), paqueração, paquerador, paquerar (2), pacote (2), parabenizar, parada (3), parador, parador, paraná, paraquedista, parati (2), paredismo, pareô, pargo, parição, parnaíba, paróquia, par ou ímpar, parte, pasmado, passador (2), passaralho, passarinho, passeata, passista, pastoreador, pastoril, pastorinha, pataca (3), patativa, patricinha, patriotada, patrocinador, pau-d'água, pau de arara (2), pau-pereira, paulificação (2), paulificar, pavuna, peão² (2), pebolim, pé-d'água, pé de anjo, pé de moleque (2), pé de vento, pedido, pedra de raio, pedreira, pê-efe,

pê-eme (2), pé-frio, pegar, peia, peitaria, peito, peito de forno, peixeira (2), peixinho, pelanca, pelar², peledor, pelego, pelo², pelota, pendurar (2), pentelhar, pequena, pé- quente, perambular, pé-rapado, pera uva e maçã, pereba, perequeté, perereca, pererecar, perfumaria, perfuradora (2), periferia, periquito, permanente, pernada (2), perna de pau, perneiras, pernetta, pernoite, peroba, perrengue (2), peru, perua, peruar (2), pesada (2), pesado, pescar, pesca-siri, peste (2), petardo, peteleco, petequiar, petisqueira, petroleiro, peúva, pezada, piaba, piaga, picadeiro, picaretar, picaretagem, pichação (2), pichador, pichamento, pico, picolé, picotador, picuá (2), pifar (2), pífar (2), pileque, pilequinho, pincho², pindaíba, pindoba, pinel, pinga, pingente, pingo, pinguço, pinhé-pinhé, pinico, pinoia (2), pinote, pinta, pintar, pinto (2), piolho-mastigador, piolho-sugador, pipocar (2), pipoco (2), pique-baixo, pique-cola, peque rabo emenda, piquete, pira² (2), pirado, pirambeira, piranha (2), pirar, pirarucu, piriri, piririca (2), piroca, pirralhada, pirulito, prisadeira, pisão, pisoteio, pistolão (2), pistoleiro, pitar, piti, pito¹, pito², pitoco, pitomba, pitombeira, pitu, pium, pivete, pixaim, pizza, pizzaria, plá (2), plantel, plantonista, plastificadora, plotar, pobre-diabo (2), podrão, poeira (6), poleiro, polichinelo, polícia e ladrão, poltrona, pomba-amargosa, pomba-de-espelho, pomba-do-cabo, pomba-galega, pombagira, pomba-lesa (2), pomba-trocal, poncã, ponta, ponta-cabeça, ponta de lança, ponta-direita, ponta-esquerda, ponte, pontilhado, pontinha, populista (2), poracé, porão, poraquê, porção, pornochanchada, porrinha, porta-balcão, porta-estudante, posseiro, postar², posto¹ (2), pote, potoca, potocar, potrada, potranca (2), potranco, potreação, potreador, potrear, potro, prajá, prancha, prazeroso, prebenda, preceito, prefeitura, pregada, pregado (2), pregar¹, prejuízo, preparado, preparo (2), preposto, pré-primário, presepada (2), pressão, presunto, pretejar, prévia, previdenciário, prise (2), produzir, professorando, profissionalismo, programa, prolar, prontuário (2), prosar, proseador, protagonizar, protocolar², puçá, puçanga, puladinho, pule (2), pulgueiro, pulo do gato, pulo do macaco, punguear, punguista, punheta de estudante, pururuca, puta, puto (2), puxada, puxador, puxamento, puxa-puxa (2), puxar, puxa-saco, puxa-saquismo, puxeta;

Quadrilheiro (2), quaraci, quarador, quaradouro, quarar, quarta de final, quarto (3), quatrocentão, quebra, quebrada, quebrado, quebrador, quebra-galho, quebra-pedra (2), quebra-resguardo, quebras, queda de braço, queda de quatro, queda de rim, quede, quedê, queima, queimado, queimar (3), queixada, queijada, quem vai ao ar, quenga, quengo, quentão, quentinha, quero-quero, quiabada, quibebe, quicar, quilombo, quina³, quindão, quindim, quinta³, quipá¹, quipoqué, quitanda, quitandeiro, quitute, quituteiro, quixaba, quixabeira;

Rabear, rabeca, rabecão, rabicho, rabo (2), rabo de arraia (2), rabo-de-cavalo, rabudo, rabudo, rábula, rachar, radiouvinte, ralação, ralar, ramalhão, rancuãiangue, rango, ranzinzar, rapar, rapariga, raspador, raspar, rastaquera, rasteira, readaptação, reajustado, realizado, realizar, rebaixamento, rebarba, rebenque, rebolado, rebordosa (2), rebu, recalcado (3), recauchutar, recepcionar, recepcionista, reciclagem, reciclar, reclame, reclassificação, recondicionar, recortado (3), recrutador, redingote, reduzir, refugador, refugar, rego, regulagem, reinação, reinador, reinar, reisado, relacionamento, relapso, relógio (3), remarcar, remediar, remelexo, remexer, removedor, render, repartido, repassador, repasse, repolego, resguardo, resmungo, ressaca (2), restolho, retificado, retirante, retorcida, retorno, retrasado, retrato, retreta, retumbão, revertério, revirado, rezador, rinhar (2), ripar (2), riscado, riscador, ritmista (2), rixento, roça (2), rocambole, roda, rodada (3), rodado (2), roda-gigante, rodamoinho, rodar, rodeio (2), rodízio, rodomoça, rodoviário, rolagem, rolar, rolê, rolete (2), rolimã (2), rolinha, rolo, romance, romeu e julieta, roncador, rosetar (2), rosquear, roubada, roubalheira, roubar, roupa-velha (2), rubro-negro (2), ruço (2), rusguento (2);

Sabável, sabiá, sacador, sacar, saçaricar, saçarico, saci, saci-pererê, saco, sacolé, sacoleiro, sacramentado (2), sacramentar, sacudido (2), safadeza, safo, sagui, sagui-imperador, saião, saideira, sairé (3), salarial, salseiro, salto do palhaço, salto-mortal, samambaia, samba, samba-canção, sambaqui, sambar, sambódromo, sambongo, samburá, sangue-novo, santantônio (2), santo-daime (2), são-bento-grande (2), são-bento-pequeno, são-salavá, sapecagem, sapecar¹ (2), sapo, sarará (2), sardinha, sarmiento, sarrafada (2), sarrafo (2), saveiro, sebo (2), seboso, seca (2), secar (2), seco, secretariado, sediado, segurador, selecionado, sem-vergonha, sem-vergonhice (2), senhorita, sentador, sentar (2), senzala, separa o visgo, sequestro, serelepe, sereno, seresta, seridó (2), série, seriema, seringueiro (2), serpentário, serrador (2), sertão, serviço, sestroso, sexador, showmício, siderúrgica, sinaleira, síndico, sinhá, sinhá-moça, sinhô, sinhô-moço, sinhozinho, sinimbu, siricaia, sirigaita, sirizada, sistemático, sitiante¹, soca, socador (3), social, socó, socorrista, sofisma, sofisticado, sofisticar, sofrê, sojoada, solado, solador, solar³, solau², soldo, solferino (2), solitária, soltada, som (2), sombrinha, sopa, sortudo, sota-proa, sovado, suã (2), subestimar, submundo, subprocurador, subsídio, sucateamento, sucatear, sucesso, sudeste, suéter, sufoco (2), sul, sulista (2), superlotação (2), superlotado, superlotar, supervisionar, suposto, surfar, surfista, surtar, suru, suruba, swing;

Tá, taba, tabaréu, tabatinga, tabelar, tablete, taboca, tacana, tacapaço (2), taco², taipa, tala, talagada, tamanduá, tamaquaré, tamarana (2), tamoio, tampado (2), tanajura, tapagem,

tapeador, taperebá, taponá, tapuia (4), tapuio, taquaral, taquaré (2), taqueador, tarimba, tarimbado, tarozeiro, tartarugada, tascar, tasco (2), tasquinha, tataral, teiru (2), telefone sem fio, telejornalismo, telenovela, televisinho, tempo (2), tempo-quente, tempo-será, tendinha, tenência (2), terreiro, terreno, tesão, tesoura, tesoura de costas, tesoura de frente, testada, tesudo, teteia, tevente, tia, tico, ticuanga, ticumbi, tietagem, tiguera (2), tijuco (2), timba, tinhorão, tinhoso, tipiti, tipoia, tira, tirador (2), tira o chapéu, tiririca, tiro de guerra, ti-ti-ti (2), toalheiro, tocado, tocaia, tocar, tolete, tombador, tombar², tombo¹, tombo da ladeira, tômbola, tontinha, topar, topete, toque, torcedor, torcer, toré (4), tori², tornada¹, torniquete, toró¹, toro², toró³ (2), torocana, tororó, torpedo (2), torração, torrar (3), torrinha, tosse, totalizador, touca, trabalhista, trabuco, traçador, tracajá, tragada, traíra, trambicagem, trambicar, trambique, trançado (2), tranca-ruas, tranco, transa, transistor, traquejar, tratorista, treco (2), trela, treliça, trena, trepada, trepador, trepar, trevo, tricolor (2), trinca², trinque, trinta-réis, trio, tripé, triplicata, triscar, triticultura, troça, trocador, troço (2), trole, tróibus, tromba, trombadinha, trompaço, troncho, tropeiro, tropicalismo, trote (2), trumbicar-se, tuavi, tubinho, tucano, tucho, tucum (2), tucumã, tucunaré, tucupipora, tuia², tulipa, tumbança, tupã (2), tupi, tupia, tupinambá, tupiniquim (2), turbinado, turco, turfista (2), turno (2), turuna, tutameia, tutu¹, tutu², tutu³, tuxaua (2);

Uacari, uaiá, ubá, uca, ué, ufanismo, uiara, uirapuru, ululante, uluri, umbanda, unha-de-gato, união, urapará, ursada, urucu, urucubaca, urucuzeiro, urundeúva, urupema, urutu, usina (2), utilitário, uvaia (2);

Vaca-preta, vacilada, vacilão, vacilo (2), valer (2), vaquejada (2), vaquejador (3), vaquinha, varapau, varejão, varejar, veadeiro (2), veado, velhaqueador, velocista, velório, verde-amarelo, verdozo, vereda, vesperal, vexado, viatura, vida, vidrar, vigarista, violão, visagento, visual, vitamina, vitrinista, viúva, vivaldino, voador (4), você, vogar, volteador, voo de morcego, voz (3), vulcanizador;

Xadrez, Xangô, xará (2), xarelete, xaréu, xaropada, xavante (3), xaveco (2), xaxado, xaxim, xenxém, xepa (2), xepeiro, xerém, xereta, xexelento (2), xexéu (3), xi, xilindró, ximango, ximbé, ximbeva, ximbica (2), xingatório, xique-xique, xixi, xodó (3), xongas, xoxota, xucro;

Zé-pereira, zero-bala, zoar (2), zorô, zorra, zumbi, zum-zum (2), zura, zureta.

Galicismo:

Amerissar;

Estrela.

Lusitanismo:

Bicha, botão de ar;

Cabecilha, camisola, cancro, chumbar, cimeira, comboio, congeminar¹;

Enchido;

Fato², freguesia;

Paneleiro, peúga, puto;

Troço.

As marcas diatópicas de regiões brasileiras são:

Amazônia:

Bidó, boiador, boi-bumbá, boiuna, boiuna;

Caapora, caba, capitari;

Golpe;

Igarapé;

Jacumã (2), jacundá, jequi, jimbanda;

Mães do bicho, mapinguari, matintapereira, matintaperera, mojica, muiiraquitã;

Peito de forno;

Saci;

Tamaquaré;

Visagento.

Centro-Oeste:

Adão;

Escornar, espancador, estirador;

Grilar;

Mão de vaca.

Leste:

Paina-do-arpoador.

Norte:

Abóbora, abusado, abusar, abuso, arabu, arrastador (3);

Bolandeira, boléu (5), brocador, buchada;
Cabra-cabriola, calisto², candeia², carne de sol, chiqueirador, congo, corroló, curau,
curiboca, desadorar²;
Embono;
Goma;
Imbuzada, inverno, itapeba;
Jerimum;
Levada;
Macaxeira, manzape (2), munguzá;
Osga;
Pacova, papeira, parição;
Roncador;
Ubá;
Xique-xique.

Nordeste:

Abóbora, abusado, abusar, abuso (2), acavalado, acerto, acuado (2), aguado, alvarenga,
arrastador (3), arrochar, azeitado;

Babão, baião, baião de dois, baitola, bambiá, baseado¹, bedegueba, bolandeira, bolo de
rolo, breado, brote, buchada;

Cabeça-inchada (2), caboclinho, cabra, cabra-cabriola, cachado, calango, calçola,
cantador, cantoria, caritó (5), carnaubeira, carne de sol, caroá, carrascal, chá, chegada, cheiro,
chiqueirador, chouto, coiteiro, congo, coreia¹, curimã, curinga, curió, curiosa, curra, currar,
curtição (2), curtumeiro;

Desbaste, desfibrador, desvanecido, desvanecimento, diana;

Embolada, embono, empanado¹ (2), enfiado (2), ensebado, estropício, faca, finca,
fiteiro², fivela, flagra, florar, fole, fubá;

Gabiru (2), gala², galego (2), ganhador, garapa, gastura (2), gemedeira, ginete, goma;

Incelença, inverno, ixé;

Jabá¹, jangada, jequi, jerimum;

Lapinha, latejo, leseira (2), logrador²;

Macaxeira, maceió, malcasado² (2), manzape (2), mão de vaca (2), marcha-caminheira,
meninico, micareta, moendeiro, morto carregando o vivo, munguzá;

Nego-bom;

Osga;

Pacova, panelada, papeira, pacote, parição, parnaíba, pastoril, patrona, peia, peixeira (2), picadeiro, picadinho (3), picão (2), picareta, pinto, pomba-lesa (2), pote, pregado;

Quebra-resguardo, quenga, quibebe, quixabeira;

Rapariga;

Sambongo, seca, suposto;

Tarozeiro, tarrafeiar, tombador;

Ubá;

Vaquejador, verduoso, vereda, vexado.

Noroeste:

Abuso (2).

Sul:

Abeirante, adão, agarrador, alçado (2), amanonsiador, amanonsiar, anu, apartador, armada, arreador;

Baianada, banhado, barrigueira, baseado¹, bergamota (2), bergamoteira (2), brote;

Cancheador, cancheiar, carpidor, catira, chamador, charqueador (3), chegador, colônia¹, cruza;

Derrame, disparador;

Empalhador, enrabichado, entrado, ervateiro, escornar, espancador, estirador;

Ginete, guaíba;

Invernação, invernador, invernista, itararé;

Lancheiro, lombada;

Mangar, mitrado, morrinhento (2);

Negrinho;

Palheta², passador, pavuna, pincho², potrada, potreação, potreador, potrear;

Recrutador, repassador, repasse;

Sitiantes¹;

Velhaqueador, vulcanizador.

Sudeste:

Cabelo de anjo;
Grilar;
Lombada;
Rodado.

As marcas diatópicas de estados brasileiros:

Alagoas:

Abrochar, afolozado;
Cachorra da palmeira;
Enfiador;
Grude de goma;
Matinador;
Quiabada.

Amazonas:

Aruanã;
Batelão;
Cabrocha, cainamé, cavalgação, cunhã (2), curadá, curumim;
Emproar;
Gambarra, gapuiador;
Jacundá;
Ombrã;
Paroara, piracema (2).
Raspador;
Sairé (2);
Tacacá, tartarugada, ticuanga, toada, toró³, tucupipora.

Bahia:

Abará, acarajé, afofié, afoxé (2), ajucará, ajudador, anderesa, apanha o bago, arigofe (2),
arrancador;
Babá², badofe (2), batuque, batuqueiro;
Caxixi², chapéu de couro, cuscuz;
Dança dos velhos, dengué, desleitar;

Empachado, emparedado;
Fofão;
Grima;
Jagunço;
Labatu, lambedor, leão de barca, lenhar;
Maculelê, malê, maleiro, maleita, mal-encarado, malhado¹, malhar, maliciador, malta,
mamar, matata, mameluco, mandu, mandu, mantinha, medição, melado¹;
Punheta de estudante;
Quartinha, quente, quiabada;
Separa o visgo;
Tirador, tombo da ladeira, torço;
Vaquejador;
Xinxim.

Ceará:

Escarnar¹ (3);
Maneiro-pau;
Quarto;
Repolego;
Tumbança.

Espírito Santo:

Alardo;
Cação-torrador, casaca², conguista;
Gameleira-branca;
Jongo (2);
Ticumbi.

Goiás:

Ameixa, arranca-língua;
Bate-pau;
Cangoeira, catira, curau, custoso;
Derrame;

Encamisada;
Ganiçar;
Mantena;
Queijeiro;
Recortado, recortado;
Trem;
Volteador.

Maranhão:

Amo;
Boi-bumbá;
Cobra-jabuti, crivador;
Faca, folgador;
Lelê³;
Meão, médio;
Roncador;
Socador;
Vaquejador.

Minas Gerais:

Acuado (2), adjunto, adular;
Burro sem rabo (2);
Cabeça-inchada (2), cachão, cacheado, calango, canela de veado, canga², carrapeta,
catopé (2), cobu, coreia¹, cuscuz;
Dente de cão;
Esticador, fofão, folha;
Gameleira-branca, gigantão;
Inhaca;
Jembê, jongo (2);
Lelê¹;
Maneiro-pau, mão de cabelo;
Picareta;
Rabicó, recortado, rosetar;

Trem.

Mato Grosso:

Atiçu;

Batelão;

Chipa, curau;

Ica, icapirira, itororó;

Pantaneiro;

Recortado;

Tirador.

Mato Grosso do Sul:

Chipa;

Pantaneiro.

Pará:

Aperta a cunha;

Janaú;

Quebrador;

Retumbão, roncador;

Sairé (3), socador;

Tacacá, toada, tori²;

Vaquejador.

Paraíba:

Afolozado;

Bedegueba.

Paraná:

Anu;

Balainha;

Cancheador;

Dom-dom;

Empressada;
Folgador;
Mãe do ouro, menino-branco;
Pisadeira
Tontinha.

Pernambuco:

Abandando;
Bedegueba;
Caindo das molas, cuscuz;
Dama do paço, destorcedor;
Enfiador;
Frevioca, funje;
Maracatu, matetê;
Pandeiro de boi, pontilhado;
Quiabada;
Roído;
Toré.

Piauí:

Barba-ruiva;
Coco-peneruê;
Timba.

Rio de Janeiro:

Abadá, azarão;
Baianada, banda¹, bandalha (3), bangulê, burro sem rabo (2);
Cabeça de porco, caiçara, calango, canjiquinha, carrapeta, couro;
Ensacador, estabacar (2);
Flanelinha;
Gabiru, grupo, guardador;
Inhaca;
Jacaré, janhar, jongo (2);

Laranjeiro, linha, lotada;
Mafuá (2), malta, maneiro-pau, mantinha, mariposa, mercadinho, merendeira, milícia,
morro;
Negro-velho;
Piscinão, prontidão;
Tira o chapéu;
Voador;
Ximbica.

Rio Grande do Norte:

Catana.

Rio Grande do Sul:

Acrioulado², acrioular, alvoroçado, alvoroçar, alvoroço;
Boizinho, boleadeiras, boleado, bolear¹, bomba, bombachas, bombeador, bombilha;
Cabresto (2), carneador, carnear (2), carreirista, carreteira, changador, charquear,
chimarrão, courear, cravador;
Desguiar;
Enchiqueirar, enterro, entrevero, escorredor, estância², estaqueador;
Faca, fazedor, fervido, fletaço, flete;
Gameleira-branca, garrucha, gaucharia (5);
Industrialista, inflador;
Laçador, látigo;
Mangueador, marrão³, mesquinhador, mesquinhar, milonga (2), minuano, mutreita;
Negrinho;
Pago², pala², pangaré, parador, parador, paradouro, parelheiro, parte, pastorejador,
peleador, perau, picareta, prenda;
Quadrilheiro, quartinha, querência, quipoqué;
Rancheira, recalado (3), recortado, refugador, retorcida, roupa-velha;
Seguimento, sentador.

Santa Catarina:

Balainha, boi de mamão;

Peleador.

Sergipe:

Arrancador.

São Paulo:

Aluá;

Barra, bexiga, breçar, breque;

Caiçara, carta, catira, couro, cruzeta, curau, cuscuz;

Desbarrancado;

Empressada, encamisada, espigão, esquipado², esticador;

Farol, feijão-virado, fósforo;

Garota, gigantão, goiaba, guardador, guia;

Holerite;

Jongo (2);

Laranjeiro, lavador;

Mal da terra, mandioquinha, mantena, mão de cabelo, matinador (2);

Negrinho;

Pastifício, perua, perueiro, pisadeira, piscinão (2), prontidão;

Rabicó, ramalhão, recortado, repartido, rinhar;

Semáforo;

Tontinha;

Virado;

Xaveco.

Tocantins:

Trem.

ANEXOS

ANEXO 1: DISTRIBUIÇÃO DOS ACERVOS DE DICIONÁRIOS – PNLD/2012

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino Fundamental.
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	Mínimo de 40.000 e máximo 100.000 verbetes; Proposta lexicográfica própria de dicionário padrão de uso escolar, porém adequada às demandas escolares do ensino Médio, inclusive o profissionalizante.

Quadro 1: Distribuição por tipos de dicionários propostos pelo PNLD/MEC 2012 (BRASIL, 2012, p. 19)

ANEXO 2: COMPOSIÇÃO DOS ACERVOS DE DICIONÁRIOS – PNLD/2012

Acervo	Editora	Título
Tipo 1: 1º ano do ensino Fundamental	Globo	Meu primeiro dicionário Caldas Aulete com a Turma do Cocoricó.
	Nova Fronteira	Dicionário infantil ilustrado Evanildo Bechara
	Ática	Meu primeiro livro de palavras; um dicionário ilustrado do português de A a Z.
Tipo 2: 2º ao 5º ano do ensino Fundamental	Piá	Palavrinha viva; dicionário ilustrado da língua portuguesa.
	Positivo	Dicionário Aurélio ilustrado.
	Globo	Caldas Aulete – Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo.
	FTD	Dicionário júnior da língua portuguesa.
	Saraiva	Saraiva Júnior; dicionário da língua portuguesa ilustrado.
	Dimensão	Fala Brasil!; dicionário ilustrado da língua portuguesa.
	Ática	Dicionário ilustrado de português.
Tipo 3: 6º ao 9º ano do ensino Fundamental	Lexicon	Caldas Aulete – minidicionário contemporâneo da língua portuguesa.
	SM	Dicionário didático de língua portuguesa.
	Positivo	Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa.
	Saraiva	Saraiva jovem; dicionário da língua portuguesa ilustrado.

	Nacional	Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras
Tipo 4: 1° ao 3° ano do ensino Médio	Piá	Dicionário Unesp do português contemporâneo.
	Lexicon	Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.
	Nova Fronteira	Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.
	Moderna	Dicionário Houaiss conciso.

Fonte: Brasil (2012)

ANEXO 3: CRITÉRIOS QUE SELECIONARAM OS DICIONÁRIOS – PNLD/2012

1. PRINCÍPIOS E CRITÉRIOS NORTEADORES DA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS BRASILEIROS DE LÍNGUA PORTUGUESA — PNLD DICIONÁRIOS 2012

Considerando a destinação escolar das obras, assim como a coerência entre as suas características e o Tipo em que se classificam, a Avaliação valeu-se de dois grupos de critérios: os de exclusão e os classificatórios.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

1. Os dicionários devem *privilegiar o português contemporâneo do Brasil*, tanto do ponto de vista dos vocábulos selecionados quanto da linguagem empregada na elucidação de seus sentidos e nos demais textos descritivos e/ou explicativos, inclusive a caracterização linguística e gramatical. Portanto, obras voltadas predominantemente para o léxico de outra variedade da língua portuguesa, ou mesmo escritas em outra variedade, serão excluídas do PNLD Dicionários 2012.
2. Todas as obras inscritas deverão conter uma descrição de sua proposta lexicográfica, explicitando, para o professor, as escolhas lexicográficas e editoriais que substanciem sua destinação pedagógica. Nessa descrição, deverão estar contemplados, entre outros, os seguintes aspectos:
 - o nível de escolaridade do aluno a que a obra se destina e, portanto, o Tipo em que ela pretende enquadrar-se (vide Item 3 – Da Caracterização dos Acervos);
 - o critério de seleção vocabular que presidiu à organização da obra;
 - o critério de seleção de temas, tanto em caso de obras dos tipos 1 ou 2 assim organizadas, quanto em obras dos

demais tipos que incluam campos temáticos como apêndices;

- os critérios adotados na estruturação do verbete;
- o número total de entradas;
- o número total de ilustrações;
- o tamanho e o tipo de fonte empregada.

Serão excluídas, portanto, as obras que não explicitarem adequadamente sua proposta lexicográfica.

3. Considerando-se o seu caráter pedagógico, os dicionários devem trazer, em linguagem acessível para o aluno visado, um guia de uso capaz de explicitar clara e satisfatoriamente a organização geral da obra e os recursos de localização de informações de que disponha.
4. Da mesma forma que os demais materiais didáticos, os dicionários devem colaborar para a construção escolar da ética necessária ao convívio republicano. Assim, serão excluídos do PNLD Dicionários 2012 as obras que apresentarem explicações, definições e/ou ilustrações preconceituosas ou estereotipadas.

CRITÉRIOS CLASSIFICATÓRIOS

Em sua adequação ao público visado, os dicionários serão classificados de acordo com dois blocos de critérios: os principais e os complementares.

Créteios principais

1. Representatividade e adequação do vocabulário selecionado Independentemente do tipo em que

se classifiquem, os dicionários deverão atender, em seus critérios de seleção vocabular, a dois princípios distintos e opostos: de um lado, a representatividade do conjunto de entradas, tendo-se em vista o léxico do português; de outro lado, a sua adequação ao nível de ensino e à faixa etária do alunado visado.

Nesse sentido, os dicionários de tipo 1 e 2 devem organizar-se de forma a propiciar ao aprendiz, prioritariamente,

- um primeiro acesso ao “mundo das palavras” (o léxico), em diferentes dimensões;
- um primeiro contato com o tratamento que obras lexicográficas dão à apresentação gráfica das palavras e à explicação de seus sentidos, por meio de recursos diversos.

Assim, a representatividade do conjunto de vocábulos, nesses dois tipos de dicionários, deve subordinar-se à pertinência pedagógica da seleção. Ao lado da diversidade de esferas de comunicação (do âmbito doméstico aos espaços públicos) e de campos temáticos envolvidos (dos mais próximos aos mais distantes da experiência da criança), a seleção deve contemplar diferentes graus de dificuldade, do ponto de vista da frequência maior ou menor, do significado concreto ou abstrato, da estrutura morfológica mais ou menos complexa, da extensão maior ou menor etc. Especialmente nos dicionários de Tipo 1, a seleção lexical e a explicação dos sentidos dos vocábulos devem ser adequados a alunos *em fase inicial de alfabetização*.

Os dicionários de Tipo 3 devem cobrir um conjunto mais diverso e mais complexo de lexias, estendendo a experiência do aluno para todos os tipos de palavras

(lexicais e gramaticais; simples e compostas; expressões idiomáticas; neologismos; palavras de uso restrito; etc.), e para um maior número de esferas públicas da comunicação, com destaque para *a mídia e as produções escritas destinadas ao público infanto-juvenil*, como os cadernos ou seções próprias para crianças e jovens (em revistas e jornais de grande circulação), a literatura infanto-juvenil e os materiais didáticos voltados para o ensino fundamental. A terminologia específica das diferentes áreas disciplinares curriculares do segundo segmento do ensino fundamental deve fazer-se significativamente presente.

Já os dicionários de Tipo 4 devem contemplar toda a diversidade e complexidade do léxico, tanto em relação aos tipos de lexia quanto no que diz respeito às esferas discursivas. Sem descuidar do vocabulário coberto pelos demais dicionários, devem abranger *o vocabulário da mídia, em particular a impressa, e as áreas de conhecimento mais especializadas*. Considerando-se o alunado do ensino médio, devem dar especial atenção às palavras que caracterizam *as culturas juvenis, o mundo do trabalho e o campo da política*. Os vocábulos pouco usados ou em processo de desuso, ou, ainda, que sejam característicos de uma dada região do País, devem ser assinalados como tais. Da mesma forma, o caráter chulo e/ou pejorativo de termos tabu deve ser cuidadosamente indicado.

2. Adequação da estrutura e da apresentação gráfica do verbete

Os vocábulos selecionados devem organizar-se como verbetes, apresentando, portanto, uma cabeça (a palavra selecionada

como entrada) e um enunciado (o conjunto de explicações relativas à entrada). No enunciado, a complexidade da organização interna, a linguagem empregada e a extensão total devem estar adequadas ao Tipo de dicionário. Além disso, tanto a organização geral do verbete quanto a do enunciado devem estar evidenciadas por recursos notacionais e gráficos apropriados.

No caso dos dicionários de Tipo 1, a obra poderá organizar-se em campos temáticos ilustrados, — como “o corpo humano”, “a casa”, “a escola”, “a cidade”, “os animais domésticos”, “os alimentos” etc. Esta opção, entretanto, não isentará o dicionário de apresentar definições; e no interior de cada campo, a sequência dos verbetes deve observar a ordem alfabética. Seja qual for o princípio adotado para a organização geral da obra, as ilustrações farão parte, obrigatoriamente, da explicação dos sentidos da palavra.

Nos dicionários dos Tipos de 2 a 4, a organização dos verbetes será necessariamente a usual para obras do gênero, podendo-se incluir *complementarmente*, no caso dos Tipos 2 e 3, quadros ilustrados consagrados a vocábulos de um mesmo campo temático de interesse escolar.

3. Qualidade das definições (inclusive por imagens)

As definições apresentadas para os vocábulos devem estar livres de erros. As ilustrações, quando utilizadas como parte obrigatória e indissociável das definições (dicionários de Tipo 1 e 2), devem ser pertinentes e corretas. Será observado também se as definições se fazem em linguagem acessível ao aluno visado. Nos dicionários de Tipo 3 e 4, as palavras em-

pregadas nas definições devem constar também como entradas, na obra.

4. Grafia

Os vocábulos deverão estar livres de erros ortográficos, i.e., de troca, falta ou excesso de diacríticos (como acentos e cedilha), troca, falta ou excesso de letras, falta ou inclusão errônea de hifens, ou de qualquer outro fator que afaste a(s) grafia(s) consignada(s) pela obra daquela(s) prescrita(s) pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* em sua mais recente edição.

5. Contextualização

Será observada a presença, para cada acepção, de exemplos ou abonações que auxiliem o aluno na compreensão dos empregos possíveis para dado vocábulo.

6. Informação linguística

Os dicionários de Tipo 3 e 4 devem contemplar, a cada entrada, ao menos os seguintes itens: (a) a classe gramatical, cuja terminologia técnica deverá ou pautar-se pela Nomenclatura Gramatical Brasileira ou orientar-se por critérios justificados e claramente explicitados e definidos em anexo próprio; (b) propriedades morfosintáticas (a indicação de gênero dos nomes; a indicação completa da transitividade dos verbos); (c) as irregularidades na flexão, tais como a existência de formas supletivas, de defectividade ou de abundância nos paradigmas flexionais; (d) relações semânticas com outras palavras (sinonímia, antonímia, hiperonímia, coletivos etc.); (e) dados relativos ao registro (formal / informal), ao estilo, ao caráter mais ou menos restrito do vocábulo etc.

Informações complementares, que enriqueçam a descrição linguística dos vocábulos, também serão aferidas: separação silábica, etimologia, estrutura morfológica, indicação da pronúncia culta etc.

Nos dicionários de Tipo 1 e 2, é obrigatória a indicação da separação silábica. As demais informações linguísticas, quando presentes, devem restringir-se ao essencial, em linguagem adequada ao alfabetizando.

Critérios complementares

7. Aspecto material

A obra será avaliada no que toca à qualidade da impressão, que deve ser livre de borrões, falhas, ou quaisquer problemas que dificultem ou impeçam a leitura. O papel deve permitir a leitura, sem dificuldade, de ambas as páginas de uma folha. O tamanho da fonte, o espaçamento e a diagramação deverão: a) ser adequados ao Tipo; b) favorecer a rápida localização de informações na obra, na página e no verbete. A obra será também avaliada quanto a sua resistência ao manuseio.

8. Qualidade e pertinência dos apêndices

Quaisquer que sejam, os apêndices devem ser pertinentes, tanto do ponto de vista do nível de ensino e aprendizado em jogo quanto do gênero dicionário.